ROMANCE ESPÍRITA

Pelo espírito
Hermes

Psicografia de
Maurício de Castro

O preço de uma escolha



LÚMEN EDITORIAL

ROMANCE ESPÍRITA

Pelo espírito
Hermes

Psicografia de
Maurício de Castro

O preço de uma escolha



LÚMEN EDITORIAL

Pelo espírito
Hermes

Psicografia de
Maurício de Castro

O preço de uma escolha

LÚMEN
EDITORIAL

O Preço de Uma Escolha

pelo espírito Hermes

psicografia de Maurício de Castro

Copyright © 2011 by

Lúmen Editorial Ltda.

Diretor editorial: Celso Maiellari

Diretor comercial: Ricardo Carrijo

Coordenadora editorial: Fernanda Rizzo Sanchez

Revisão: Maria Aiko Nishijima

Capa: Casa de Ideias

Conversão em epub: Studio Schäffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hermes (Espírito).

O preço de uma escolha [livro eletrônico] / pelo espírito Hermes ; psicografia de Maurício de Castro. -- São Paulo : Lúmen, 2012.

3,7 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-7813-085-5

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Castro, Maurício de. II. Título.

12-13634 CDD-133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance espírita psicografado : Espiritismo 133.9



LŮMEN
EDITORIAL

Rua Javari, 668

São Paulo – SP

CEP 03112– 100

Tel./Fax (0xx11) 3207– 1353

visite nosso site: www.lumeneditorial.com.br

fale com a Lúmen: atendimento@lumeneditorial.com.br

departamento de vendas: comercial@lumeneditorial.com.br

contato editorial: editorial@lumeneditorial.com.br

siga-nos nas redes sociais:

twitter: @lumeneditorial

facebook.com/lumen.editorial1

2013

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra

sem prévia autorização da editora

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

Dedico este livro a cinco amigos do coração:

Marcelo Flores, por ter escolhido ser um grande lutador e se superar a cada dia e também por estar comigo em todos os momentos exercendo uma das mais sublimes virtudes: a impessoalidade.

Jailma Helena, por fazer parte de minha história de vida e caminhar comigo em todos os passos do caminho. Ela sabe que não é fácil, mas sua paciência transforma tudo, tudo mesmo.

Adriana Leão, por me ensinar dia após dia a arte de ser apenas quem sou e, principalmente, por ser essa grande irmã espiritual cujas afinidades se perdem no tempo.

Lílian Guimarães, muito mais que uma prima, uma amiga verdadeira que esteve comigo nos momentos mais importantes de minha vida até agora (1996-1997) e continua estando, sem perder a alegria contagiante de viver a vida.

Diogo Ananias, pela amizade forte e segura de um irmão que nunca tive. Deixo-lhe aqui a minha profunda admiração pelo exemplo de humildade e de originalidade de seu caráter.

Que os espíritos de luz os acompanhem sempre em qualquer situação da vida de cada um.

Sumário

Prefácio

Ajudando uma desconhecida

Convivência harmoniosa

Os laços se estreitam

O sonho

Maurílio

Advertência do plano espiritual

Conversa edificante

Entrega ao amor

Lição de vida

Suspeitas

Preocupações

Aprendendo com Maurílio

Solidão

Entre a vida e a morte

Recuperando a dignidade

Tragédia inesperada

Família em desespero

Daniele: quem é ela?

Sofia: um espírito iluminado

Chega o arrependimento

Surpresa desagradável

Violência

Solução encontrada

O mundo espiritual entra em ação

Raquel conta sua história

Crime hediondo

A outra história

Chantagem e falso testemunho

O bem: a única verdade da vida

Mudança de comportamento

Mais crimes

Decisão certa

Frente a frente

Jonathan chega

Epílogo

Prefácio

Nossas escolhas traçam o nosso destino. Embora o homem, em sua secular ignorância das leis cósmicas que regem o universo infinito, atribua seus sofrimentos e seus êxitos, dores e alegrias a um poder maior o qual não pode controlar, a grande verdade é que tudo o que nos acontece vem das escolhas que fazemos na vida.

Mesmos aqueles acontecimentos aos quais não encontramos nenhuma causa que os justifiquem na vida presente representam escolhas feitas por nós mesmos em vidas passadas, que trazem agora seus desafios, sempre para que possamos vencê-los e seguir adiante rumo à nossa evolução.

Nada em nossa vida é imutável, fatal ou está perdido. Cada desafio trazido por nossas escolhas, até os mais difíceis e que parecem impossíveis de ser resolvidos, levando-nos à depressão e à sensação de impotência, podem ser vencidos com o uso da nossa força interior.

Somos espíritos eternos. Deus nos dotou de infinitos potenciais, mas para que eles funcionem a nosso favor é preciso saber escolher o bem, que significa ficar sempre do nosso lado, acreditando em nosso poder, cultivando o otimismo, a prática da generosidade e, principalmente, amando tudo e todos incondicionalmente.

A felicidade existe e qualquer um nós pode alcançá-la, desde que estejamos vivendo dentro das leis universais. Como o ser humano é dotado de livre-arbítrio, infelizmente, a maioria ainda escolhe o caminho das ilusões, pois acredita que a felicidade está na realização dos seus sonhos materiais.

Enquanto cultivarmos essa ilusão, a vida prosseguirá apertando o cerco, trazendo a cada dia provas mais duras e dores mais fortes até que, cansados de sofrer, procuremos a felicidade verdadeira que está unicamente nos valores eternos do espírito.

Para escrever esta história, baseei-me em um fato real, acontecido muitas décadas atrás, quando todos os personagens pagaram o preço das próprias

escolhas e aprenderam o verdadeiro caminho do bem maior.

Que a história de Daniele, Raquel e Conrado, bem como todos os outros envolvidos nesta narrativa os inspire a escolhas mais nobres, de acordo com seus verdadeiros sentimentos, lembrando que se são as escolhas que tecem o nosso destino, podemos agora escolher a felicidade, deixando para trás tudo o que nos causa dor e sofrimento.

Um grande abraço do amigo

Hermes



Ajudando uma desconhecida

Chovia forte por toda a cidade de São Paulo naquela noite de verão. Os vultos humanos vistos no meio daquela intempérie eram de pessoas que viviam à margem da sociedade. Por estarem acostumados àquela vida, eram os únicos que tinham coragem de enfrentar a força da tormenta que desabava sem cessar.

A chuva se iniciara sem aviso, apesar do intenso calor que fizera durante o dia todo. Muitas pessoas que haviam saído do trabalho não conseguiram chegar a casa, pois ficaram presas no trânsito caótico ou retidas pelos grandes alagamentos tão comuns na grande metrópole. Outras, que haviam saído de casa para os diversos compromissos da noite, também não conseguiam imaginar a que horas retornariam ao conforto do lar, uma vez que a natureza parecia não querer que aquele espetáculo acabasse.

Em uma rua elegante de um bairro dos Jardins, uma moça andava a esmo, indiferente aos raios que cruzavam o céu iluminando seu rosto contrito em lágrimas que a chuva lavava. Cansada de andar, sentou-se na calçada de suntuosa mansão e, como que desesperançada, baixou a cabeça, deixou que os braços caíssem ao longo do corpo e teria ficado por longo tempo nessa posição não fossem as luzes intensas de um belo veículo que acabava de chegar e parava à sua frente.

Conrado notou o rosto da jovem em rictos de sofrimento. Ela estava sentada sobre a calçada de sua casa, o que lhe causou estranhamento. O que a moça poderia estar fazendo ali no meio daquele temporal? Pensou em chamar um dos seguranças, mas vendo-a assustar-se com sua chegada, num impulso desceu do carro e aproximou-se dizendo:

– Quem é você? O que faz aqui?

A moça pareceu sentir medo, mas, percebendo o olhar sincero de Conrado, disse num fio de voz:

– Eu não sei.

– Como? Que brincadeira é essa?

– Eu não sei, não sei quem sou – disse começando a chorar novamente.

Conrado, percebendo seu sofrimento sincero, aproximou-se ainda mais e pegando em sua mão disse:

– Eu não posso ajudá-la sem saber quem você é.

– Não me lembro de nada – queixou-se confusa. – Tudo o que lembro é de estar andando pelas ruas sem destino até o início da chuva.

Um tanto desconfiado, Conrado questionou:

– Nem seu nome você se lembra? Como se chama?

Ela pareceu se esforçar para lembrar, depois disse:

– Meu nome é Daniele. É tudo o que consigo lembrar.

– Daniele. Bonito nome. Chamo-me Conrado e moro nesta casa.

– Desculpe o transtorno que estou lhe causando. Mas assim que a chuva começou dei-me conta de que estava perdida e sem rumo, sem saber quem sou nem para onde ir. Mas não posso mais lhe causar aborrecimentos. Vou-me embora.

Ela ia se retirando quando ele pegou levemente em seu braço e disse com carinho:

– Posso ajudá-la. Não quero deixar que uma moça fique perdida e sem rumo numa noite como esta. Como vê, a chuva não está querendo cessar. Se continuar a andar assim, com a roupa ensopada pode ficar até doente. Venha, você vai entrar comigo.

– Não posso, sua família não vai entender.

– Não se preocupe com isso. Todos aqui são pessoas de bem, honestas e não ficarão com paz na consciência se souberem que deixei uma pessoa como você sem ajuda.

Daniele se enterneceu pela bondade do desconhecido e chorou baixinho. Conrado, num ímpeto de carinho nunca antes sentido, abraçou-a fortemente e a conduziu para dentro do veículo.

Acionando o controle remoto, fez com que o portão se abrisse e seguiu por uma grande alameda, parando o carro em frente à luxuosa vivenda.

Era uma bela casa, de arquitetura moderna, toda em tons de grafite, com paredes decoradas com pedras finas e portas de vidro. Daniele não se recordava de ter visto lugar tão lindo como aquele.

– Fique dentro do carro enquanto anuncio sua chegada. Meus pais gostam de reunir amigos para jogar, conversar, fazer rodada de bebidas; enfim, chegar com você sem anunciá-la seria um constrangimento.

De fato, a imensa sala de estar estava cheia de gente. Conrado concluiu que deviam ter chegado antes da tempestade, e como sempre a conversa girava em torno de futilidades regadas a muita bebida.

Ao ver o filho entrar pela porta principal, Rebeca foi recebê-lo:

– Estava preocupada. Eu lhe disse para não sair hoje. O tempo estava muito quente e eu sabia que iria chover. Ainda bem que chegou são e salvo. Já vimos pela televisão que algumas pessoas morreram no meio do temporal.

– Não se preocupe, mamãe. A senhora sabe que o local das reuniões que frequento às quintas-feiras não é distante daqui.

– Venha, você está molhado. Vá tirar essa roupa antes que seque no seu corpo. – Rebeca observou-o rapidamente e perguntou: – Por que se molhou?

– A senhora precisa saber...

Conrado foi interrompido pela chegada de Gustavo, seu pai, que vinha acompanhado da irmã Verônica.

– Rebeca tem razão. Você está todo molhado. O que aconteceu?

– Que foi isso, mano? O carro deu algum problema? Teve de parar em algum lugar?

As perguntas se sucediam e Conrado quase gritando pediu:

– Parem, por favor. Escutem!

Os três pararam e se puseram a ouvir:

– Quando estava chegando a casa, deparei com uma moça sentada na nossa calçada em meio à chuva, chorando muito. A princípio eu não queria descer, sei como nossa cidade é perigosa, mas senti um ímpeto forte de ajudá-la e então fui ao seu encontro. É uma moça frágil que perdeu a memória. Não sabe quem é nem para onde ir.

Rebeca, que era uma mulher bastante sentimental, admirou a coragem do filho:

– E onde está ela? Coitada! Deve ter sofrido algum trauma.

– Porque não a fez entrar? Não vá me dizer que a deixou na calçada! – berrou Gustavo nervoso.

– Não. Eu a convenci a entrar no carro e prometi ajudá-la. Está aí fora. Não queria que entrasse sem ser anunciada.

Verônica, não acreditando no que ouvia, indignou-se:

– Eu não acredito que você encontrou uma estranha na rua e trouxe para dentro de nossa casa. Que loucura! Ela pode ser uma bandida, uma pessoa perigosa, uma mentirosa!

– Acalme-se, minha irmã. Ela só tem a roupa do corpo, está descalça e o vestido parece gasto.

– Como você é ingênuo. – Continuou Verônica irritada: – Essa mulher pode ser uma farsante em busca de informações sobre nossa família. Você sabe o quanto papai é perseguido por ser um bom criminalista. Fez fortuna com isso. Muitos querem se vingar.

Gustavo irritou-se:

– Como sempre, você vê o mal em tudo. Quando vai aprender a melhorar sua visão das coisas? Sou um bom advogado, nunca atuei para prejudicar ninguém

deliberadamente, sempre fiz justiça. Sou honesto, acredito em Deus e sei que nada de mal pode nos acontecer. Seu irmão fez muito bem em ter ajudado essa moça. – Olhando para Conrado pediu: – Faça-a entrar.

Enquanto Conrado ia buscá-la, os convidados ficaram opinando sobre a situação. Uns diziam ser loucura levar uma estranha para a mansão, outros louvavam o ato de caridade.

Finalmente Daniele entrou na casa de cabeça baixa, bastante envergonhada. Conrado, vendo seu constrangimento disse:

– Não fique com receio, Daniele. Aqui você está entre amigos e pessoas que querem ajudá-la.

Olhando para todos, ela encostou o rosto no peito de Conrado e começou a chorar.

Rebeca pegou em sua mão com carinho fraternal:

– Não se assuste, menina, venha, sente-se aqui.

Daniele obedeceu e sentou-se.

– Você não se lembra de nada mesmo?

Após alguns minutos de silêncio ela respondeu:

– Apenas sei que meu nome é Daniele. A única coisa que realmente lembro é de estar andando pelas ruas da cidade quando desabou o temporal.

– Mas você deve ser de boa família – falou Rebeca observando-a melhor. – Seu vestido é de qualidade. Apenas está rasgado, provavelmente você deve ter caído e não percebeu. Sua pele é bem tratada e seus cabelos loiros são lindos!

Daniele olhava assustada para todos, não sabia o que dizer. Rebeca perguntou aos amigos:

– Não conhecem esse rosto de algum lugar?

Todos afirmaram nunca ter visto ninguém parecido. Como havia se formado uma

confusão em torno da ajuda que estavam dando à desconhecida, Gustavo pediu que eles voltassem para a casa. Todos tinham carro e a chuva não era problema, pois moravam no mesmo bairro.

Quando a casa ficou vazia. Rebeca chamou Adelina, a governanta, e pediu:

– Por favor, leve a moça para tomar um bom banho quente e mande preparar o quarto de hóspedes. Ela dormirá conosco.

Verônica reagiu:

– Como a senhora pode cometer uma loucura como essa? Não podemos deixar uma estranha dormir aqui. É muito perigoso. O melhor a fazermos é ligar para a polícia e informar o que está acontecendo.

– Calma, minha filha. Faremos isso sim, mas amanhã.

– Amanhã pode ser tarde e essa bandida pode ter nos matado.

Daniele soltou-se das mãos de Adelina e disse:

– Não quero causar problemas nesta casa. Estava perdida, chorando, sem saber para onde ir. Não sei o que me aconteceu, mas não desejo causar desarmonia. Peço apenas que me levem à delegacia mais próxima, pois eu mesma quero saber minha origem.

Conrado sentiu raiva da irmã:

– Você passou de todos os limites, Verônica. Até quando seu ciúme vai me atormentar? Está assim só porque dei atenção a uma pessoa que não a você.

– Meu irmão – pediu Verônica séria. – Não se deixe levar pelo excesso de bondade que aprendeu com nossos pais. Não tenho nada contra a moça, mas qualquer um em sã consciência não faria o que vocês estão fazendo.

– O assunto está encerrado – disse Rebeca com firmeza. – Daniele vai dormir conosco esta noite e amanhã iremos à delegacia relatar o que lhe aconteceu. Se você está com tanto medo, tranque a porta de seu quarto ou vá dormir com seu irmão.

Verônica calou-se com raiva. Por que ninguém a ouvia naquela casa? Magoada, subiu para o quarto e trancou a porta por dentro.

Daniele seguiu com Adelina, enquanto Rebeca e Gustavo se recolheram.

No leito, Gustavo perguntou à esposa:

– Não achou o rosto da moça um tanto familiar?

– Não achei. Ela é muito bonita, jovem, olhos expressivos. Mas nunca vi ninguém nem parecido. Não tem o rosto parecido com o dessas mocinhas que vemos por aí. Tem uma beleza exótica.

Gustavo não a achou tão exótica assim, parecia que já havia visto seu rosto em algum lugar, mas não se recordava onde. Por fim disse:

– Será que realmente fizemos bem em ajudá-la?

– Claro que sim. Nosso dever é ajudar quem sofre.

– Vimos fazendo isso todos esses anos. Nosso remorso ainda é grande.

Rebeca ajeitou-se melhor nos travesseiros e refletiu:

– Não sei se estamos agindo corretamente em nossa ajuda. Ajudamos para tentar apagar o remorso de nossa consciência. O nosso filho Conrado nos ensina que toda ajuda deve ser desinteressada para ser meritória aos olhos de Deus.

– Já conversamos demais sobre isso e não chegamos a lugar algum. Melhor dormirmos. Amanhã teremos um longo dia com Daniele.

Rebeca calou-se, fechou os olhos e fez uma prece. Agradeceu a Deus pela oportunidade de estar ajudando uma desconhecida e mais uma vez pediu a Ele que a livrasse de tantas culpas. Gustavo fez o mesmo.



Convivência harmoniosa

Na manhã seguinte, na hora do café, Daniele já estava arrumada. Sentada à mesa, esperava com Adelina que os outros descessem. A governanta ofereceu-lhe um dos vestidos que Verônica não usava mais, um bonito par de sapatos e ajudou-a a fazer um belo penteado. A rara beleza de Daniele ficou em evidência, de modo que quando Conrado desceu e sentou-se ao seu lado teve de controlar o olhar que não parava de buscar seu rosto.

– Espero que tenha dormido bem, Daniele! E que não tenha levado a sério as palavras de minha irmã.

– Estou muito confusa e me sentindo um incômodo na vida de vocês. Ainda bem que vamos à delegacia e saberemos logo quem sou.

– Você não está sendo nenhum incômodo. Para nós é um prazer.

Daniele ruborizou, mas tentou não demonstrar. Gustavo e Rebeca chegaram e, após as perguntas de praxe, olharam mais fixamente para a hóspede. Gustavo perguntou com seriedade:

– Não sabemos se encontrarão sua família rapidamente. Embora acreditemos que você seja realmente de São Paulo, não sabemos o que lhe aconteceu nem o que lhe causou a perda de memória. Por tudo isso, o mais certo é que o delegado a envie para outras autoridades que podem providenciar sua reclusão por um bom tempo...

Ela pareceu assustar-se. Gustavo, percebendo que ela prestava atenção, continuou:

– É essencial que você se posicione e diga que deseja ficar sob minha tutela até que sua família seja encontrada.

Os olhos de Daniele encheram-se de lágrimas e ela não conseguiu impedi-las de rolarem por sua face.

– Sou grata por tudo, senhor, mas não posso fazer isso nem permanecer aqui. Ninguém me conhece nem sabem minha origem, posso acabar causando problemas. O que mais desejo é saber o que aconteceu comigo e encontrar meus familiares. Por essa razão, deixarei que o delegado me conduza para o melhor.

Gustavo ia argumentar quando foi interrompido por Verônica, que acabava de entrar na sala.

– Ela está mais do que certa. O senhor só pode estar delirando ao sugerir um disparate desse. Não é possível acreditar que alguém possa acolher uma desconhecida dentro de casa, ainda mais quando esse alguém é o dr. Gustavo Cerqueira Dantas. Eu até acredito que Daniele esteja sendo sincera e que realmente tenha perdido a memória, mas como ela mesma disse, pode se tornar um problema para nós. E se for uma foragida da Justiça? E se tiver cometido algum crime? E se for uma pessoa perseguida por marginais? Todos aqui correremos perigo. E ainda que não fosse nada disso, não existe nada mais absurdo do que colocar uma pessoa que vimos uma única vez para morar debaixo do nosso teto.

Rebeca, percebendo a vergonha no rosto de Daniele, argumentou:

– Eu não acredito que Daniele possa nos fazer algum mal. Seu pai é uma pessoa muito bondosa, gosta de ajudar, e depois não é a primeira vez que fazemos isso. Lembra-se daquele casal doente que encontramos à beira da estrada quando voltávamos de Campos do Jordão? Nós os acolhemos e eles viveram na edícula por mais de um ano. Quando se recuperaram voltaram para casa.

– Outro erro grave e que não deve se repetir. Daniele deve ficar por conta das autoridades.

Verônica sentou-se à mesa olhando Daniele com rancor e pena ao mesmo tempo. E se ela estivesse sendo injusta? Sua reflexão foi interrompida pela voz grave de Gustavo.

– Já está decidido. Iremos à delegacia e Daniele ficará conosco. Assinarei o termo de responsabilidade por sua integridade e ficaremos com ela até que encontre sua família.

– Apoiado, meu pai – disse Conrado feliz. – Só na mente negativa de Verônica é que poderia passar o pensamento que uma moça como Daniele possa nos fazer

algum mal. Sinto que ela precisa de ajuda, apoio, e não foi por acaso que a encontrei à frente de nossa casa.

Daniele não fazia nada além de manter a cabeça baixa e chorar baixinho. Acariciando sua mão, Conrado disse com carinho:

– Não fique assim, seja forte. Você não está só. Nós iremos ajudá-la a encontrar sua família.

Passando as mãos nos olhos, por fim ela disse:

– Só tenho a lhes agradecer, mas não gostaria de ficar aqui sem que Verônica me aceite. Sinto-me segura com vocês, como se fosse com minha família, mas não quero perturbar a harmonia da casa.

Gustavo olhou para Verônica com carinho:

– Sei que você é turrona, tem gênio difícil, mas também sei que seu coração é bom e não vai contestar a decisão de seu pai. Fará de tudo para conviver bem com Daniele e tornar-se sua amiga. Você sempre volta atrás e agora não será diferente, não é?

Verônica não respondeu de pronto, mas no fundo já estava mexida com a história daquela desconhecida. Talvez estivesse realmente exagerando e tudo deveria ser coisa de sua cabeça, sempre ligada em telejornais, atualizando-se com avidez sobre a onda de violência e maldade que assolava o mundo. Por fim disse:

– Está certo, papai. Continuo achando uma loucura, mas também não posso deixar de ver que Daniele está sensibilizada, frágil. Vou ajudá-la.

A alegria tomou conta de todos.

Ao vê-los saírem acompanhados por Conrado, ela começou a pensar que deveria ser mais caridosa com as pessoas, assim como eram seus pais e seu irmão.

Rebeca era uma mulher da alta sociedade que havia se casado com Gustavo quando ambos eram muito jovens. Ele estava iniciando sua carreira na magistratura e, aos poucos, adquiriu fama, atuando na promotoria e na vara criminal. Assim conseguiu amealhar considerável fortuna. Rebeca, como quase toda mulher de sua época, preferiu cuidar do lar e dos filhos. Era muito vaidosa,

elegante, vestia-se impecavelmente, na última moda, participava de encontros beneficentes, trabalhava ajudando os que sofriam e mantinha uma instituição para adolescentes carentes, onde se ensinavam pequenos ofícios, que os impedia de passar fome, e ainda os ajudava a estudar e a escolher uma profissão com dignidade. Rebeca gostava muito de joias, perfumes importados, salão de cabeleireiro e estética. Nem de longe parecia uma mulher que havia completado 60 anos, devido aos tratamentos de beleza a que se submetia e até mesmo a algumas pequenas plásticas.

Mesmo nessa aparente futilidade, ela tinha um ótimo coração e seu lema era ajudar a quem precisasse, nem que para isso tivesse de fazer qualquer sacrifício pessoal. Gustavo também era assim e exagerava na caridade. Verônica sabia de tudo isso.

Ela pensou em Conrado e em como o amava. Era o irmão que pedira a Deus. Não tinha ciúmes como ele imaginava, mas sim zelo, proteção. Ela não desejava que nada de mal lhe acontecesse. Achava Conrado um rapaz muito ingênuo e fácil de ser levado, principalmente agora que havia conhecido o Espiritismo e vivia dizendo que todas as pessoas eram boas.

Pensou em si mesma. O que ela queria da vida? Conrado estava com 25 anos e terminava o curso de Medicina. Sua meta era se especializar em oncologia e ela tinha certeza de que ele seria um grande e famoso médico. O irmão era bastante disciplinado e dedicava-se quase que inteiramente aos estudos. Sua noiva, Sofia Assumpção, já era formada em Pedagogia e lecionava nas séries iniciais de uma escola pública. Ambos pareciam ter nascido um para o outro. Formavam um belo casal.

Mas e ela? Era apenas um ano mais nova que ele e nunca se decidira a fazer nenhum curso superior. Fazia cinco anos que concluíra o ensino médio, mas não sentia estímulo para estudar nem trabalhar. Passava o dia na piscina com as amigas, em clubes de entretenimento ou ficava até altas horas lendo romances, assistindo a noticiários de TV e filmes.

Seus pais não lhe cobravam um curso superior, mas queriam muito que ela trabalhasse, fosse útil. Gustavo ofereceu-lhe um emprego como secretária em seu escritório. Ela foi, mas logo nos primeiros dias brigou com as colegas, fez tumulto e nunca mais voltou. E assim ela ia levando a vida. Para preencher o enorme vazio interior que sentia, abusava nas compras. Ia aos shoppings mais

badalados sem hora para voltar; comprava coisas que se amontoavam pelo quarto sem que ela sequer usasse.

Namorava quando aparecia alguém interessante, mas nunca levava nada adiante. Ao se ver sozinha, apenas na companhia de Adelina, sentiu vontade de chorar. A governanta percebeu seu estado interior e perguntou:

– Está bem, Verônica?

– Estou...

– Não precisa fingir para mim, que a vi nascer. É aquele vazio interior novamente, não é?

Verônica desabou a chorar e Adelina alisou seus cabelos com carinho.

– Quantas vezes já lhe disse que precisa resolver seus problemas interiores?

– Eu tento, mas não consigo.

– Você começa a tentar, mas nunca vai adiante. Você precisa se descobrir, fazer algo por si, trabalhar. Ninguém pode ser feliz levando a vida na ociosidade.

Verônica continuava a chorar e ficou ali, amparada por Adelina até que resolveu ir para o quarto telefonar para Rafaela para saber das novidades. Sondar o que acontecia com os outros a deixava bem.

Vendo a moça subir, Adelina olhou-a com pena e fez uma prece.



Os laços se estreitam

Passavam poucos minutos do meio-dia quando Daniele, Gustavo, Rebeca e Conrado voltaram da delegacia. Verônica, já na sala, ansiosa perguntou:

– E então, reconheceram Daniele?

– E como iriam reconhecê-la? Numa cidade tão grande como esta, Daniele não passa de mais uma pessoa – retrucou Conrado irritado.

– É isso mesmo. Seria impossível alguém na delegacia tê-la reconhecido. A não ser que fosse uma fugitiva da lei, o que de fato não é o caso – comentou Gustavo com tristeza. Vendo que Verônica e Adelina prestavam atenção ao que ele dizia, continuou: – O mais importante é que conseguimos a tutela de Daniele. Assinei tudo o que foi necessário, ela fez valer sua vontade e felizmente a teremos como hóspede. A polícia tirou várias fotos, vai estampá-las nos jornais de maior tiragem e em alguns telejornais. A procura por sua família continuará, mas enquanto isso ela ficará conosco.

Verônica olhou-a e percebeu o quanto a moça estava emocionada. Aproximou-se carinhosamente e disse:

– Desculpe-me por tê-la tratado daquela maneira. Você deve lembrar como são as coisas do mundo. Hoje não podemos confiar nas pessoas. Contudo, sinto que você é uma boa pessoa e realmente está precisando de ajuda. Seja bem-vinda à nossa casa.

Num gesto espontâneo, ela abraçou Daniele com força, deixando Conrado mudo de surpresa. Por fim, a desmemoriada expressou-se:

– Eu não posso deixar de mais uma vez agradecer a todos. Não sei quem sou, mas quando descobrir e tiver de voltar para a minha família jamais vou esquecê-los. Perdi a memória, não sei nada sobre mim mesma e sobre minha vida, mas sei como é o mundo e concordo com Verônica. Só pessoas muito boas é que fazem o que vocês estão fazendo. O mais cômodo seria me deixarem à mercê do mundo ou por conta da Justiça. No entanto, ajudaram-me como ninguém mais

faria.

O discurso simples de Daniele encantou a todos e Verônica não deixou de perceber o olhar apaixonado que seu irmão lançava para a moça. Será que Conrado estava gostando de Daniele, apesar de tê-la conhecido há apenas um dia? Não. Não existia amor à primeira vista, deveria ser apenas um encantamento. Além de tudo, Conrado era noivo de Sofia e apaixonado por ela.

O almoço transcorreu calmo e, logo após, na sala de estar enquanto saboreava os licores, Gustavo comentou:

– Vamos providenciar um psiquiatra e um psicólogo para cuidarem de você. São os profissionais capacitados que entendem do seu problema e poderão fazê-la recobrar as lembranças.

Era notável o constrangimento de Daniele. Apesar de sentir estar entre amigos, de ser tão bem acolhida, ela não sabia o que dizer. Apenas agradecia com monossílabos. Percebendo seu receio, Conrado observou:

– Não precisa ficar tão acanhada. Noto que parece não estar tão à vontade.

– E o que você quer? – interrompeu Verônica bruscamente: – Daniele não sabe quem é, não sabe seu futuro, de repente viu-se perdida no meio de um temporal e agora entre pessoas que nunca viu na vida. Você acha que ela deveria estar como?

Conrado silenciou percebendo que a irmã tinha razão. Verônica continuou:

– Só com o tempo é que Daniele vai ficar mais à vontade, inteirar-se dos nossos assuntos, participar de nossa vida. E para isso poderá contar com minha amizade. Hoje mesmo vamos às compras, quero vê-la muito bonita.

– Coitada da Daniele – gracejou Conrado. – Se resolver sair com minha irmã deverá saber que quando ela vai às compras, o que faz dia sim, outro não, não tem hora para voltar e terá de carregar dezenas de sacolas.

– Não seja exagerado. Vou sair para comprar, mas desta vez não será para mim e sim para ela. Vou dar-lhe um verdadeiro banho de loja.

– Obrigada, Verônica. Mas não desejo muito. Só o essencial para que possa ficar

apresentável para os moradores e amigos desta casa – disse Daniele com voz humilde.

– Não seja modesta. Deixe tudo por minha conta.

– Está certa, filha – considerou Rebeca. – A beleza de uma mulher necessita ser cultivada e realçada. Daniele é linda e sei que ficará ainda mais bonita quando estiver bem-vestida e com tudo o mais que uma moça da sua idade precisa para brilhar. Faço questão de pagar tudo.

A conversa foi interrompida pela chegada de Sofia. Ela entrou sem ser anunciada e foi se aproximando do grupo. Era uma jovem branca, de cabelos lisos e olhos castanhos claros. Os lábios proeminentes levemente pintados com discreto batom, davam um tom singelo e simples ao seu rosto.

Cumprimentou a todos e beijou Conrado nos lábios com discrição. Sentou-se ao seu lado e perguntou:

– Então é mesmo verdade? Quer dizer que vocês resolveram ajudar uma moça que perdeu a memória?

– Sim, meu amor – concordou Conrado tentando disfarçar algo que nem ele mesmo sabia o que era. – Encontrei Daniele perdida em frente à nossa casa e nossos pais resolveram ajudá-la enquanto não encontra sua família.

Sofia levantou-se, dirigiu-se até Daniele e estendeu-lhe a mão dizendo:

– Muito prazer, sou Sofia.

– O prazer é meu.

Verônica adiantou-se:

– Ela é noiva de meu irmão. Namoram há quase três anos e estão pensando em casar brevemente.

– Fico feliz. Conrado mostrou que tem um ótimo coração quando acolheu uma pessoa como eu, que nem sequer conhece. Torço muito para que ele e todos vocês sejam felizes.

Sofia encarou-a com carinho dizendo:

– Vejo que realmente é linda como me disseram. Imagino o quanto está sofrendo por não saber quem é e onde está sua família.

– Sim. E mesmo sabendo que todos aqui me acolheram de boa vontade, sinto que estou incomodando.

– Não pense assim. A dona Rebeca, o sr. Gustavo, a Verônica e todos aqui são pessoas que querem o seu bem.

– Sei disso, e é justamente por saber que não quero abusar.

– Mas quem lhe contou o que aconteceu, Sofia? – perguntou Verônica levemente irritada.

– A Soraia, que estava jogando aqui ontem, ligou-me e contou.

– Aquela víbora! Aposto que fez isso apenas para que você ficasse insegura e com ciúmes de Conrado.

Sofia riu bem-humorada.

– Se essa foi a intenção dela, não conseguiu. O Conrado sabe o quanto confio nele e também que não sou nem um pouco possessiva. Amo-o de verdade e se ele me ama também nada nem ninguém vai nos separar. E se um dia ele conhecer alguém e deixar de me amar saberei compreender. As pessoas são livres e devem fazer o que o coração manda, sempre! E, depois, se ele tivesse de me trair não precisaria ser justamente com alguém que está em sua casa como hóspede. Para quem deseja ser desleal, enganar e mentir, não é necessário nada além de ter vontade e praticar o ato.

– Esqueci o quanto minha cunhada é segura de si – disse Verônica em tom irônico.

– Não se trata de segurança. Confio na vida e não prendo as pessoas. Conrado vai estar comigo só até quando quiser e achar que deve.

– Invejo sua forma de pensar, querida – disse Rebeca. – No mundo de hoje, em que os sentimentos de posse predominam e arrastam milhões aos crimes

passionais, é raro existir uma pessoa como você. As minhas amigas, por exemplo, andam morrendo de medo que o marido as traia, algumas até contratam detetives para segui-los o tempo inteiro.

– É que as pessoas ainda não entenderam que ninguém é de ninguém. Acham que por amar têm a posse absoluta do outro. Grande ilusão, nós só pertencemos a nós mesmos. É conosco que viveremos por toda a eternidade. Embora uma companhia seja agradável e desejável, chega um momento que precisamos andar sozinhos, na compreensão de que o amor verdadeiro não se resume a uma só pessoa, mas a toda a humanidade.

Rebeca fez ar de mofa.

– Sei que é uma jovem à frente de seu tempo, mas não sei até onde essas coisas que diz são verdades.

– Experimente e verá.

Durante a fala de Sofia, Daniele prestou atenção em como os olhos de Conrado brilhavam enquanto a fitava. Naquele momento, sentiu que ele amava a noiva verdadeiramente. Mais que isso, amava-a e admirava. Daniele teve de reconhecer que Sofia era realmente encantadora. Ficou triste. Fosse pelo momento que estava vivendo, fosse pela carência, acabou deixando-se levar por um sentimento apaixonado por Conrado. Agora via que deveria esconder o que sentia, jamais teria alguma chance. Sofia era bela, charmosa, sábia.

Gustavo pediu licença e retirou-se para a biblioteca. Era costume ficar lá depois das refeições, lendo alguns dos seus livros favoritos.

Enquanto na sala a conversa seguia acalorada e interessante, conduzida pelo papo inteligente e sensato de Sofia, Adelina retirou-se sem que as pessoas percebessem e foi procurar o patrão na biblioteca. Encontrou-o fumando como sempre seu cigarro importado.

– O que deseja, Adelina?

– Vim conversar com o senhor sobre essa moça.

– O que tem ela?

– Ora, senhor Gustavo, trabalho aqui muito antes de Conrado nascer. Sabe como sou grata por ter-me acolhido depois que perdi minha família naquele desastre. Minha vida passou a ser cuidar desta casa e de todos vocês. Não posso deixar de alertá-lo.

Gustavo confiava em Adelina, por esse motivo deixou o cigarro de lado e pôs-se a ouvi-la com atenção.

– Ontem eu não quis me meter, os ânimos estavam exaltados e Verônica descontrolada. Mas ela está certa. O senhor e dona Rebeca com essa mania de serem caridosos podem estar cometendo um erro grave ao deixar essa tal de Daniele morar aqui. Não conheço uma pessoa sequer neste mundo que faria o que vocês estão fazendo, além do mais sendo tão ricos como são.

– Você não conhece porque não sai desta casa, vive aqui em seu mundo, e não sabe das bondades humanas. Existem muitas pessoas tão boas quanto nós e que fariam o mesmo por uma pessoa em dificuldade.

– Não vou discutir com o senhor, só peço que pondere. Pense melhor no que está fazendo. O senhor tem dois filhos jovens. E se essa moça fizer parte de uma quadrilha que a mandou para cá com o intuito de conhecer melhor a casa a fim de assaltá-la?

Gustavo riu.

– Você e sua mania de ficar dentro do quarto assistindo a filmes de suspense, lendo romances da Agatha Christie e de Sidney Sheldon! É nisso que dá. Fique calma, Adelina. Daniele é uma moça boa e não tem cara de bandida.

– E bandido tem cara?

– Quem vive no submundo do crime não tem uma aparência tão saudável, nem gestos tão delicados como os dela. Se você for menos dramática e mais realista, vai constatar que ela não passa de uma pessoa em dificuldade. E peço que não continue com essas desconfianças, não quero que Daniele fique magoada.

Adelina não conseguia entender como um advogado tão brilhante como Gustavo deixara-se envolver numa trama como aquela. Por fim disse:

– Durante a madrugada, levantei-me e passei pelo quarto de hóspedes em que ela

dormia. Quando abri a porta percebi que ela estava tendo um pesadelo e dizia em voz alta que era perseguida e que iriam matá-la. Se essa moça não for uma bandida, pode estar sendo perseguida por um.

– Ora, Adelina. E você acha que eu, um criminalista acostumado a lidar com os piores bandidos e marginais, não reconheceria um?

– O que sei é que o senhor ainda não conseguiu se livrar das culpas, e por essa razão se sente no dever de ajudar a todos, sem nenhum bom-senso. Dei meu recado, não diga que não foi avisado.

Adelina saiu sem esperar que ele respondesse, batendo a porta com leveza. Gustavo reacendeu o cigarro e, preferindo não acreditar que ajudava as pessoas não por bondade verdadeira, mas sim por remorso, resolveu esquecer o assunto. Por mais que fosse loucura colocar uma desconhecida dentro de casa, era isso que deveria fazer e não mais voltaria atrás.



O sonho

A tarde chegou e Conrado pediu licença, dirigindo-se à faculdade levando consigo Sofia. Gustavo retornou ao escritório e Verônica sugeriu:

– Podemos ir agora fazer compras para você. Iremos também a um bom cabeleireiro, pode ser o da mamãe. O que acha?

Daniele respondeu pouco à vontade:

– Preferia que nada disso estivesse acontecendo. Além de casa e comida vocês também se preocupam com minha aparência!

– Mas fazemos isso com todo prazer, querida – afirmou Rebeca afável. – Vá às compras com Verônica, que é especialista nisso e gaste à vontade.

– Vamos, Daniele, não seja resistente – retorquiu Verônica, excitada por poder sair mais uma vez para comprar, ainda que não fosse para ela. – Vou lhe emprestar um vestido que tenho e no shopping você escolhe tudo a seu gosto.

Sem poder mais recusar, Daniele saiu com Verônica. No shopping, a moça mostrava-se com uma alegria exagerada, estava eufórica e comprava tudo o que via pela frente. Daniele provava os vestidos com rapidez e os aprovava, eram lindos e de muito bom gosto. Compraram sapatos, joias, bolsas, cremes para a pele e por fim, carregando inúmeras sacolas com ajuda do chofer, foram ao cabeleireiro.

Quando Daniele chegou à mansão já passava das sete da noite. Vestida com um costume rosa-claro, cabelos repicados, maquiagem leve realçando sua beleza, causou grande admiração nos presentes. A casa, como sempre, já estava cheia de pessoas que ali se encontravam para as reuniões noturnas.

Após os elogios a Daniele, Conrado aproximou-se. Ele estava no quarto estudando, longe do burburinho da sala, quando percebeu a chegada da moça. Desceu e quando a viu, seu coração disparou. Não conteve o impulso de abraçá-la dizendo:

– Está linda! Mais do que nunca.

Vendo que ela havia ruborizado e que ele tinha passado um pouco dos limites, desculpou-se:

– Não desejo que fique constrangida, foi apenas um elogio. Agora, fique à vontade, voltarei a estudar.

– Não vai ver a Sofia hoje? – perguntou Verônica curiosa.

– Não. Ela também está ocupada preparando avaliações para suas turmas. Boa noite a todos.

Verônica olhou para Daniele dizendo com malícia:

– Sei não. Estou sentindo cheiro de frieza no ar. Meu irmão não me engana, ele está encantado por você e já até perdeu um pouco o interesse pela Sofia.

– Não diga isso, Verônica – pediu Daniele, entre o medo e a alegria. – Não quero ser motivo de desavenças ou separação entre um casal. Não estou aqui para isso e se perceber que Conrado está de fato gostando de mim, pode ter certeza que saio desta casa.

– Deixe de ser boba! Se ele a quiser será ótimo, seremos cunhadas!

– Você não pensa, não? Sofia e Conrado são noivos. Ela é querida por todos nesta casa e pude perceber o quanto Conrado a ama. Depois não sabemos nada sobre mim, se sou casada, se tenho filhos, se realmente tenho algum envolvimento com coisas erradas.

Daniele deixou que uma lágrima escorresse do canto do olho.

– Desculpe, não queria fazê-la sofrer. Mas é que, apesar de gostar da Sofia, eu sou a favor do amor. Quem ama deve ficar junto. Se ele deixar de amá-la para amar você eu serei a primeira a apoiar.

A conversa foi interrompida pela chegada de algumas amigas de Rebeca que queriam conhecer Daniele. As perguntas inoportunas e os questionamentos desagradáveis culminaram em outra crise de choro da moça. Verônica a levou para o quarto, onde ficaram conversando até tarde.

***

Em seu quarto, Conrado não mais conseguia prestar atenção aos estudos. Seus pensamentos centravam-se em Daniele com uma força que ele não conseguia conter:

“Meu Deus! Nunca senti nada parecido por ninguém. Pensei amar Sofia, mas vejo que não é amor, é admiração, encantamento. Eu amo Daniele. Sua beleza, sua pele, seu jeito de falar, seus olhos... Onde é que já vi esses olhos? Teria sido em outra encarnação?”

Levantou-se da cama e foi até a janela. Vislumbrando a beleza do céu estrelado continuou a pensar:

“Como queria tê-la em meus braços, dizer o quanto a amo e o quanto a quero comigo, dividindo minha vida, sendo a mãe de meus filhos! Daniele é a mulher que desejo para toda a minha vida. O que eu faço?”

Sem perceber, Conrado foi invadido por uma camada de energia calmante vinda do espírito do seu avô Francisco, pai de Gustavo, que viera ajudá-lo.

– Tenha calma, meu neto. A vida tem seus mistérios e nada acontece na hora errada. Não se precipite, pois a precipitação e a impulsividade são os erros mais frequentes dos seres humanos, e os levam a situações de sofrimento completamente desnecessárias. Seja firme e forte no bem. Não faça nada antes de saber o que realmente sente por Daniele. Que Deus o abençoe.

Francisco saiu do quarto deixando Conrado leve, com o pensamento mais equilibrado, confiante na vida. Resolveu que não faria nada nem pensaria mais no assunto enquanto não tivesse certeza do que sentia. Não acreditava em amor à primeira vista antes de conhecer o Espiritismo. Mas depois que conhecera a Doutrina Espírita sabia que os espíritos encarnados na Terra já viveram muitas vidas em que tiveram vários encontros e reencontros com amigos, inimigos e amores. Assim, os espíritos afins podem se reconhecer com uma simples troca de olhar, ainda que se vejam pela primeira vez. E foi o que aconteceu com ele. Quando viu Daniele naquela chuva, sozinha, desesperada, desmemoriada, seu

coração a reconheceu como alguém muito querido. Tinha certeza de que a amava.

Deitou-se e decidiu se entregar a Deus e, numa prece sincera, foi envolvido em um torpor que o fez adormecer.

***

Já era tarde quando Verônica deixou o quarto de Daniele, que se dizia sonolenta e queria dormir. Desceu as escadas e percebeu que a reunião continuava. Ao ver sua mãe entre uma taça de vinho e outra, seu pai fumando sem parar e todas aquelas pessoas jogando pensou: “Quanta gente chata! Dá vontade de fazer um escândalo e mandar todos embora”.

Decidiu subir novamente quando foi abordada por Soraia:

– Quer dizer que você já está amiga da desconhecida?

Verônica, notando o tom irônico, respondeu azeda:

– Até onde sei isso não é da sua conta. Cuide de sua vida.

– Nossa, quanta amargura em uma moça tão jovem... Já lhe ocorreu que isso pode ser falta de um namorado e...

Verônica não esperou que ela continuasse e com raiva deu-lhe uma bofetada tão forte que a fez cair e derrubar a taça de vinho que tinha na mão, fazendo-a se estilhaçar completamente no chão.

Todos correram para ver o que estava acontecendo e para ajudar Soraia. Rebeca mostrou-se nervosa:

– Mas o que aconteceu? Você enlouqueceu, minha filha?

– A Soraia merecia esse tapa faz tempo. É uma mulherzinha cínica e vulgar. A senhora não lembra que foi ela quem ligou para a Sofia contando que Daniele

estava morando conosco?

– É mesmo! Por que fez isso, Soraia? – perguntou Rebeca visivelmente chateada.

– Não foi bem assim. Liguei para falar com a Manoela, mãe da Sofia, e como ela não estava acabamos conversando e por acaso surgiu o assunto.

– Como é cínica – disse Verônica, vermelha de ódio. – É claro que a dona Manoela não estava em casa. Todos nós sabemos que ela está na Europa a trabalho, há semanas. Você é uma falsa. Saiba que não a quero mais na minha casa. Pensa que não noto seus olhares de interesse para o meu pai?

Soraia empalideceu. Como aquela menina sonsa havia percebido que ela estava tentando seduzir Gustavo? Tentou sair da situação encenando um choro e dizendo:

– Sua filha me odeia, Rebeca. Você sabe que eu jamais faria isso com você e que Gustavo para mim é apenas um grande amigo.

– Calma, Soraia, perdoe a Verônica. São coisas da juventude.

– Sua filha é doente e precisa de um tratamento psiquiátrico. Deu-me uma bofetada apenas porque sugeri que arrumasse um namorado.

Rebeca tentou contornar a situação:

– Verônica é temperamental, fique calma.

– Mamãe, a senhora ainda dá asas a essa víbora? Eu não posso ficar aqui para ver isso. Vou subir e se Soraia tiver a coragem de aparecer aqui novamente, não sabe o que a espera.

Verônica subiu feito um furacão, deixando todos na sala sem graça. A reunião foi encerrada, as pessoas foram saindo e quando Soraia ia se despedir, Rebeca falou:

– Desculpe, Soraia, mas depois do que aconteceu não posso mais permitir que volte a vir aqui para nossas reuniões.

– Não acredito, Rebeca! Somos amigas há muito tempo, conheci seus filhos

quando ainda eram crianças.

– Sei disso, mas Verônica tem humor instável, está nervosa. Não sei o que poderá fazer se encontrá-la novamente aqui. Pelo menos enquanto ela estiver assim pedirei que não venha mais.

Soraia mordeu os lábios de ódio, mas procurou disfarçar:

– Compreendo. Só peço desculpas por tudo. Sei que será difícil ficar sem vir aqui durante as noites. Desde que Orlando morreu sinto-me muito solitária, só aqui e com vocês sinto-me acolhida.

– Tudo vai passar, Soraia – disse por fim Gustavo. – Com o tempo a convidamos novamente.

– Entendo a postura de vocês, são pais exemplares. Adeus.

Sem esperar ser conduzida para a porta pelo casal, Soraia saiu deixando que lágrimas de ódio banhassem o seu rosto crispado. Já no jardim disse num sussurro:

– Maldita pivete! Logo agora que meus planos estavam indo tão bem, e eu já estava conseguindo trocar olhares com Gustavo, vem essa doida me atrapalhar. Ela que me aguarde, voltarei aqui triunfante e ainda destruirei essa família.

Soraia foi para a garagem, pegou seu carro, manobrou e saiu cantando pneu. O ódio morava em seu coração.

***

Era alta madrugada, a mansão estava calma e um silêncio gostoso invadia todo o ambiente. Remexendo-se inquieta na cama, Daniele sonhava.

Estava com seis anos, em frente a uma pequena casa de madeira tendo sua mãe ao lado segurando-a pelo braço enquanto implorava chorando:

– Deixem nossa família em paz! Eu lhes suplico, tenham piedade!

Dois homens, montados em seus cavalos, com o rosto crispado de ódio, diziam:

– Eles escolheram, agora não temos mais nada a fazer.

A mulher chorava e gritava desesperadamente. Daniele, ao seu lado, também chorava e dizia:

– Não chore, mãezinha, não chore.

De repente, os dois homens desceram do cavalo e começaram a jogar querosene por toda a casa. Os gritos da mulher tornaram-se mais agudos e angustiados, enquanto via a pequena casa queimar-se em meio aos gemidos angustiados de quem estava lá dentro.

Daniele soluçava gritando:

– Paizinho, não se vá, não morra!

O sonho foi tão forte que ela, gritando de pavor, acordou Adelina, que a sacudiu com força dizendo:

– Acorde, menina! Foi só um sonho, já passou.

Daniele tremia como se fosse uma folha sacudida pelo vento. Quando se acalmou disse:

– Foi o sonho, Adelina, foi o sonho!

– Que sonho?

– É um sonho que me atormenta sempre. Disso eu consigo me lembrar. Frequentemente tenho esse pesadelo horroroso.

– Acalme-se, vou buscar um copo com água e você me conta tudo.

Adelina saiu e pouco depois voltou com a água açucarada. Quando Daniele se refez ela disse:

– E agora? Vai me contar o sonho?

– Sim, preciso desabafar com alguém.

Daniele contou tudo e quando terminou estava completamente refeita.

– Esse sonho pode nos ajudar a chegar até sua família.

– Como?

– Deve haver alguma maneira, vamos contá-lo ao senhor Gustavo e ele contará à polícia.

– Mas a polícia não vai ligar para um sonho.

– Os sonhos revelam muitas coisas. Os próprios psicólogos afirmam isso. Agora, acalme-se e mesmo que a polícia não dê importância, tenho certeza de que o senhor Gustavo dará.

Adelina por instantes deixou a desconfiança de lado e vendo que Daniele estava realmente precisando de ajuda, abraçou-a e ficou alisando seus cabelos até vê-la adormecer.



Maurílio

Na manhã seguinte, na hora do café, Adelina contou o que havia presenciado à noite e finalizou:

– Sei que os sonhos são reveladores. Daniele disse que se lembra de ter tido esse mesmo pesadelo repetidas vezes. Não acham que é uma boa pista para começar?

Gustavo pensou um pouco e respondeu:

– É muito pouco. O que Daniele vê nesse sonho pode ser uma simples lembrança de sua infância. Não dá para fazer nada com isso. Mas, a partir de amanhã e dr. Robson, que é psiquiatra, e Paula, a psicóloga, vão começar um tratamento que pode fazê-la recuperar a memória. Precisamos ter calma.

– Eu ainda acho que o senhor deveria contar esse sonho para a polícia – insistiu Adelina.

– Não, isso não vai levar a nada. Eles nem levariam a sério.

Conrado sugeriu:

– Não é melhor deixar o tratamento psicológico com Daniele para mais tarde? Afinal, não tem nem uma semana que ela está conosco e a perda de memória é muito recente. Até onde estudei sobre neurologia e psiquiatria a memória volta sozinha e no tempo adequado, exceto em casos em que há lesões cerebrais ou demência. O que não é o caso dela.

– Como sabe que não? O dr. Robson vai pedir uma série de exames para verificar tudo com precisão. Tenho certeza de que Daniele logo ficará boa. Só espero que não nos abandone.

– Isso é pedir demais, meu amor – falou Rebeca com elegância. – Se Daniele recobrar a memória certamente saberá onde está sua família e até um possível marido. Quem sabe não é casada e até tenha filhos?

– Não creio – interrompeu Conrado, nervoso com aquela possibilidade. –

Observei as mãos de Daniele e pude notar que não há nenhuma marca de aliança de noivado ou casamento. E depois, com o corpo que tem é impossível que tenha tido filhos.

– Humm, anda observando demais Daniele. Deixa só a Sofia saber... – gracejou Verônica com malícia.

– Apenas a observei, que mal há nisso? Por favor, Daniele, não leve a sério as bobagens da Verônica. Logo perceberá que de dez palavras que ela fala, só se aproveitam duas.

– Eu só falo a verdade. Por que será que a verdade incomoda tanto, hein?

– Por favor, não discutam na hora do café – pediu Rebeca. – Que péssimo exemplo de etiqueta estamos dando à nossa hóspede.

O jeito meigo e delicado de Rebeca fez com que Conrado e Verônica interrompessem a discussão.

Terminada a refeição, Conrado e Gustavo saíram juntos como sempre, e Rebeca e Adelina foram dar algumas ordens na cozinha. Apesar de ter governanta há tantos anos, ela não dispensava seu toque pessoal em quase tudo o que era feito ali.

Daniele e Verônica foram para a sala conversar e ouvir música. Daniele timidamente perguntou:

– Você não faz nada? Quer dizer, não trabalha ou estuda?

– Não. Ainda não descobri o que gosto de fazer. Enquanto isso, vou levando a vida.

– Penso que viver assim não deve ser bom. Não lembro nada sobre minha vida, mas creio que não saberia ficar o tempo inteiro sem fazer nada. Acho que vou pedir a Adelina para ajudá-la.

– Não faça isso. Você aqui é nossa hóspede, mamãe jamais iria aceitar que você trabalhe.

– Mas é uma questão de ocupação.

– Se é ocupação que você quer eu tenho várias. Minha agenda vive lotada. Podemos fazer compras, ir ao Jóquei, ao Clube Paulista, ao cinema, teatro ou a muitas festas na casa de amigos. Sempre tenho o que fazer.

– Mas isso é diversão, referi-me a uma ocupação útil.

– Por acaso está me chamando de inútil, de fútil? – bradou Verônica irritada.

– Não me interprete mal. Você nasceu rica, tem tudo, foi criada assim, por isso gosta dessa vida, não a estou criticando. Mas eu sinto que necessito de um trabalho, de fazer algo para me sentir bem. Talvez eu seja uma pessoa muito pobre e que dê duro para sobreviver.

Verônica refletiu naquelas palavras e concluiu que a amiga estava certa. Ela dizia estar feliz com aquela vida, mas era mentira. Só Deus sabia o vazio interior, a sensação de solidão e tristeza que a acometiam quase todos os dias. Havia horas que aquelas sensações eram tão fortes que ela pensava até mesmo em tirar a própria vida. Nesses momentos, dava vazão ao choro e só Adelina a entendia. Procurou mudar de assunto e disfarçar para que Daniele não percebesse o que lhe ia no íntimo.

– Nesse caso, vamos ver o que você pode fazer. Mamãe participa de várias atividades filantrópicas, você pode se engajar em uma delas. Mas por enquanto vamos ouvir música e folhear estas revistas.

Verônica, bastante entusiasmada com uma revista de fofoca, foi mostrando:

– Está vendo este casal aqui? Eu os conheço, vivem de falsa felicidade, um trai o outro. Esta outra mulher é uma viciada em drogas, olha só a cara de morta-viva dela. Esta outra já fez mais de dez plásticas, está ficando cada vez mais horrorosa.

Daniele não gostou dos comentários, mas o humor de Verônica a contagiou e ela nem viu o tempo passar.

***

Conrado estava na praça de alimentação de um shopping esperando por Sofia.

“Meu Deus, o que fazer com o que estou sentindo por Daniele? Tenho um compromisso com Sofia, gosto dela, mas não a amo. Como terminar um relacionamento tão sólido e bonito e entrar em uma aventura? Sinto que Daniele também me deseja, mas não sabemos sua origem, se tem família, se tem alguém. Meu Deus, ajude-me, só sei é que a partir do momento que a vi senti que não posso viver sem ela”.

Estava absorto em seus pensamentos quando Sofia chegou:

– Adivinhe quem veio almoçar conosco?

O rosto de Conrado encheu-se de satisfação:

– Maurílio! Que felicidade em vê-lo. Só nos encontramos uma vez por semana nos estudos. O que o fez sair de sua vida tão ocupada para vir almoçar conosco?

– Não resisti aos encantos de sua namorada. O que ela pede que eu não faço, hein?

Todos riram. Maurílio era um rapaz alto, forte, moreno claro, cabelos e olhos castanhos, sorriso de menino, que lhe dava um ar jovial, diminuindo em pelo menos dez anos sua verdadeira idade. Formado em Letras, era dono de uma editora grande, responsável pela publicação de revistas de moda. Espiritualista e médium, trabalhava em várias casas espíritas ministrando palestras e participando de estudos. Havia pouco tempo, querendo estudar a vida com verdades mais amplas, tinha fundado um espaço de estudos em uma das alas de sua editora, onde, com os amigos, todas as quintas-feiras eles debatiam os problemas da vida sob o enfoque das mais diversas filosofias, sendo orientados por dirigentes sérios e profundos conhecedores da vida espiritual.

Maurílio era rico, filho de industriais. Saiu de casa cedo e foi viver por conta própria. Não gostava de se apegar a nenhum relacionamento e trocava de namorada com grande rapidez. Dizia querer viver a vida sem coleiras. Muitos não entendiam como uma pessoa tão sábia, que tanto pregava responsabilidade, pudesse viver daquele jeito.

Maurílio tinha um humor ótimo e logo estava fazendo Sofia e Conrado soltarem gargalhadas. Enquanto almoçavam, ele encarou Conrado e disse:

– Você não pode faltar hoje à nossa reunião.

– Mas eu nunca falto. Veja, na semana passada, mesmo com a ameaça da chuva, eu compareci.

– Mas eu sinto que forças ocultas farão o possível para que você não vá hoje.

Conrado e Sofia pararam para ouvir com atenção. Eles confiavam plenamente em Maurílio e sabiam que naquele momento ele estava sendo intuído. Maurílio continuou:

– É bom que você vá e leve Sofia.

– Mas eu também vou todas as quintas-feiras. Não o estou entendendo.

– Eu estou pedindo que o Conrado passe em sua casa e a leve com ele. Não deixe que vá sozinha, pois pode acontecer algum problema e desistir de ir.

– Ai, Maurílio, agora você me deixou assustada. O que está acontecendo?

Parecendo sair de um transe, Maurílio mexeu os gelos no copo de guaraná e disse calmamente:

– Nada de mais. Sinto que os espíritos amigos querem dar algum recado especial a vocês. Só isso.

Conrado se entusiasmou:

– Deve ser sobre a Daniele. Será que eles vão falar algo sobre ela?

Maurílio sentiu um leve arrepio, controlou-se e perguntou:

– Quem é Daniele?

Sofia desculpou-se por não ter contado a novidade ao amigo e depois de narrar toda a história com a ajuda de Conrado finalizou:

– Estamos tentando ajudá-la. Deve ser muito difícil ficar perdida, desmemoriada, tendo de viver na casa dos outros.

Maurílio fez um ar enigmático ao dizer:

– Imagino como está sendo difícil para ela.

A conversa girou em torno de Daniele por mais alguns segundos, e logo depois eles começaram a falar sobre outros assuntos. Maurílio revelou estar querendo lançar livros de escritores espíritas e espiritualistas em sua editora, o que os animou demais. Pouco tempo depois, pagaram a conta e regressaram aos seus afazeres.



Advertência do plano espiritual

A noite chegou e foi com alívio que Maurílio recepcionou Conrado e Sofia na sala de estudos. Sentia que os espíritos bons tinham algo a dizer para o casal e temia que forças contrárias os impedissem de chegar. Mas estavam ali e Maurílio fez sentida prece íntima de agradecimento a Deus.

– Fiz como pediu, busquei Sofia e viemos normalmente, nada de mais aconteceu. Precisava tanta advertência?

– Precisava, sim. Nada aconteceu aparentemente, mas ninguém sabe o esforço que a espiritualidade fez para que vocês chegassem aqui sem problemas.

– Vejo que é mais sério do que eu imaginava, já estou ficando com medo – observou Sofia visivelmente nervosa.

– Não precisa se preocupar. Os espíritos superiores jamais falam algo para nos assustar. Se alertam e advertem é para que possamos evitar muitas coisas que nos causariam sofrimentos.

O grupo já estava todo reunido em um semicírculo. Conversavam tão alegres que nem viram a chegada de outros colegas. Maurílio chamou a atenção deles e disse que a reunião da noite iria começar.

Em penumbra, uma participante fez singela prece pedindo a Deus que enviasse os espíritos de luz àquele recinto e que todos pudessem absorver da melhor maneira os temas que seriam debatidos.

Quando ela terminou, Maurílio começou a falar:

– Continuaremos falando sobre a Lei da Atração. Onde paramos na semana passada?

– Estávamos discutindo se poderíamos acreditar em Deus, em suas determinações e ao mesmo tempo na Lei da Atração – respondeu Melissa atenta.

– O que vocês acham? – Maurílio perguntou ao grupo. – É possível acreditar em

Deus e na Lei da Atração ao mesmo tempo?

– Para mim essa pergunta não faz nenhum sentido – disse Sofia convicta. – Todas as leis existentes no universo foram criadas por Deus e nada acontece sem sua permissão. Logo, se Ele nos deu o poder de conseguir tudo o que quisermos pela Lei da Atração é porque realmente temos esse poder.

– Mas partindo da premissa da existência da Lei de Causa e Efeito, não podemos ter tudo o que queremos. Só poderemos ter o que fizermos jus de acordo com nossas atitudes em vidas passadas – afirmou Alexandre, um jovem novato no grupo. – Não é assim? Penso que o homem não pode ser tão poderoso a ponto de burlar essa lei.

A consideração era importante e Maurílio tentou elucidar:

– A Lei de Causa e Efeito não existe da forma como imaginamos. Muitos pensam que ela é hermética, fechada. Imaginam que um ato feito no passado terá um reflexo fatal no futuro e que isso é imutável. É um engano em que muitas pessoas acreditaram durante muito tempo sem questionar. Deus seria injusto e até mesmo cruel se nossos atos ditos maus não tivessem outra chance de reparação que não fosse a dor. Ocorre que entre o efeito e a causa, a vida concede um tempo para que aquele que praticou a ação possa se modificar alterando os resultados. A ciência moderna nos mostra que um fenômeno é a consequência das muitas variáveis envolvidas no processo. Qualquer alteração, por menor que seja, pode mudar totalmente o fenômeno. Se isso acontece nas leis físicas do mundo, o que dizer das leis espirituais? Elas são muito mais elásticas e reagem de acordo com a mente de cada um. Deus não pune, não castiga, não premia. Ele criou leis imutáveis que regem o mundo com perfeição e sabedoria visando a evolução de cada ser. Quanto mais evoluirmos pela lei de amor e pela inteligência, menos sofreremos, e a depender do esforço, poderemos até mesmo não sofrer nada. É aí que entra a Lei da Atração. Ela não burla as outras leis, mais coexiste com elas.

Conrado já conhecia aquelas explicações, mas pediu:

– Pode ser mais claro?

– Sim – respondeu Maurílio educadamente. – A Lei da Atração existe desde sempre, embora pareça ter sido descoberta agora. O homem sempre a usou para suas descobertas, para a melhoria de sua vida, e todos os grandes profetas e

iniciados a conheciam. Mas todos, sem exceção, usaram-na e a usam para seu próprio bem ou para o mal, ainda que inconscientemente. Ao pensarmos criamos sentimentos e, ao sentirmos, criamos energias para o universo que vão responder de acordo. Podemos afirmar que tudo o que acontece em nossa vida foi atraído por nós, pelas nossas crenças, atitudes e pelos pensamentos. Pode até ser que um fato atual tenha sua origem em vidas passadas, mas ele só acontece quando nos mantemos na mesma vibração.

Fez pequena pausa e, percebendo que era ouvido com atenção, continuou:

– Quem mais conhecia a Lei da Atração era Jesus, e em todo o Evangelho não deixou de ensiná-la. Em toda cura que realizava dizia: “vá em paz, tua fé te curou!”. Ou então: “faça-se conforme a sua fé!”. E o que é a fé senão a Lei da Atração colocada em prática? Quem tem fé acredita que vai receber o que deseja ou pediu. A crença absoluta de que algo pode acontecer aciona poderosas forças que realizam exatamente o que a pessoa crê. É infalível. Só com isso podemos explicar as chamadas curas milagrosas, aquelas em que a própria medicina sente-se impotente para explicar, como também os casos em que vidas destruídas, depressão, pobreza, vícios morais são vencidos quando ninguém mais acreditava que fosse possível.

– Eu pensei que a curas vinham pelo merecimento do espírito – disse Alexandre pensativo.

– O merecimento ainda é mal-entendido pela maioria. Muitos acreditam que devem ser pessoas certinhas, ter créditos com Deus para conseguir as coisas. Pura ilusão! O merecimento está na vida presente, no esforço que fazemos para ficar no bem, no pensamento positivo, na luta que empreendemos pela nossa melhora interior e na educação mental. Todo o mérito vem disso tudo e da nossa fé incondicional no Criador. Devemos saber que a Lei da Atração não torna o homem mais poderoso que Deus, mas sim um auxiliar Dele na construção de um mundo melhor. Jesus falou claramente dessa lei quando disse que nós somos deuses e que se quiséssemos poderíamos fazer tudo o que Ele fez e muito mais. Existe algo mais claro que isso?

Todos ficaram mudos. Maurílio, quando estava nesses encontros, parecia outra pessoa. Deixava a criança grande de lado e assumia ares de grande sábio. Sofia e Conrado não tinham dúvidas de que se tratava de um espírito com grande vivência.

– Mas essa lei pode ser extremamente perigosa na mente de pessoas más, sem escrúpulos ou moral. Será que elas podem conseguir tudo o que desejam sem que Deus interfira? – Alexandre questionava com dúvida.

– Claro que sim! Deus deu o livre-arbítrio ao ser humano e não intervém em seu uso. Os grandes déspotas da humanidade, que semearam o sofrimento, que dizimaram milhões de vidas, são a prova concreta da Lei da Atração usada para o mal.

– E eles ficarão sem receber nada em troca? Sem sofrer?

– Receberão o mal que fizeram. Quem se envereda pelo caminho do mal geralmente não quer enxergar a bondade da vida, ignora o poder do bem e, como cada um recebe o que dá, colhe da vida tudo o que semeia. As pessoas iludidas com a maldade podem conseguir muitas coisas, mas a vitória do mal é apenas momentânea, enquanto a do bem é eterna.

Algumas pessoas fizeram outras perguntas e Maurílio respondia com calma, uma a uma. Passada uma hora, ele pediu que desligassem as luzes e que deixassem o ambiente em penumbra para a segunda parte da reunião. Era o momento em que os espíritos amigos poderiam se expressar por meio dos médiuns ali presentes, orientando ou simplesmente deixando palavras de paz.

Alguns mentores se comunicaram ratificando as palavras de Maurílio sobre a importância da fé e a afirmação de que se quisermos encontrar a felicidade devemos insistir e pensar no amor, na riqueza, na fartura, na saúde, na espiritualidade, no sucesso, na prosperidade, na amizade e na luz.

Uma médium que estava próximo à Sofia e Conrado estremeceu levemente e olhando-os disse:

– Preciso falar com vocês. Sigam-me.

Eles foram conduzidos para um ambiente iluminado com pequenas lâmpadas verdes e sentaram-se diante da médium, que logo começou a falar:

– Meu nome é Lourdes e fui encarregada de lhes trazer uma mensagem do Plano Superior.

Conrado e Sofia mostravam-se nervosos, mas ao mesmo tempo confiantes.

– Os amigos espirituais desejam avisá-los de que vai ter início um tempo de muitas lutas. Afirmam que os pensamentos e os assuntos pendentes desta e de outras vidas acabarão por atrair situações que os farão pensar, refletir e rever valores. Pede que permaneçam firmes na confiança em Deus e dizem que nunca estarão sós. Esse aviso é para que possam estar mais preparados para a hora dos desafios, que sempre chega aos que ainda permanecem presos às culpas, sem entender que a vida é amor e harmonia. Contudo, acreditem que o nosso Criador jamais dará fardo pesado a quem não possa carregá-lo. Se tiverem fé, sairão desses momentos mais fortalecidos e seguros.

Conrado, mesmo envolvido pelo clima do aviso, lembrou-se de Daniele e perguntou:

– Pode nos falar algo sobre Daniele? Pelo menos dizer se ela vai reencontrar a família?

– O que posso dizer por agora, é que Daniele é um espírito muito necessitado e que está na Terra para aprender o valor do amor verdadeiro e do perdão sem máculas. Se vocês forem firmes poderão ajudá-la para que encontre seu verdadeiro rumo neste mundo. Nada acontece por acaso e não foi à toa que ela entrou na vida de vocês.

Conrado ia fazer mais perguntas quando Lourdes encerrou:

– Que Deus e Jesus possam fortificá-los hoje e sempre!

A médium voltou ao normal e os levou de volta à reunião, que já estava na prece final. Eles estavam emocionados e tentaram falar com Maurílio, mas ele disse não poder atendê-los naquele momento. No pensamento de Conrado e Sofia havia a certeza de que acontecesse o que fosse Deus estaria sempre com eles.



Conversa edificante

Já era tarde da noite quando os convidados da rotineira reunião noturna na casa de Rebeca e Gustavo começaram a se despedir. Verônica havia ido ao cinema e, apesar de insistir para que Daniele a acompanhasse, a moça preferiu ficar em casa, reclusa em seu quarto.

Percebendo a infelicidade de Daniele e imaginando o que ela deveria estar sofrendo com aquela situação, Adelina a cada dia aproximava-se mais da moça. Naquela noite, vendo-a sozinha, levou-lhe um livro para que pudesse se distrair. Ela não podia ficar no quarto conversando, pois a cada instante alguém a requisitava na agitada sala. Assim, Daniele foi se empolgando com a leitura até que o sono a foi dominando e ela dormiu rapidamente, deixando que o romance desabasse no chão.

Conrado, depois da reunião, foi a uma lanchonete com Sofia e Maurílio e enquanto lanchavam ele perguntou:

– O que você acha do recado que a espiritualidade nos mandou? Penso que está vindo sofrimento por aí.

– Todo sofrimento pode ser evitado – respondeu Maurílio com calma. – Contudo, se a espiritualidade os avisou e pediu para terem forças creio que é porque ainda não se modificaram o suficiente para evitarem as dores. Tenho certeza, porém, que terão forças e sairão vitoriosos.

– Sinto medo. Não sei o que o futuro nos reserva – disse Sofia apreensiva.

– O futuro depende apenas das nossas atitudes no presente. Não devemos ter medo do futuro quando estamos pensando e fazendo o bem. O espírito não falou em dores grandes, apenas disse que seriam lutas. E toda luta vem para melhorar o nosso nível espiritual.

– Tenho medo de ficar doente – continuou Sofia. – Tenho horror a doenças, hospitais, médicos. E olhe que ironia, fui amar logo um.

Maurílio sorriu e perguntou:

– Por que tem medo das doenças?

– Acho que é porque não podemos controlá-las. Tenho verdadeiro pavor de ficar presa a uma cama sofrendo dores ou vendo meu corpo se decompor. Acho mesmo que fui muito doente em vidas passadas, pois nada na minha atual existência justifica esse medo.

– Não importa se você foi doente ou não no passado. E se foi era porque temia as doenças, tinha atitudes negativas que desequilibravam seu corpo. Quanto mais se teme uma coisa, mais ela se aproxima de nós. Por essa razão, se quiser ter saúde, deve esquecer as doenças, os doentes e tudo o que se refira ao assunto. Sei que tem a mania de pesquisar o assunto. Diz não gostar de médicos, mas vive procurando saber tudo sobre a futura profissão de Conrado, o progresso da medicina e o surgimento de novas doenças. Você pensa que fazendo isso está se precavendo, mas é justamente o contrário. Ao entrar na faixa das doenças você as atrai para si.

Sofia sentiu um calafrio.

– Você diz que devemos esquecer as doenças, e eu concordo. Mas esquecer os doentes é falta de caridade. Você diz isso, mas sei que sempre visita hospitais nos fins de semana e feriados. Está se contradizendo.

– Não, minha cara – continuou Maurílio com firmeza –, visitar os doentes do corpo e da alma, quando feito com o coração, é um ato de amor. Mas ao visitarmos ou cuidarmos de um doente não devemos nos envolver emocionalmente no problema ou na doença dele. Se estamos indo levar conforto, consolação e paz, devemos estar bem, vibrar alegria, positivismo. Infelizmente muitos que vão aos hospitais fazer visitas entram em tristeza com o quadro do sofrimento que veem ou ficam perguntando e querendo saber tudo sobre a doença. Nada mais errado. Quem se contagia pela tristeza de um doente só faz somar com mais energias negativas. No fim, ninguém é ajudado e pode até ficar pior. Por tudo isso nunca entro no problema de saúde de ninguém. Confio em Deus e sei que Ele fará o melhor para aquela pessoa quando for oportuno. Faço uma prece e entrego tudo em suas mãos. Quando saio do hospital, esqueço o problema, pois sei que Deus fará tudo o que não está ao meu alcance.

Conrado aproveitou e disse:

– Maurílio tem razão. Na medicina uma das primeiras coisas que devemos aprender é ter total equilíbrio ao lidar com os pacientes. Um médico não pode demonstrar insegurança, tristeza, dor, desespero. Se ele se envolver com o sofrimento dos seus pacientes poderá meter os pés pelas mãos e errar feio. Diante do maior quadro de dor, devemos nos manter seguros, firmes, equilibrados. Só assim poderemos nos considerar médicos de verdade.

– Mas isso é frieza – replicou Sofia irritada.

– Não é frieza, minha querida, é equilíbrio – corrigiu Maurílio. – Muitos pensam que ser solidário é entrar no desespero, chorar, sofrer junto. Mas garanto que nada disso ajuda a quem sofre. Lembremo-nos das palavras de Jesus “um cego guiando outro cego, ambos cairão no fosso”. Na hora da dor quem mais ajuda é quem está equilibrado, porque até mesmo para fazer uma prece em favor dos que sofrem o requisito básico é estar em paz.

– O que sei é que não tenho forças para lidar com doenças. Um simples resfriado me deixa temerosa.

– Se você não quer lidar com a doença, o primeiro caminho é fazer de conta que ela não existe. Não leia, não fale, não assista nem pesquise nada sobre o assunto. É claro que exames de rotina são necessários, mas devemos deixar o vício de ir a médicos. Conheço pessoas que vivem de consultório em consultório, fazendo dezenas de exames, tomando remédios, tudo sem a menor necessidade. São pessoas sadias, mas acabarão ficando doentes de tanto entrar na faixa das doenças. Trabalho com o ser humano há muito tempo, estudo o comportamento, faço pesquisas e posso garantir que a maioria das pessoas que se dizem doentes e são viciadas em remédios nunca precisariam tomar nada. Infelizmente nem todos os médicos são éticos para esclarecê-las nesse sentido e é interesse da indústria farmacêutica que as pessoas adoeçam cada dia mais ou pensem estar doentes. Muitos médicos agem dessa forma e falham na missão espiritual que lhes foi outorgada por Deus no Evangelho: “Ide, consolai os enfermos e curai os doentes”.

Conrado arrematou:

– Ainda bem que tenho um amigo como você e tive a oportunidade de conhecer a espiritualidade. Não serei um médico comum, serei um médico a serviço da cura real, que é a da alma. Digo isso não por orgulho ou vaidade, mas pela

gratidão de ter conhecimento sobre as Leis Divinas que regem a vida.

– Faço votos de que você consiga, meu amigo – afirmou Maurílio com um brilho indefinível nos olhos. Logo depois consultou o relógio e levantou-se apressado dizendo:

– Já ia me esquecendo do meu compromisso. Estou atrasado!

– Quem é a vítima desta vez, hein? – gracejou Sofia.

– Eu sou a vítima; afinal, as mulheres usam e abusam de mim – respondeu Maurílio com graça.

– Sei disso, não. Quero ver quando você vai tomar juízo em sua vida afetiva.

– E para quê juízo no amor? Quero mais é ser livre!

Saiu sorrindo e Conrado não conteve o comentário:

– Tão sábio, mas um desregrado na vida sexual. Eu juro que por mais que tente nunca vou entender uma coisa dessas.

– Também não consigo entender. Maurílio não tem responsabilidade alguma quando o assunto é amor. Vive de aventura em aventura, cada semana com uma mulher diferente. E o pior é que ele magoa muitas delas.

– Vamos deixar Maurílio e suas loucuras e vamos para casa, amanhã teremos um dia cheio.

Após pagarem a conta, foram para casa.

***

Maurílio chegou ao seu apartamento particular e, como já previa, encontrou Ariane à sua espera. Ela era sua secretária e a única até aquele momento a privar de seus segredos mais íntimos. Maurílio a olhou e perguntou:

– Ela já chegou?

– Sim, está à sua espera. Como sempre, fiz tudo como o senhor mandou. Ninguém percebeu nada e na saída pode me ligar que estarei aqui, como de costume, para levá-la de volta.

– Ariane, Ariane... – disse Maurílio abraçando a secretária com carinho fraternal. – Não sei o que seria da minha vida sem você.

– Deixe disso, sabe que sou sua amiga. Mas acho que essa situação está ficando cada dia mais perigosa. Não acha que está na hora de parar?

– E você acha que eu consigo?

– É, sei que não... – Fez pequena pausa e concluiu: – Estarei em casa, não vou dormir, ligue-me quando chegar a hora.

Ariane saiu e Maurílio dirigiu-se a um bonito quarto reservado para seus instantes de amor. Em pouco tempo estava entregue a momentos de paixão, ternura e afeto que preenchiam ainda mais sua vida.

Horas depois, Ariane retornou e ficou na portaria aguardando. A pessoa misteriosa seguiu com ela, entrou no carro e partiram. Maurílio, vendo-as sumir na curva da esquina pensou firme: “O que seria de minha vida sem vocês?”.



Entrega ao amor

Conrado chegou a sua casa. A mansão estava às escuras e ele procurou não fazer barulho. Tinha levado Sofia para casa. Tanto ele quanto a noiva tinham compromissos no outro dia cedo.

Enquanto caminhava para o seu quarto pensava em sua relação com Sofia. Só agora ele podia entender que o que sentia por ela não era amor, mas admiração, companheirismo, amizade. Sofia era uma excelente pessoa, boa amiga, profissional esforçada. Certamente seria também a esposa ideal. Contudo, Daniele havia aparecido em sua vida e seus sentimentos haviam se modificado. Tinha certeza absoluta de que a amava com todas as forças de seu coração.

Ao pensar no amor que sentia, Conrado sentiu seu coração disparar. Como seria feliz se a tivesse em seus braços! Entrou no quarto, deitou-se, mas não conseguiu conciliar o sono. O rosto de Daniele aparecia insistentemente em seus pensamentos. Depois de um tempo, não aguentando mais a pressão dos sentimentos, vestiu uma camiseta e foi em direção ao quarto onde sabia que ela estava dormindo.

“Não consigo mais me conter”, pensava. “Preciso ficar próximo, pelo menos para conversar.” Com esses pensamentos bateu de leve na porta. Como não ouviu resposta, concluiu que ela estava em sono profundo, mas ainda assim não iria desistir. Começou a chamá-la baixinho:

– Daniele, por favor, acorde. Abra a porta, sou eu, Conrado. Preciso falar com você.

Dentro do quarto, já totalmente acordada, Daniele tremia. Ela sabia que aquele momento iria chegar, mas não tinha coragem de ceder àquele amor. Ela não podia, embora fosse o que seu coração mais desejasse. Fingiu que continuava a dormir, mas Conrado ainda que baixinho, continuou a chamá-la. Ela resolveu abrir, dizendo para si mesma que aquele momento não passaria de uma conversa entre amigos.

Quando Conrado a viu vestida em trajes de dormir, corpo à mostra, semblante

delicado e indefeso, pensou em como podia ter vivido até aquele momento longe daquela criatura. Controlou as emoções e disse:

– Posso entrar? Quero muito conversar com você.

– Não acho que seja adequado, Conrado. Já é madrugada, e por mais que seus pais sejam pessoas de mente aberta, não vou me sentir à vontade tendo-o em meu quarto. Além de tudo você é noivo e pode...

Ele a interrompeu colocando o indicador nos seus lábios com carinho.

– Deixe-me entrar. Prometo que nada de mal vai acontecer. Confie em mim. Você não confiou quando estava sozinha no meio daquela chuva?

– Foi o instante mais bonito de minha vida.

Aquelas palavras calaram fundo na alma apaixonada de Conrado e ele, sem poder mais resistir, tomou-a nos braços e beijou-a com ardor.

Sem ser vista, Verônica, que tinha chegado de uma festa minutos antes de Conrado, acompanhou do corredor toda a conversa e presenciou o beijo até que a porta do quarto se fechou. Uma felicidade muito grande a acometeu. Finalmente os dois haviam se acertado. Ela torcia muito por isso. Gostava de Sofia, admirava seu bom-senso, educação e sabedoria, mas Daniele a havia conquistado definitivamente. As conversas que mantinham, os mesmos gostos pelas músicas e algo mais que Verônica não sabia explicar em palavras fizeram com que aquela desconhecida passasse a ser mais que uma irmã, uma verdadeira alma afim. Tinha muito medo de que Daniele recobrasse a memória e os deixasse para sempre. Agora estava segura de que isso jamais iria acontecer. Apaixonada por Conrado, por mais que descobrisse sua família tinha certeza de que não teria forças suficientes para abandoná-lo. Mas Verônica também estava muito feliz pela felicidade do irmão que ela tanto venerava desde a infância. O que menos queria era que ele se metesse com alguma aventureira que o fizesse sofrer. Feliz da vida, recolheu-se para dormir.

No quarto, Conrado e Daniele se entregaram ao amor. Quando a emoção serenou, ele a encarou com ternura e disse:

– Nunca senti nada parecido. Você é a mulher da minha vida.

– Eu também não me recordo de haver um dia experimentado um sentimento tão forte, tão sublime. Conrado, eu não sei mais viver sem você.

Após dizer aquela frase, sem saber por que, Daniele começou a chorar um choro que foi aumentando rapidamente, logo estava num pranto convulsivo. Conrado não sabia o que estava acontecendo e pedia assustado:

– Acalme-se, meu amor. Eu a amo, estou do seu lado. O que está acontecendo? Lembrou-se de alguma coisa?

Ela continuava chorando e parecia não ouvir o que ele dizia. Percebendo que ela não iria falar, Conrado a aninhou nos braços e começou a alisar seus cabelos carinhosamente. Aos poucos, o pranto passou e ela voltou ao normal. Olhou para ele e disse:

– Desculpe. Não sei o que aconteceu. Apenas senti uma tristeza infinita, uma amargura tão grande, que só consegui chorar.

– Por quê? Será que é seu inconsciente acusando-a de traição? Será que você é casada?

– Não sei, e é isso o que mais me assusta. Eu o amo como nunca amei ninguém nesta vida, mas ao mesmo tempo não sei nada sobre mim.

– Você não sabe, mas mesmo que venha a saber tenho certeza de que nada vai nos separar. Eu pude sentir que nosso amor já veio traçado de outras vidas. Nosso destino é ficar juntos.

Mais uma vez se beijaram com muito amor e amaram-se novamente. Quando o dia estava clareando eles acordaram e Daniele mencionou:

– Apesar do amor que sentimos um pelo outro, essa nossa relação é uma loucura. Você é noivo de uma moça maravilhosa que não merecia essa traição. Sinto-me culpada.

– Não se preocupe, já disse para confiar em mim. Sofia é uma pessoa realmente maravilhosa e é justamente por esse motivo que vai saber entender e até apoiar a nossa situação.

– Mas não existe só ela. A polícia e os detetives continuam investigando minha

vida. Estou nas mãos da Justiça, sob tutoria de seu pai. Nunca poderemos nos casar ou formar uma família. E se eu nunca recuperar a memória? Tenho certeza de que não conseguirei conviver com você com essa página em branco, como se nada houvesse acontecido.

Conrado percebeu que ela tinha razão em se preocupar, mas a amava demais para deixar que qualquer problema os separasse.

– Não vamos pensar nisso. O que aconteceu aqui foi um encontro de sentimentos entre duas pessoas que se amam. Por esse motivo, sei que Deus vai nos ajudar para que tudo dê certo. Hoje mesmo falarei com meus pais que a amo e que quero ficar ao seu lado.

Daniele empalideceu:

– Não faça isso, pelo amor de Deus! O que a dona Rebeca e o sr. Gustavo pensarão de mim? Que o seduzi e estou à procura de dinheiro.

– Tenho certeza que meus pais jamais pensarão isso de você.

– Mas eu prefiro que as coisas sejam mais naturais, mais devagar...

– Mais natural do que foi nosso amor esta noite? Impossível. Prepare-se e fique mais linda do que nunca para o café da manhã, pois falarei com meus pais.

Daniele não queria aquilo, embora o amasse profundamente. As coisas estavam acontecendo muito rápido e ela se sentia perdida. Mas, diante daqueles argumentos, resolveu ceder.

Conrado foi para seu quarto e antes que Daniele voltasse a se deitar percebeu que alguém batia novamente à porta:

– Abra, Dani, sou eu, Verônica.

“O que Verônica queria em seu quarto àquela hora da manhã?”

Ao abrir a porta, Daniele foi surpreendida com um forte abraço e vários beijos nas bochechas. A alegria de Verônica era contagiante e logo Daniele percebeu que ela a havia visto com o irmão.

Verônica a conduziu para um pequeno sofá ao lado da cama e, pegando em sua mão, falou alegre:

– Eu sabia que isso ia acontecer! Você fará parte de minha família para sempre! Como estou feliz!

– Acalme-se, Verônica. As coisas não são tão simples como você imagina.

– Mas é claro que são. Para que complicar? Você ama meu irmão, meu irmão a ama. Vocês agora poderão viver juntos, ser felizes, encher esta casa de crianças.

– Seria muito bom que isso pudesse acontecer exatamente assim, mas esqueceu que ninguém sabe quem realmente sou? Meu passado está apagado. Tenho muito medo de envolver Conrado numa situação que pode não terminar bem.

– Seja você quem for, sei que não é casada nem noiva. Não há marcas de aliança em seus dedos. Você é livre para amar!

– Ainda assim estou assustada. Não tem nem um mês que estou aqui e, apesar de estar sendo bem tratada, vivendo uma situação que até parece um sonho, convivendo com pessoas tão maravilhosas como vocês, não sei se é adequado abusar tanto. Sofia vai sofrer e não sei se seus pais irão concordar com nosso amor.

– Sofia pode até sofrer, pois ela também ama meu irmão, mas sei também que vai saber superar o sofrimento. Conrado não a ama. Nunca vi um brilho tão grande em seu olhar como o que vejo quando a olha. Perto de você, meu irmão fica tão radiante que não consegue esconder.

Verônica mais uma vez, num gesto espontâneo, abraçou a amiga, cobrindo-a de beijos.

Mais tarde, na hora do café da manhã, Verônica e Sofia notaram que não havia ninguém à mesa. Adelina as esperava com olhar de preocupação.

– O que aconteceu, Adelina? Onde estão todos? Por que papai e mamãe não desceram? Onde está Conrado?

– Conrado está lá em cima com o sr. Gustavo. Seu pai acordou com pressão alta, sentindo muita tontura e dor de cabeça. Conrado aumentou a dose do remédio e

pediu que não descesse. Dona Rebeca está lá com eles.

Verônica fez ar de mofa.

– É o de sempre. Papai e mamãe tem esses achaques de vez em quando. Vamos sentar e tomar café nós duas.

– Isso não são achaques, menina. Seu pai é hipertenso e sua mãe também. Você sabe que os dois vivem com medicamentos. Estou preocupada, temo que aconteça coisa algo pior.

– Vira essa boca para lá, Adelina. Não é você que é sempre tão otimista?

– Sou sim, mas seus pais não atendem às ordens médicas. Bebem, fumam, exageram em alimentos que não podem ingerir. Canso de falar, mas eles não me ouvem.

Conrado desceu e Adelina inquiriu:

– Como ele está?

– Melhor. A pressão já está baixando. Agora é a da mamãe que está alta. O susto de acordar e ver papai passando mal, acabou por elevar sua pressão. Mas já chamei o dr. Augusto. Logo ele chegará.

– Ainda bem – murmurou Adelina.

– E vocês, como estão?

– Estamos ótimas, não é Dani?

– Não tão ótimas assim! Não podemos ficar bem com o sr. Gustavo e dona Rebeca doentes.

– Você está certa, Daniele – concordou Conrado ainda mais admirado pela preocupação da amada. – Verônica é que parece viver no mundo da lua.

– Se continuar assim, a próxima que terá pressão alta aqui serei eu – disse Verônica irritada. – Vamos tomar café em paz?

Todos começaram a comer mesmo sem ter fome e, calados, não trocaram mais

palavras. Conrado sentia-se frustrado por não poder declarar sua situação com Daniele por conta da indisposição dos pais e Daniele, por sua vez, estava aliviada. Deus a havia ajudado para que as coisas não acontecessem tão depressa.



Lição de vida

Nos dias que se seguiram, Rebeca e Gustavo foram melhorando e acabaram por retornar às atividades habituais.

Foi com ansiedade que Conrado esperou que esse dia chegasse, pois desejava contar logo aos pais sua paixão por Daniele, embora ela se mostrasse temerosa e sempre querendo adiar o momento.

Durante aquela semana, enquanto seus pais se recuperavam, Conrado procurou por Sofia na saída do colégio. Queria pôr fim àquela relação e sabia que não poderia continuar enganando uma pessoa tão honesta quanto sua noiva. Aquele foi um momento bastante delicado para ele. Vendo-a sair, dirigiu-se até ela procurando ser natural:

– Vim buscá-la porque precisamos conversar.

– Nossa, meu amor! O que houve? Para você ter vindo até aqui deve ser algo relevante. Noto pelo seu rosto que não está bem.

Conrado pediu que ela entrasse no carro, deu partida e logo estavam em uma elegante confeitaria. Olhando-a nos olhos, com a coragem que só o amor dá, ele começou:

– Sofia... Você sabe que sempre lhe fui fiel, sempre a respeitei e cuidei de nosso amor.

Ela assentiu e ele continuou:

– Você também sempre foi honesta comigo, ensinou-me a amar e a entender muitas coisas sobre a vida. Se hoje sou espiritualista devo isso a você. Justamente por ser você a pessoa que é e por sempre ter me ensinado a ser verdadeiro com meus sentimentos é que hoje estou aqui para dizer que meu amor por você acabou.

Sofia, mesmo esperando por aquilo havia dias, deixou que seus olhos se

enchessem de lágrimas e que elas escorressem pelo seu rosto. Contudo, controlou-se. Enxugando-as com delicado lenço de seda, pegou nas mãos de Conrado e disse com carinho:

– Eu sabia que um dia isso iria acontecer. Estava apenas esperando que você se posicionasse e tomasse coragem. Caso não fizesse isso, eu mesma faria.

Conrado levou um susto. De repente, pensou que Sofia poderia ter descoberto que ele se envolvera com Daniele. Mas como? Ia falando quando ela o interrompeu com delicadeza:

– Não fale nada, deixe-me continuar. Desde que Daniele apareceu notei que você mudou comigo. A princípio pensei ser por causa dos estudos, não queria acreditar que você estivesse gostando dela. Contudo, comecei a observar seus olhares e não tive mais dúvidas. Vi que a amava e que eu havia perdido o lugar em seu coração.

Conrado estava com a cabeça baixa e vendo sua pausa só conseguiu dizer:

– Perdoe-me...

– Não precisa me pedir perdão. Quem neste mundo pode mandar nos sentimentos? Eles nascem no fundo da alma e não temos escolha a não ser aceitá-los e vivenciá-los. Amamos as pessoas, mas por amar não lhe temos nenhuma posse. Quanto mais libertamos as pessoas mais provamos que as amamos. Ninguém precisa pedir perdão por amar. Amar nunca foi nem será crime. Sou consciente e sei que quando um sentimento termina não dá para voltar atrás. Embora eu o ame muito, não posso nem devo querer amarrá-lo a mim. Uma relação só dá certo quando é espontânea e livre. Por tudo isso, não tenha nenhum receio de amar Daniele e ser feliz com ela. Terá todo o meu apoio e a minha bênção. Seremos amigos e aprenderemos a conviver sem ciúme, sem raiva, sem disputa. E então? O que me diz?

Completamente emocionado, Conrado a abraçou e chorou sentidamente.

– Você é uma pessoa maravilhosa, não merecia isso.

– Deixe de bobagem. Quem sabe o que está me reservando o futuro? Vamos entregar tudo a Deus e viver o presente.

– Quero sim que seja minha amiga. Se você jura que isso não vai magoá-la, desejo que faça parte de minha vida com Daniele, de minha carreira, de tudo.

Sofia sorriu.

– Isso se ela não for ciumenta!

– Não será, tenho certeza.

Conrado refletiu um pouco depois disse:

– Sabe que você é uma pessoa rara? Nenhuma outra mulher agiria como você. Se eu não a conhecesse bem, diria que nunca me amou e ficou até feliz por nossa separação.

– Não sei se sou rara, mas uma coisa eu sei: tenho aprendido muito com a espiritualidade e procurado colocar em prática. Maurílio me ensinou que os conhecimentos teórico e intelectual de nada valem se não os usarmos no dia a dia. Além disso, creio que muita coisa já nasceu comigo. Sempre tive muita facilidade em compreender a vida, em olhar tudo com bons olhos. Certa vez, um espírito disse-me que já desenvolvi alguns lados do meu espírito em outras encarnações, mas não levei muito a sério. O que posso afirmar é que minha forma de ser me torna uma pessoa alegre, preenchida, feliz. É isso que quero continuar sendo. Aprendi que o fim de uma relação é a porta para outra muito melhor. Em vez de ficarem se lamentando e correndo atrás do que se foi, as pessoas deveriam se abrir para novas e mais sinceras relações. Nosso coração é imenso, e podemos amar outras vezes e encontrar a felicidade.

– Diante de tudo isso eu só tenho a lhe agradecer. Não só por sua compreensão, mas pela vida, por ter me dado a chance de conhecer pessoas tão maravilhosas e conviver com elas.

De repente, Sofia se arrepiou e teve um mau pressentimento. Foi envolvida por uma sensação estranha e num ímpeto olhou Conrado fixamente e disse:

– Aconteça o que acontecer, nunca se esqueça de que jamais estará sozinho. Se tudo der errado, se o sofrimento bater à sua porta, procure-me, estarei esperando-o disposta a ajudá-lo.

Conrado sentiu que não era Sofia sozinha quem falava, mas alguém por meio

dela. O que seria aquilo? Uma previsão de que não seria feliz com Daniele?

Quando Sofia voltou ao normal ele indagou:

– Por que me disse isso?

Agindo com normalidade, ela respondeu:

– Deu vontade. Agora vamos terminar o lanche, nosso sorvete já está todo derretido.

Conrado sorriu, mas no íntimo as últimas palavras da ex-noiva não deixavam de ecoar em seus ouvidos.

***

Ao chegar a casa encontrou Verônica na sala distraída com revistas de fofoca.

– Minha irmã, contei tudo a Sofia e ela compreendeu. Foi melhor do que eu previa!

– Eu sabia que Sofia não ia se importar. Também pudera! Uma mulher como ela, linda, culta, admirada, independente, rica, não precisa ficar presa a homem nenhum.

– Da forma como você fala dá a entender que Sofia queria se livrar de mim.

– Não foi isso que quis dizer. Só acho a Sofia muito mulher, sabe? Não é daquelas bobas que choram por homens. Logo, logo vai estar com um gatão!

Conrado sentiu uma ponta de ciúme. Será que Sofia seria capaz de em pouco tempo aparecer com outro? Não conteve a pergunta:

– Você está sabendo de alguma coisa? Algum outro cara no clube pensa em namorar Sofia?

– Claro que sim! Inclusive o Ricardo Gouveia. Você sempre soube que ele

arrasta um caminhão por ela. Agora que está solteira tenho certeza de que vai conquistá-la

Conrado começou a se arrepender de ter terminado o noivado. Foi interrompido nos pensamentos por Verônica, que perguntava:

– Espero que você tenha sido corajoso o suficiente para ter dito que fez amor com Daniele aqui em casa...

– Claro que não falei nem vou falar! Está maluca? Não quero que a Sofia se sinta traída. Aliás, nem conversamos detalhes. Apenas confirmei minha paixão por Daniele. Creio que foi o suficiente.

Verônica fez ar de pouco caso e voltou a folhear a revista. Conrado perguntou:

– Onde está Daniele?

– Você não está lembrado?

Conrado meneou a cabeça negativamente.

– Está trancada na biblioteca com a psicóloga e o psiquiatra desde cedo. Não sei o que tanto fazem lá dentro, isso não vai dar em nada.

– Nossa, agora foi que lembrei! Hoje começam as sessões para tentar fazer com que ela recupere a memória. Confesso que fico entre a cruz e a espada. Quero que ela lembre, mas ao mesmo tempo sinto medo.

– Sei como é. Mas fique tranquilo. Não acredito que esse tratamento vá surtir algum efeito.

– Por que diz isso?

– Não gostei muito da cara desses profissionais. A psicóloga é arrogante e metida, e o psiquiatra, como todos, tem cara de doido.

– Você hoje está pior do que de costume.

– Sou sincera. Li em uma revista que quem perde a memória só recupera aos poucos e de maneira espontânea. O que esses dois querem é arrancar dinheiro do

papai.

– Vamos ver. Vou subir. Quando Daniele sair da sala, me chame no quarto, tá?

– Sim, mano.

Conrado subiu e Verônica continuou folheando a revista. Vez por outra olhava para a porta trancada da biblioteca desejando que a amiga saísse para que pudessem dar uma volta no shopping.

Daniele já estava saindo sozinha e começou a gostar dos passeios com a futura cunhada. Já Verônica havia encontrado temporariamente uma forma de preencher seu vazio interior.



Suspeitas

Meia hora depois, a porta da biblioteca se abriu e Daniele foi a primeira a sair. Verônica percebeu pelo seu semblante que ela havia chorado e estava muito nervosa. O que aqueles dois tinham feito com ela?

Não deu tempo de chamar a amiga, que subiu as escadas feito um furacão, trancando-se no quarto. Paula e Robson aproximaram-se de Verônica, e a psicóloga indagou:

– Onde está seu pai ?

– Está no escritório. Por quê?

– Precisamos falar com ele urgentemente.

– Infelizmente terão de esperar o fim da tarde. Raramente meu pai almoça em casa e minha mãe está ocupada com os serviços dela. Queiram se retirar, por favor.

Notando o tom irritado de Verônica, Paula não se intimidou:

– O que tenho para falar com seu pai é muito sério. É do profundo interesse dele e de toda a sua família.

– Então vá ao escritório, oras.

Robson interferiu:

– Não é assunto que possamos tratar em um escritório de advocacia. Queremos saber se há algum inconveniente se ligarmos para ele pedindo que venha para casa o mais rápido possível. Embora nos tenha deixado todos os seus números de contato, não sabemos ao certo suas ocupações e se pode atender a um pedido desses.

– Ao contrário de vocês, os advogados costumam ter todo o tempo ocupado. Creio ser melhor irem embora e voltarem no fim da tarde.

Paula estava fazendo o possível para se controlar diante daquela criatura que a seu ver era insuportável e irônica. Tentou contemporizar:

– Vamos ligar, sim. A gravidade do caso nos obriga a fazer isso.

Assim, Paula tirou o fone da base e ligou. Após pedir a Gustavo que fosse para casa e ouvir uma resposta positiva, sentou-se e esperou. Robson a acompanhou.

Verônica deixou a revista de lado e, encarando a psicóloga, perguntou:

– Mas o que têm de tão urgente para falar com meu pai? Por acaso descobriram quem é Daniele? Fizeram com que ela recobrasse a memória?

– Ainda não – disse Paula em tom formal. – Contudo, descobrimos outras coisas bastante relevantes.

– Então podem falar para mim. O que estão esperando?

– Minha querida, não foi você que nos contratou. E o assunto é bastante importante para ser dito a outra pessoa que não seja seu pai. De posse da informação que lhe passarei, aí ele poderá contar até aos empregados – respondeu Paula com ironia.

– Antipática! – bradou Verônica, dando as costas e subindo para o quarto de Daniele.

Bateu de leve e ouviu sua voz pedindo que entrasse.

Daniele estava deitada com o rosto enfiado nos travesseiros, parecia chorar. Verônica aproximou-se, alisou seus cabelos com carinho e perguntou:

– O que aqueles dois patifes fizeram com você?

– Nada de mais – respondeu Daniele com voz entrecortada.

– Ah, conte-me outra. Você saiu da biblioteca muito nervosa, abalada. Vai me dizer agora por quê.

Daniele levantou-se, enxugou o rosto com as costas das mãos, e disse:

– Eles me deixaram bastante constrangida. Foram fazendo perguntas em cima de

perguntas, às quais eu não sabia responder. A psicóloga em determinado momento começou a conversar comigo como se eu fosse uma marginal. Senti-me muito humilhada. Vou pedir ao dr. Gustavo que troque de profissionais. Não sei quem sou, mas tenho dignidade.

– Bem que percebi que essa Paula não presta. Não precisa pedir. Eu mesma falarei com papai.

– Você faria isso por mim?

– Claro que sim, Dani. Leio muito e sei que se um paciente não se dá bem com determinado profissional da área de saúde mental, ele pode ficar até pior.

– Só tenho a lhe agradecer.

As duas se abraçaram e logo Daniele estava recuperada e confiante. Mas a confiança durou pouco. Olhando-a nos olhos, Verônica comentou:

– A psicóloga está lá embaixo dizendo que quer falar com meu pai em caráter de urgência. Até ligou para o escritório dele pedindo que viesse para casa. Disse que fez algumas descobertas sobre você.

Daniele empalideceu.

– Será que ela me reconheceu? Será que sabe quem sou?

– Não. Disse que descobriu outras coisas relevantes.

– O que será? – questionou Daniele angustiada e nervosa. – Vivo com medo que descubram coisas ruins sobre mim. De repente, sou de uma família envolvida com a polícia ou até mesmo casada. Temo que não consiga realizar o sonho de me casar com Conrado.

Vendo que Daniele começou a chorar, Verônica pegou sua mão consolando-a:

– Seja o que for que descubram, sempre estaremos ao seu lado. Você ama Conrado e ele também a ama. Pode haver algo mais forte que isso?

Daniele não falou mais nada. Assustada e aflita, aninhou-se nos braços da amiga tentando se acalmar.

***

Faltava pouco para o meio-dia quando Gustavo chegou. Eles e os profissionais da saúde foram para a biblioteca, fecharam a porta e ele começou:

– Confesso que fiquei bastante preocupado, Paula. Sua ligação e seu tom de voz denunciavam um problema grave. O que foi?

Paula olhou-o nos olhos e foi direta:

– Daniele está mentindo. Ela não perdeu a memória.

Gustavo tomou um grande susto.

– Como assim?

– É isso mesmo o que o senhor ouviu. Essa moça está mentindo para o senhor e para toda a sua família.

– Como conseguiu chegar a esta conclusão? – perguntou Gustavo nervoso.

– Além de psicóloga sou especialista em linguagem corporal. Fiz algumas perguntas-chave e ela se perdeu, cometeu atos falhos e pude comprovar que está mentindo. O senhor precisa fazer alguma coisa. É extremamente perigoso deixar uma pessoa mentirosa que o senhor mal conhece debaixo de seu teto.

Gustavo quedou-se na cadeira. Ainda não estava acreditando que aquilo fosse verdade. Olhou para o dr. Robson, o psiquiatra, que se mantinha calado, e perguntou:

– O senhor também concorda com isso?

– Não tenho a especialização da minha colega, mas posso garantir também que ela está mentindo. Percebi em seus olhos que não fala a verdade. A minha vivência como psiquiatra, acompanhando todo tipo de gente não deixa eu me enganar.

– O que me sugerem fazer?

– Expulse-a de sua casa imediatamente – disse a psicóloga com energia. – Ninguém sabe quais são os motivos que levaram essa moça a mentir e a se infiltrar aqui. Pode ser perigosa.

– Como pude me enganar tanto? Daniele é uma pessoa boa. Se está mentido é por um bom motivo. Depois, ninguém conseguiu identificá-la. Os melhores investigadores estão cuidando do caso e nada até agora.

Robson observou:

– Talvez ela não seja daqui.

– Como assim?

– Estou dizendo que ela não é de nosso estado ou de nossa região. Eu e Paula notamos que seu sotaque paulista é forçado. Parece que teve de aprender muito como falar como nós. Algumas vezes dá a entender que é uma nordestina.

Gustavo sentiu-se gelar. O que uma pessoa do Nordeste estaria fazendo em sua casa? Há muito tempo que ele esqueceu aquela região que só lhe trouxe problemas. Só agora podia perceber que realmente Daniele forçava o sotaque paulista e que em sua fala havia realmente um quê de pessoas do Nordeste. Como fora tão cego? Pensou um pouco e decidiu:

– Não vou mandá-la embora.

– Como assim? – perguntou Paula. – Quer ser vítima de uma pessoa sem escrúpulos?

– Pode até ser que ela esteja fingindo, mas não acredito que seja uma pessoa ruim. Sou advogado há muitos anos, acostumado a lidar com bandidos. Sei que tem muitos com cara de anjo, mas em algum momento eles se traem. Daniele mora conosco há mais de um mês e não consegui flagrá-la em um ato sequer que contradiga sua bondade. Essa moça pode estar fugindo de algo muito sério e eu desejo ajudá-la.

– Eu não direi mais nada. Meu papel foi feito. Agora é com o senhor.

Os doutores foram se levantando e Gustavo pediu que Adelina os acompanhasse até o portão. Ficou na biblioteca fumando um cigarro atrás do outro, sem saber o que fazer. Não poderia contar aquilo a Rebeca nem aos filhos. Por outro lado sabia que Paula não estava enganada. Era famosa e muito boa no que fazia, inclusive havia dado excelentes contribuições à polícia. Por tudo isso a contratara. O que fazer?

Pensou um pouco mais e decidiu:

– Vou dizer a todos que tanto a psicóloga quanto o psiquiatra disseram que Daniele não precisa de tratamento. E quanto ao que descobriram direi apenas que supõem que ela seja nordestina. Isso até ajudará para que ela se abra conosco.

Na hora do almoço, todos estavam em silêncio, embora quisessem perguntar o que havia se passado na biblioteca. Gustavo notou que Daniele estava muito nervosa e mal tocava nos alimentos.

Quando terminaram, foram para a sala de estar e, entre um licor e outro, Gustavo tomou a palavra:

– Sei que estão curiosos para saber a opinião dos especialistas e a descoberta que fizeram. Têm todo o direito, principalmente você, Daniele.

Pelo tom amável e cordato de Gustavo, ela percebeu que não havia nada de mais e por esse motivo não era necessário se preocupar. Ele, percebendo que todos o escutavam com atenção, prosseguiu:

– Tanto Paula quanto o dr. Robson chegaram à conclusão de que Daniele não precisa de tratamento algum. Disseram que sua perda de memória ocorreu devido a um trauma e que ela vai recuperá-la espontaneamente, sem necessidade de tratamento.

Verônica sorriu alegre:

– Não disse? Li que a amnésia por si mesma se resolve.

Conrado estava desconfiado:

– Mas, e se a amnésia for por conta de uma lesão no cérebro? Eles não

requisitaram nenhum exame?

Gustavo foi pego de surpresa. Tentou encontrar uma desculpa:

– Se não pediram foi porque não viram necessidade. Além de tudo, se Daniele tivesse alguma lesão cerebral certamente estaria sentindo dores, desmaiando etc. E você, como estudante de Medicina, sabe muito bem disso.

Conrado calou-se e Verônica perguntou com euforia:

– E qual foi a descoberta que a antipática disse ter feito?

– Ah, sim, ela me disse que tem quase certeza de que Daniele é nordestina.

Aquela frase caiu como uma bomba na mente de Daniele. Completamente desesperada, ela tentou disfarçar:

– Nordestina? Será que sou de lá?

– Isso não pode ser verdade – disse Verônica com ênfase. – Os nordestinos não falam como nós, o sotaque deles é diferente.

– Mas ela disse que parece que Daniele aprendeu a falar com sotaque de paulista. Provavelmente está há pouco tempo na cidade. E se vocês notarem, às vezes, ela fala como se estivesse cantando, o que é comum em alguns estados do Nordeste.

Verônica percebeu que estava tão empolgada com a nova amiga que não havia observado esse pequeno detalhe. Era verdade. Por mais que Daniele se esforçasse para falar como eles, havia vezes que escorregava. Conrado pensou a mesma coisa e disse:

– Então as investigações sobre sua origem devem mudar de rumo.

– Não sei como fazer isso, filho – ponderou Gustavo com calma. – O Nordeste possui muitos estados. Creio que será difícil.

Ninguém percebeu, mas Rebeca, que ficara o tempo inteiro calada havia transformado seu semblante, que ficou pálido e contraído. Aquela história envolvendo o Nordeste mexera com ela. Procurou controlar a ansiedade e se

manifestou:

– Vamos com calma. Notem como Daniele está nervosa. Isso não é bom para ela. Se veio de outra região, vamos descobrir. Isso não vem ao caso agora.

– Disse bem, meu amor. Vamos com calma.

Conrado manifestou-se:

– Creio, meu pai, que não será possível termos tanta calma assim.

– Por quê? – indagou Gustavo, olhando o filho com desconfiança.

Tomando coragem, e vendo que era a hora, Conrado afirmou:

– Descobri que amo Daniele e que ela também me ama. Desde o dia em que a encontrei na calçada não consigo esquecê-la um só instante.

Completamente nervoso, Gustavo perguntou:

– Isso é mesmo verdade?

– Tanto é verdade que terminei meu noivado com Sofia. Agora sou um homem livre, posso me casar com quem realmente amo.

Enquanto Conrado enviava olhares amorosos para Daniele, Gustavo e Rebeca trocavam olhares de preocupação. Procurando conter-se, ele disse ao filho:

– Você é adulto e sabe que nunca, nem eu nem sua mãe interferimos em sua vida. Então só podemos aprovar e abençoar essa união.

Rebeca tentava sorrir, embora estivesse bastante nervosa, a ponto de explodir. Conrado pediu:

– É por isso que necessito que o senhor torne ainda mais urgente essas buscas pelos parentes dela. Não podemos nos casar sem sabermos de seu estado civil.

– Paciência, meu filho. Vamos acelerar, mas ainda assim pode ser que demore muito.

Verônica tomou a palavra:

– Mas para que esperar casar no papel ou na igreja? Vocês podem morar juntos desde já, aqui mesmo na mansão. Podemos derrubar uma parede e aumentar o quarto do Conrado para que fique adequado a um casal.

– Não vê que não quero uma união assim para Daniele? – disse Conrado, irritado com a falta de senso da irmã. – Quero tudo correto. Enquanto não nos casarmos viveremos como estamos, em quartos separados.

– Que feio! – retorquiu Verônica. – Pensa que não sei que vocês já fizeram amor? Que adianta dormir em quartos separados se durante a noite você pula para a cama dela?

– Você agora passou de todos os limites, Verônica. Mais uma palavra e nunca mais falo com você.

– Desculpe. Mas só falei a verdade, e você sabe que aqui nunca teve esses problemas. Nossos pais são liberais.

– Somos liberais – falou Rebeca. – Mas concordo com seu irmão. Um quarto de casal parece algo que já foi oficializado. Se ele quer manter tudo como está, não vamos opinar.

Verônica calou-se, mas pensou:

“Quanta idiotice! Que diferença faz uma simples parede de um quarto?”

Terminada a conversa, Gustavo e Rebeca pediram para se retirar aos seus aposentos. Enquanto os três continuaram conversando animadamente. Conrado não estava mais com raiva da irmã e Daniele se mostrava mais tranquila, dizendo a todos querer encontrar seus familiares.

Apenas Adelina, a um canto da sala, olhava desconfiada para ela e intimamente se perguntava:

“Onde será que vi esse rosto?”



Preocupações

Assim que entraram no quarto e fecharam a porta, Rebeca e Gustavo mostraram-se extremamente nervosos. Ela dizia:

– O mais certo seríamos entregar essa moça às autoridades. Não gostei nada de saber que é nordestina. Lembra o que essa região já nos trouxe de problemas?

Gustavo, sentando na cama, coçava a cabeça sem saber se dizia ou não a verdade à esposa. Por fim, resolveu:

– Deixe de andar em círculos e sente-se aqui. Tenho algo importante a lhe dizer.

Rebeca viu o rosto sério do marido e prontamente obedeceu.

– Minha querida, fiz uma descoberta hoje que muito me assustou. Sei que ao saber ficará mais assustada ainda, mas não posso deixar de lhe contar.

– Diga logo, está me deixando ainda mais nervosa.

– O psiquiatra e a psicóloga que fizeram hoje a primeira consulta com Daniele, afirmaram que ela está mentindo, que nunca perdeu a memória.

O coração de Rebeca acelerou ainda mais.

– Eles têm certeza disso?

– Sim. Garantiram-me que ela está enganando a todos nós.

– Estou horrorizada. Então o caso é pior do que eu pensava. Porque fomos cometer a loucura de abrigá-la aqui?

– Acalme-se. Não acredito que Daniele seja uma pessoa ruim ou que esteja com más intenções. Principalmente porque notei que está realmente apaixonada pelo nosso filho e nunca, desde que chegou, demonstrou maldade em qualquer atitude.

Rebeca olhou para o marido com pavor:

– Será que você está perdendo o juízo com a idade? Os piores bandidos são esses que têm cara de gente de bem. Vamos expulsá-la daqui agora.

– Não, querida, acalme-se. Eu sei muito bem quando estou lidando com um marginal ou alguém dissimulado. Sei que esses com cara de anjo são os piores, mas sempre se contradizem e se traem no olhar. Daniele não é nada disso. Tenho certeza de que está fugindo de algo ou de alguém e procurou amparo.

Rebeca pareceu se acalmar e disse:

– Nossos filhos precisam saber.

– Não vamos contar nada agora. Vou tentar arrancar dela o máximo de informações possíveis. Uma hora ela deixa escapar algo.

– É muito arriscado.

– Não tenha medo. O que uma moça como Daniele pode nos fazer?

– Eu não sei, eu só sei que, como diz o ditado, quem não deve, não teme. Só nós sabemos como conseguimos tanta fortuna. Apesar de estar arrependida e de fazer tudo para sanar minha parte pelos erros que cometemos, estou sentindo uma sensação de culpa que, às vezes, parece que vai me enlouquecer.

Gustavo levantou-se, foi até o criado mudo, pegou um cigarro e acendeu.

– Eu também não esqueço como fizemos fortuna, mas também me arrependo e me culpo todos os dias. Temos dado uma vida digna aos nossos filhos e lhe passamos os mais altos valores de moral. São pessoas de bem. Contudo, não consigo deixar de me culpar.

– E o que me deixa mais intrigada é o fato de ela ser nordestina.

– A psicóloga não afirmou isso, apenas sugeriu.

– Mas agora percebo que seu sotaque paulista é forçado, e sua fala é um tanto carregada. Como não nos demos conta disso antes? Esqueceu que também somos nordestinos? Conheço muito bem o nosso modo de falar!

– Ficamos tão envolvidos com a doçura de Daniele que não nos demos conta. E foi justamente lá que cometemos os nossos maiores crimes.

Gustavo meditou sobre o que disse e deixou que uma lágrima discreta escorresse pelo canto do seu olho. Enxugou-a com as costas das mãos e concluiu:

– Contudo, sei que Daniele é uma pessoa boa e essa história de ela ser do Nordeste pode ser simples coincidência.

Rebeca sentiu um arrepio estranho e abraçou o marido, que lhe correspondeu o abraço. Foram se deitar, mas nenhum dos dois conseguiu sequer tirar um cochilo, ficando cada um imerso em seus próprios pensamentos.

Sem que eles percebessem, três espíritos de homens olhavam-nos com extremo ódio. O mais velho olhou para os outros dois e, deixando que uma gosma caísse de sua boca, disse:

– Não adianta ficarem preocupados, nem terem feito tanto bem. O destino de vocês é o abismo, para onde faremos questão de levá-los assim que desencarnarem. Miseráveis!

Dizendo isso, avançou para cima do casal, seguido pelos companheiros e todos os envolveram em uma gosma verde. Rebeca e Gustavo começaram a sentir diversas dores pelo corpo. Tomaram analgésicos e procuraram relaxar, mas as dores continuaram por longas horas.

***

Enquanto isso, na sala, a conversa seguia animada entre Verônica, Conrado e Daniele, embora ela tentasse esconder certa preocupação no olhar. Em dado momento, Conrado sugeriu:

– Que tal sairmos para lanchar e assistir a um bom filme?

Verônica vibrou:

– Podemos ir, sim! Há ótimos filmes em cartaz. Mas você não tem nada para fazer da faculdade hoje à tarde?

– Sempre tenho muito que estudar e fazer, mas em um momento como esse dou-me ao luxo de esquecer essas coisas. E então? Vamos?

Daniele fez que sim com a cabeça e em poucos instantes estavam assistindo a uma comédia romântica. Logo após, foram para uma lanchonete próxima e, enquanto aguardavam os pedidos, Conrado comentou:

– Nem me dei conta de que estamos há poucos passos da editora do Maurílio.

– Não estamos apenas a poucos passos da editora, estamos também a poucos passos do próprio Maurílio – disse Verônica apontando o amigo que distraidamente conversava com uma mulher elegante e jovem em um canto da lanchonete.

– Vou lá falar com ele e chamá-los para se sentar conosco.

– Não! – Verônica segurou o braço do irmão com força. – Não vê que ali é uma conversa amorosa? Aliás, amorosa não, sensual. Seu amigo Maurílio é um pilantra que só pensa em sexo e vive usando as mulheres. E o pior é que esse desclassificado ainda quer dar uma de espiritualizado ministrando cursos de autoajuda. Não sei como vocês ainda frequentam aquele lugar.

Conrado olhou melhor e percebeu que de fato Maurílio estava bastante entretido. Parecia estar querendo conquistar a moça. Resolveu não interferir.

O lanche chegou, e entre uma conversa e outra, Verônica olhou para Daniele e disse:

– Eu tenho muito medo de que tudo isso acabe.

– Como assim? – questionou Daniele sem entender.

– A psicóloga já disse que você veio do Nordeste. Essa informação será passada às autoridades e talvez agora finalmente encontrem sua família. Estamos tão felizes! Temo uma separação.

Daniele se enterneceu com a sinceridade de Verônica:

– Não pense assim. Como lhe disse, seja eu quem for, jamais deixarei de estar com vocês, que se tornaram minha verdadeira família. Amo Conrado, estou muito feliz com ele e por nada ou ninguém iria deixá-lo.

Conrado se emocionou e, mais uma vez, percebeu o quanto a amava.

As duas amigas continuaram conversando e não perceberam quando Maurílio pagou a conta e saiu discretamente por uma das portas das laterais. Conrado observou bem e reconheceu a mulher que o acompanhava: era Leila, uma jovem rica e casada com o empresário Guilherme de Lima. Pela animação dos dois e pelo clima romântico, Conrado teve certeza absoluta de que estavam tendo um caso. Pensou: “Maurílio não tem limite algum quando o assunto é mulher. Talvez minha irmã tenha razão e ele não seja a pessoa mais indicada para nos passar valores espirituais, ainda que já nos tenha ajudado muito”.

Quando chegaram a casa já era hora do jantar. Apesar das conversas descontraídas e até das risadas de Gustavo, era notório que tanto ele quanto Rebeca estavam preocupados.

Quando o jantar terminou, começaram a chegar os primeiros convidados para a tradicional reunião da noite. Conrado fez questão de apresentar Daniele a todos como sua noiva. Algumas pessoas falaram mal pelas costas, outras admiraram sua coragem.

A reunião ia alta quando Conrado e Daniele resolveram se recolher. Quando a casa estava às escuras, ele foi para o seu quarto, onde mais uma vez viveram uma noite de amor.

***

Os dias que se seguiram foram tranquilos. Parecia que Gustavo e Rebeca haviam se recuperado do susto e já não demonstravam nenhum temor. Em uma noite, enquanto dormia, o espírito de Gustavo saiu do corpo e pela primeira vez viu os três espíritos infelizes que o acompanhavam querendo vingança. A princípio, assustou-se, pois não os reconheceu, mas depois de poucos minutos, enquanto o mais velho o olhava com muito rancor, ele gritou:

– João?! É você mesmo? O que faz aqui? Você morreu!

Gustavo estava tremendo muito e assustado. Percebendo o estado do advogado, o espírito de João bradou:

– Pensou que podia me matar, não é infeliz? Mas não conseguiu. Eu e meus filhos continuamos vivos e desde aquele dia esperando uma hora para nos vingarmos. E essa hora chegou, será o seu fim.

Gustavo, assustado, disse num fio de voz:

– Perdoe-me, João. Não sabe o quanto estou arrependido desse e de todos os outros crimes.

O espírito riu alto, deixando que uma gosma verde escorresse pelo canto de seus lábios.

– Eu nunca vou perdoá-lo. Nem você, nem essa sua mulherzinha, que o induziu a fazer tudo o que fez. Vocês dois serão nossos escravos no abismo.

Gustavo, aterrorizado e sentindo que era verdade, começou a chorar.

– Não adianta chorar. Agora é tarde. Seu choro não vai devolver a vida de minha família. Também não precisa ficar com medo agora. Não faremos nada de mal a você. Mas saiba que nunca escapará da justiça e essa justiça eu farei com minhas próprias mãos quando chegar a hora. Foi para essa vingança que me preparei desde que morri e você não escapará. Nunca!

Uma gargalhada estrondosa ecoou em todo o ambiente e o espírito de Gustavo, culpado e aflito, buscou refúgio no corpo físico, que acordou subitamente.

Tentando se localizar no quarto, percebeu que estava em sua cama, onde Rebeca dormia tranquila. Acendeu o abajur, tomou um gole de água, mas não conseguiu conciliar o sono. Sensações de pavor perpassavam em seu corpo, e ele, sem conseguir mais se conter, acordou a mulher:

– Rebeca, Rebeca!

– O que houve, querido? Está se sentindo mal? – perguntou a mulher com visível cara de sono.

– Sim, estou nervoso e com medo.

– Ah, não venha me dizer novamente que é a história de Daniele. Nem eu estou mais preocupada.

– Não é sobre Daniele. Sente-se aí. Vamos conversar.

Rebeca, já totalmente acordada, ajeitou o travesseiro nas costas e fitou o marido, pálido feito cera.

– Sonhei com o João.

– João? Mas quem é João? O seu office-boy?

– Não. Sonhei com João lá do Nordeste.

– Lá vem você novamente com o Nordeste. Está impressionado com o que a psicóloga lhe disse.

– Não, não estou. Não fui dormir pensando nisso.

– Mas quem é esse tal João? Não me lembro de nenhum João.

Gustavo contou toda a história e Rebeca começou a mudar de fisionomia. Não gostava de lembrar daquele caso fatídico. Assim, interrompeu o marido:

– Está bem, não precisa me contar tudo. Lembro-me muito bem. Mas João está morto e enterrado, não pode nos fazer mal nenhum.

– Mas ele afirmou que vai se vingar de mim e de você.

– Besteira. Os mortos não tem nenhum poder.

– E se for verdade o que nosso filho fala? E se quem morre continua vivo em outro lugar? Estaremos numa enrascada, pois não foi apenas a João que fizemos mal, mas a muita gente. E todos eles deverão estar ao nosso redor querendo vingança.

Rebeca, assustada, contestou:

– Seu filho está metido com o Espiritismo, por esse motivo diz tanta bobagem.

Eu não acredito nisso.

– Eu tenho minhas dúvidas. Por mais que tenha me envolvido no meio acadêmico, tem certas coisas na vida, principalmente na vida de pessoas envolvidas com a Justiça que só podem ser explicadas espiritualmente. Há pouco tempo li um romance do Conrado, que me deixou bastante impressionado. Trata-se de A verdade de cada um, de Zibia Gasparetto, que explica com clareza como os espíritos interferem em nossa vida. Temo que o João esteja aqui neste quarto. Eu o vi ali, próximo ao guarda-roupa.

Rebeca abraçou o marido com medo.

– Não quero mais falar sobre esse assunto, fico muito nervosa. Vamos orar e dormir.

– Orar? Você nunca foi disso.

– Esqueceu que faço parte de diversas pastorais?

– Você ajuda, mas sei que nunca foi religiosa.

– Mas agora quero orar. Acompanhe-me.

Eles começaram a balbuciar um Pai-Nosso mecanicamente, enquanto os espíritos de João e dos filhos riam e rodopiavam ao redor. Aquela oração, feita sem nenhum sentimento de amor a Deus e sem nenhuma emoção, não fez efeito algum. Vendo que não conseguiriam mais dormir, tomaram uma dose alta de ansiolítico e meia hora depois estavam apagados.

Devido ao efeito do remédio, os espíritos de Rebeca e Gustavo também dormiam alguns centímetros acima do corpo físico.

João, com semblante que o ódio deformava, olhou para Jair, seu filho mais velho, e para Jackson, seu caçula, e disse:

– Vamos fazer a nossa parte.

A essa ordem do pai, os dois espíritos juntaram-se a ele e começaram a apertar o coração de Gustavo e Rebeca, deixando sobre o órgão deles uma energia escura.

– Pronto! – disse João satisfeito. – O estado emocional deles e a nossa energia serão suficientes para uma nova crise de hipertensão.

Jair falou com ódio:

– Tomara que desta vez seja fatal.

– Não se preocupe, filho. Se eles não morrerem de infarto, temos aquele outro meio que não vai falhar. Esqueceu?

– Não. Jamais!

Os três espíritos continuaram ali, esperando os próximos momentos para consumarem a vingança.

Os espíritos desencarnados que ainda estão em estado de ódio, vingança, rebeldia e inferioridade geral, podem fazer com que o corpo dos encarnados adoeça. Contudo, esse fato só acontece quando o encarnado não tem uma vida equilibrada, sadia, com bons pensamentos, não tem o hábito de fazer uma prece verdadeira, é pessimista e não cultiva a espiritualidade. Quem age de forma contrária está automaticamente protegido pelas próprias energias e pelos espíritos iluminados.



Aprendendo com Maurílio

Era noite de quinta-feira e depois de muito insistir, Conrado conseguiu convencer Daniele e Verônica a participarem de uma reunião de estudos espirituais na casa espírita de Maurílio. Já passava das sete e meia e Verônica não descia, deixando o irmão irritado e com receio de perder a parte inicial do trabalho. Tempos depois, ela, vestida num costume verde-esmeralda, desceu as escadarias com elegância e um brilho de felicidade no olhar. Conrado, que nunca a tinha visto tão linda, não conteve a admiração:

– Minha irmã! É você mesma?

– Sim, seu palhaço. Quem mais poderia ser?

– É que você está tão linda que... que...

– Quê?

– Bem... Que nem parece você.

Conrado gargalhou enquanto era estapeado pela irmã. Daniele interveio:

– Verônica é linda. Será que só hoje, porque está vestida diferente, é que você notou?

– Ela sabe que estou brincando. Quero saber qual o motivo de tanta produção. Afinal, vamos a um estudo sobre espiritualidade e não a uma festa.

Verônica irritou-se:

– E você pensa que não sei que nessa tal reunião só vão mauricinhos e patricinhas? Vejo como sai daqui vestindo as melhores roupas só para ir até lá. Olhe como Daniele está, linda como uma princesa. Por que só eu iria de gata borralheira?

– Você sabe que não é assim. Lá vão pessoas de todos os níveis sociais. Eu gosto de estar sempre bem-vestido, algumas pessoas que vão lá também. Outras, usam

roupas do dia a dia. O primeiro mandamento para quem frequenta o nosso estudo é respeitar o outro em sua individualidade. Ninguém critica ou fica reparando no outro. Apenas vamos para aprender.

– Sei... Não sei o que vocês aprendem com aquele leviano. Aliás, só resolvi ir para ver aquele dementado dar seu espetáculo de bom moço.

– Por que você tem essa raiva toda do Maurílio, hein?

– Porque é um falso, hipócrita.

– Você não o conhece. Aliás, não conhece ninguém e fica julgando todo mundo.

– Você é um bobo, não percebe as coisas e...

Vendo que a discussão iria se alongar, Daniele interrompeu:

– Vamos logo, parem com isso. Parecem duas crianças mimadas. Querem perder o início dos trabalhos?

Conrado percebeu o papel ridículo que estava fazendo discutindo com a irmã, pegou as chaves do carro e saíram.

Quando chegaram, faltavam poucos minutos para começar. Conrado adorava a parte inicial, em que Maurílio fazia uma bela prece de evocação dos espíritos superiores e ensinava a cada um a entrar em contato com seu mentor. Era incrível a sensação de paz que ele sentia naqueles momentos. Daniele também se deixou levar e estava encantada. Nunca havia participado de nada parecido. Verônica, porém, que não estava concentrada, olhava para todos com olhar crítico.

Quando terminou, Maurílio tomou a palavra:

– Leram o trecho do Evangelho que combinamos?

Em uníssono todos responderam afirmativamente. Ele, percebendo que era ouvido com atenção, prosseguiu:

– O Evangelho de Jesus fala de salvação. Mas, o que é salvação? O que é ser salvo?

Suzana, uma das participantes comentou:

– Segundo as religiões cristãs dominantes, ser salvo é ir para o reino dos céus, para a morada dos eleitos. Afirmam que Jesus morreu para nos salvar e quem acreditar Nele encontrará a salvação.

– Perfeito! – elogiou Maurílio empolgado. – Sem nenhum espírito de crítica a qualquer religião, podemos perceber que esse conceito de salvação está completamente distorcido. Se Jesus morreu para nos salvar, então não precisamos fazer mais nada, podemos até mesmo continuar no mal despreocupadamente, pois sabemos que por sua morte já ganhamos o reino dos céus. Não acham incoerente?

Conrado tomou a palavra:

– Completamente incoerente. Contudo, não consigo entender. É exatamente essa ideia que o Evangelho passa.

– O Evangelho precisa ser compreendido além das palavras – continuou Maurílio. – As religiões se apegam às palavras que matam e não ao espírito que vivifica. Foi por esse motivo que Jesus prometeu o consolador, que na figura do Espiritismo chegou à Terra no momento predito. Certas passagens do Evangelho, e até mesmo da Bíblia em geral, só podem ser compreendidas com a chave que nos dá o conhecimento espírita.

Ele parou por alguns segundos, depois continuou:

– Embora eu não me considere espírita, mas sim espiritualista independente, devo dizer que a Doutrina Espírita é a única capaz de responder com clareza não só às questões obscuras do Evangelho, como também aos acontecimentos da nossa vida. Unida à metafísica moderna, ela nos faz entender qual é o nosso papel no planeta Terra, por que vivenciamos a dor e qual a maneira de nos libertarmos dela, sem contar que, seguindo os passos do Espiritismo, conseguimos saber para onde vamos. No tocante à salvação, vemos de maneira diferente. Jesus não morreu para nos salvar, mas sim para nos ensinar o caminho da salvação. Sua morte aconteceu não para que nossos supostos pecados fossem lavados, mas para que refletíssemos sobre nossa própria ignorância e começássemos a traçar o caminho da própria redenção. O que adianta dizermos que Jesus morreu por nós, gritarmos que estamos salvos, se continuamos a ser hipócritas, avaros, desejando o mal e julgando o nosso semelhante? Entendemos

como salvação, não o fato de podermos encontrar um lugar no céu, mas sim conhecermos a verdade para nos libertarmos do sofrimento. Esta é a verdadeira salvação. O reino de Deus para os que são salvos não é um céu de nuvens, onde impera a ociosidade, mas a paz interior, a consciência tranquila, a felicidade que cabe a todos neste mundo.

Algumas pessoas ficaram refletindo até que Conrado considerou:

– Há quem diga que é impossível ser feliz na Terra...

– Nada mais errado. Quem afirma isso está jogando fora sua felicidade presente e a direcionando para o futuro. A Terra tem tudo para oferecer felicidade a seus habitantes, mas somos nós que precisamos aprender a ciência de ser feliz. Quem espera encontrar a felicidade no futuro está se candidatando a sofrer uma desilusão. Só podemos ser felizes no momento presente, no agora. Muitas pessoas sofrem de depressão, solidão, vazio interior justamente por colocarem sua alegria nas mãos de outras pessoas ou coisas. Ser feliz depende apenas de nós.

Verônica sentiu-se tocada por aquelas palavras. Ela sentia grande insatisfação, vazio interior e solidão. Mesmo morando com a família, tendo amigas, e após a chegada de Daniele, ela continuava sentindo um buraco enorme no peito que nada o preenchia. Lembrou-se de que quando entrava no seu quarto e se via sozinha, parecia que o mundo tinha acabado e uma amargura muito grande havia tomado conta de sua alma.

Tentava preencher o vazio com namorados. Mas por mais que tivesse um companheiro que a adorava e fazia-lhe todas as vontades, o vazio continuava. Seria ela uma pessoa iludida? Estaria jogando fora sua chance de ser feliz procurando algo que nunca encontrava? Ela precisava saber. De repente, toda a antipatia por Maurílio desaparecera como que por encanto. Ela o iria procurar para conversarem pessoalmente.

Maurílio voltou a falar sobre Jesus e mais algumas pessoas participaram, ora colaborando com seu discurso, ora tirando dúvidas. Quando o momento do estudo se encerrou, foi dado início à parte em que os mentores, por meio dos médiuns, transmitiriam suas mensagens.

Quase perto da prece final, um médium chamou Daniele a uma sala contígua, pois precisava lhe falar em particular. Conrado, curioso, tentou ir com ela, mas

foi impedido. A prece foi feita e quando todos estavam saindo, Daniele voltou da sala com o rosto vermelho, enxugando algumas lágrimas.

– O que aconteceu, meu amor? O que o mentor lhe disse?

– Foram coisas tão lindas que me emocionei.

– Conte para nós – pediu Verônica empolgada. – Também fiquei bastante emocionada esta noite.

– Ele me pediu para orar mais, falou de Deus e fez uma prece que não sei repetir. Ao término estava chorando sem conseguir me conter.

Foram interrompidos pela chegada de Maurílio:

– E então, moças, gostaram do encontro?

– Eu adorei. Confesso que não esperava muito de você, mas me enganei – disse Verônica, olhando séria para Maurílio.

– Você me subestimava? Coitado de mim – gargalhou ele.

– A palavra não é subestimar; afinal, inteligente todo mundo sabe que você é. Só não acreditava muito que uma pessoa que leva uma vida descontrolada como você pudesse oferecer algo de espiritual a alguém. Desculpe, mas estou sendo sincera.

– Sei que você é o poço da sinceridade, Verônica, e lhe agradeço. Contudo, não vejo nada de mais na vida que levo. Não engano ninguém, sou o que sou.

– Isso poderia estar correto se apenas envolvesse mulheres solteiras; contudo, você envolve pessoas comprometidas também e isso eu já acho demais.

Conrado ficou vermelho de vergonha. Jamais iria imaginar que a irmã falasse aquilo. Tentou se desculpar:

– Não leve minha irmã a sério, Maurílio. Você sabe como ela é. Não faz nada além de assistir a filmes. Por essa razão tem essa imaginação fértil.

Maurílio fez uma cara engraçada e disse:

– Vejo que você está muito bem informada sobre minha vida. Convido-a para um lanche, aceita?

Verônica ia recusar, mas lembrou-se do que ele falou sobre a solidão e resolveu aceitar.

– Aceito, mas se você me der uma cantada, dou com essa bolsa na sua cara.

Desta vez todos foram forçados a rir.

Enquanto Verônica saía com Maurílio, Conrado e Daniele retornaram para casa, onde uma surpresa desagradável os esperava. A mansão estava vazia e apenas Adelina se encontrava no sofá, parecendo rezar sob a luz fraca do abajur.

Conrado acendeu as luzes e perguntou preocupado:

– O que está acontecendo aqui, Adelina? Cadê todo mundo?

– Os convidados foram todos embora mais cedo. Seu pai passou mal, quase desmaiou e ficou sem ar de repente. Logo percebemos que era mais uma crise de pressão alta. Chamamos o médico imediatamente, mesmo a contragosto dele. Fizemos bem, pois dona Rebeca, ao ver o sr. Gustavo passando mal, acabou por ficar mal também. O dr. Augusto afirmou que a pressão dos dois estava altíssima. Foram medicados e agora estão descansando.

Conrado ficou nervoso.

– E por que você não me chamou? Por que não me ligou?

– Não quis preocupá-lo; afinal, essas crises são normais.

– Mas acho que não estão tão normais assim! Antes não eram tão frequentes. Você sabe dizer se alguma coisa ou alguém contrariou meu pai?

– Não percebi nada de anormal. Só notei que hoje, durante o costumeiro encontro de jogos com os amigos, tanto ele quanto dona Rebeca pareciam tensos, não conseguiam relaxar ou sorrir. Mas durante o dia tudo correu como sempre.

Conrado pegou a mão de Daniele e subiu rapidamente as escadarias indo para o

quarto dos pais. Abriu a porta com cuidado e percebeu que eles conversavam baixinho. Ao perceberem o filho e Daniele pararam e sorriram.

– Demos outro susto em você, meu filho. Mas já estamos bem – falou Rebeca tentando parecer calma.

– Alguma coisa aconteceu que o preocupasse, papai?

– Nada, meu filho. Nem entendo por que essa pressão subiu assim de repente.

– Não me engane, papai. Não tenha receios com Daniele, ela fará parte da família e pode saber dos nossos problemas. Adelina me garantiu que hoje, durante a reunião, tanto o senhor quanto a senhora estavam tensos e preocupados.

– Coisas de Adelina, sempre vendo o que não existe. Estávamos como sempre.

Vendo que o pai não ia falar, Conrado desviou o assunto:

– O dr. Augusto aumentou a dose da medicação?

– Não. Ele mudou a medicação. Disse que há uma droga nova no mercado, excelente para quem sofre de hipertensão. Deixou-nos algumas amostras, mas amanhã cedo mandarei Adelina comprar as caixas.

– Deixe-me ver – Conrado foi até o criado mudo e olhou o remédio que era em cápsulas. Ele não conhecia aquela substância mesmo cursando Medicina. – Pode deixar que eu mesmo compro. Adelina é distraída e pode se esquecer.

Rebeca sorriu e falou demonstrando cansaço:

– Não precisa se preocupar tanto assim. O que precisamos mesmo é de uma boa noite de sono.

– Vamos deixá-los à vontade, mas deixem a porta aberta. Sabem que tenho o sono sobressaltado e acordo várias vezes durante a noite. Sempre que acordar virei aqui ver como estão.

Conrado e Daniele saíram, deixando-os às sós.

No quarto com Daniele, Conrado sentiu um medo indefinido de perder seus pais. Tentou desviar os pensamentos enquanto fazia amor com a namorada, mas logo depois a sensação de perda voltou com muita força e só aliviou quando ele fez sentida e profunda prece.



Solidão

Verônica e Maurílio foram para uma confeitaria elegante e enquanto aguardavam os pedidos conversaram amenidades. Ela não deixou de notar como ele olhava de forma sensual para as mulheres, flertando abertamente mesmo com aquelas que estavam acompanhadas. Tentou não julgá-lo e assim que começaram a comer ela se manifestou:

– Maurílio, confesso que adorei ter sido convidada por você para sair e conversar. Se você não me chamasse, eu mesma faria isso.

– Humm... As mulheres estão cada vez mais liberadas. Depois dizem que somos nós, os homens, que somos descarados.

– Você é mesmo um palhaço. Sabe que não tenho nenhum interesse em você. Preciso conversar sobre outra coisa.

Maurílio percebeu que Verônica mudou o tom de voz na última frase e com um gesto de cabeça pediu que ela continuasse.

– Hoje me senti abençoada por ter ido ao seu estudo. Como disse, confesso que não esperava muito, mas você falou coisas que me tocaram fundo.

– Nossos estudos são assim mesmo, direcionados para os problemas humanos. Não queremos doutrinar as pessoas ou ensinar religião. Queremos ensinar a lidar com as emoções, com os problemas de comportamento, com os pensamentos e crenças negativas que só trazem infelicidade.

– Foi isso o que eu percebi. E você será a única pessoa além de Adelina que vai saber como sou e como me sinto na realidade.

Maurílio ficou curioso. O que ela tinha a dizer sobre si que ele não sabia? Todos comentavam que Verônica era uma jovem desligada dos estudos, que só vivia para curtir a vida. Seria ela uma pessoa infeliz? Naquele momento Maurílio percebeu que nunca a havia observado profundamente. O que aquela alma estava querendo dizer?

Percebendo que ele a escutava com atenção, ela ingeriu rapidamente o refrigerante que tinha nas mãos e, com certo nervosismo, comentou:

– Ninguém sabe como me sinto por dentro. Todos me veem por fora e só sabem dizer que sou uma pessoa muito feliz, pois sou rica, tenho pais amorosos, amigos para festas e posso namorar quem quiser.

– E não é verdade? Sempre a vi muito feliz, alegre. Nunca reclama de nada.

– Eu não sou triste, embora conviva desde a adolescência com uma sensação horrível de solidão e vazio interior. Isso me angustia e, às vezes, chego aos prantos. Só Adelina me conforta e me entende, mas ao mesmo tempo não consegue me ajudar. Talvez por ser uma pessoa que tenha vivido poucas experiências na vida, sei lá. Mas hoje, quando você falou que as pessoas sentem depressão, solidão e vazio interior porque colocam a felicidade fora delas, senti que você é a única pessoa que talvez possa me ajudar.

Verônica estava emocionada, com os olhos cheios de lágrimas. Maurílio pegou em sua mão com carinho e perguntou:

– E você nunca fez nada para se ajudar nesse sentido?

– Sim. Para falar a verdade, já fiz de tudo. Primeiro fui a uma psicóloga e comecei a fazer terapia. Ela me disse que eu me sentia sozinha porque não tinha um namorado, que eu precisava ter alguém ao meu lado. Afirmou que se eu encontrasse um namorado nunca mais sentiria solidão. Saí de lá feliz, pois sempre fui espontânea e não seria difícil encontrar alguém para namorar. Até gostava de um rapaz e então resolvi firmar uma relação. Nos primeiros meses a solidão acabou, sentia-me completa, feliz. Mas logo depois a sensação voltou. Fabrício havia me deixado em casa após uma noite maravilhosa, fui tomar banho e, ao retornar ao quarto e ver minha cama, senti uma solidão horrorosa. O vazio foi aumentando aos poucos e então resolvi ligar para ele. Conversamos durante uma hora, mas quando desliguei o celular, a solidão voltou. Parecia que eu entrava em um abismo e afundava cada vez mais. Chorei tanto que cheguei a soluçar.

Maurílio sabia que Verônica precisava daquele desabafo, por essa razão não a interrompeu. Ela continuou:

– A partir desse dia minha relação com Fabrício nunca mais foi a mesma.

Continuávamos a sair juntos, namorar, ir a festas. Mas a sensação de vazio continuou. Voltei à psicóloga e ela me disse que o problema é que eu não amava esse namorado, e a solução seria arrumar alguém que amasse e me casar, pois só casada o vazio passaria. Eu não conseguia entender, pois eu amava Fabrício. Podia até ser que não fosse o grande amor de minha vida, mas eu me sentia muito bem ao seu lado, ele era carinhoso, me cobria de atenções. Eu amava estar com ele.

– Posso até adivinhar o que veio depois.

– Pode?

– Sim. Aposto que você terminou seu namoro com Fabrício e foi em busca de sua alma gêmea. Aquele que ia aparecer para suprir todas suas necessidades emocionais.

– Acertou! Mas o pior é que fui trocando de namorado e essa busca se tornou interminável. Até o dia que concluí que devo ser uma pessoa anormal, doente, e, desde esse dia, tento fazer coisas, ocupar ao máximo meu tempo com muitas atividades para não sentir o vazio.

– E conseguiu?

– Claro que não! Quando todas as atividades terminam, quando tudo que me ocupa passa, volto a sentir solidão. – Ela fez pequena pausa e suplicou: – Por favor, Maurílio, sinto que só você pode me ajudar.

– Você é uma pessoa muito carente, Verônica. É altamente iludida e carente emocional. Também posso afirmar que não foi muito inteligente quando seguiu as instruções dessa psicóloga. Também posso dizer que é ignorante. Tudo isso faz você sofrer.

Maurílio falava de maneira espontânea, natural. Ainda assim Verônica se irritou:

– Estou aqui para lhe pedir ajuda e não para ser ofendida.

– Calma, nem pense em se levantar dessa cadeira, ou melhor, vamos pagar a conta e conversar em outro lugar.

Ela ia dizer que não, mas Maurílio foi mais ágil e com um gesto chamou o

garçom. Já no carro, enquanto procuravam um lugar sossegado, ele ia cantarolando músicas da moda. Por alguns instantes, Verônica pôde notar o quanto Maurílio era lindo. Rosto com traços nórdicos, olhos castanho-claros, dentes perfeitos, sorriso cativante. Nunca o havia observado daquela maneira. Vendo-o cantar, mais parecia uma criança travessa, cantando para enganar os pais.

Chegaram a um jardim e Maurílio parou o carro num local sossegado. Olhou para ela e disse:

– Por mais que as palavras não tenham sido bonitas, falei a verdade. Vamos começar. Você é carente, muito carente. Mas não é de pessoas ou de um homem. Você é carente de você!

Aquela frase nunca pareceu tão profunda e certa para Verônica. Ele continuou:

– A solidão, seja de quem for, não se dá pela falta de pessoas ao nosso redor, muito menos pela falta de um homem especial ou uma mulher. A solidão é um problema da alma, é um distúrbio do espírito que se abandona, que não dá importância a si mesmo e ao que veio realizar na Terra. Você está sozinha e abandonada, mas por si mesma. O vazio interior ou vazio existencial, como queira chamar, é um alerta de sua alma dizendo que ela não está sendo ouvida. Nosso espírito, ao reencarnar, traz um programa a ser desenvolvido aqui no planeta. Trazemos nossas vocações, nossos desejos de realização, que, se satisfeitos, vão nos levar à felicidade completa. Mas a maioria das pessoas se envolve pela sociedade e seus papéis e se esquecem da própria essência. Quando isso acontece aparecem todas essas sensações ruins que você sente. É por isso que as pessoas buscam as drogas, o vício do álcool, do cigarro e até mesmo os remédios antidepressivos e ansiolíticos. Essas drogas entorpecem e momentaneamente suprem o que está faltando. Você já se perguntou por que as pessoas se viciam?

– Já me perguntei muitas vezes. Acredito que os viciados são doentes. Pelo menos é o que diz a medicina.

– A medicina não está errada. Mas falta à medicina o conhecimento de que toda doença física começa na alma atormentada e infeliz. A dependência química é uma doença sim, mas que se originou no espírito, como todas as outras, sem exceção. O vício se caracteriza pela dependência da substância e pela

necessidade do aumento de sua dosagem com o passar do tempo. Ao usar uma droga que interfere em nosso sistema nervoso central, há uma ilusão de que o problema terminou. Contudo, a alma continua abandonada e esse abandono é o que faz a substância perder o efeito e aí a pessoa tem de aumentar a dose, até provocar novamente a ilusão, que depois de um tempo vai se desfazer e pedir mais droga. Inicia-se então um ciclo vicioso.

Verônica estava perplexa. Nunca havia pensado daquela maneira.

– Então é por esse motivo que é tão difícil vencer o vício?

– Exatamente. Enquanto a alma não for curada e se sentir preenchida de si mesma e de Deus não consegue se livrar do vício.

– Ainda bem que não busquei as drogas – murmurou Verônica aliviada.

– Mas será o próximo passo se você não acordar para a realidade.

– Eu jamais faria isso! – protestou ela.

– Pode ser que você nunca use drogas ilícitas, mas de tanto sofrer emocionalmente vai procurar um psiquiatra, que vai diagnosticar que você sofre de algum distúrbio e lhe receitar medicamentos que agirão nas substâncias químicas cerebrais. Uma vez modificadas pela ação dos medicamentos, essas substâncias nunca mais voltarão a agir sozinhas e você se verá obrigada a tomar remédios para o resto da vista.

– Que horror! Então quer dizer que todas as pessoas que tomam esses remédios estão iludidas e devem parar de usá-los?

– Não foi isso que eu disse. Há casos severos que realmente exigem o uso dessas medicações, mas deve ser por tempo limitado. Nunca por muito tempo ou para o resto da vida. Mas voltemos ao seu caso. A solidão é a distância que você está de sua alma. E quanto mais acreditar que é um homem, pessoas ou trabalho excessivo que vão curá-la mais vai senti-la.

– E qual é a solução? Não sei se é possível uma pessoa ser feliz sem um amor, sem a convivência social.

– Não foi isso o que quis dizer. Amar, ser amado, ter alguém, é muito bom,

saudável e desejável. Mas as pessoas não estão aqui para tapar nossos buracos emocionais. Elas têm de vir somar ao que já temos e não preencher nosso vazio. As pessoas carentes nunca são felizes na vida afetiva, por mais que se casem, formem família, tenham filhos. O vazio emocional transforma a vida dessas pessoas em um inferno de ciúme, possessividade, irritação, discussões, que fatalmente terminarão em uma separação. Amar é somar, colaborar para que o outro seja mais feliz do que já é. Portanto, se quer acabar com sua solidão, procure se conhecer e saber o que você está fazendo aqui na Terra, qual é a sua meta neste mundo.

– É difícil saber isso...

– Pode ser muito difícil mesmo, mas para as pessoas que estão voltadas ao materialismo. Quem se liga ao espiritual, logo descobre onde está sua realização.

– Mas nossa realização não pode estar justamente em casar e ter uma família?

– Pode até ser em muitos casos. Contudo, para atrair um casamento feliz, uma família harmoniosa e saudável é preciso primeiro estar bem, cuidar das próprias necessidades, emitir energias de autoestima. Sem isso, não adianta se casar.

– Você tem razão. Percebo que muitas amigas de minha mãe, apesar de casadas, são infelizes.

– Eu tenho lidado há muito tempo com o sofrimento humano, estudado o comportamento das pessoas e posso garantir que, apesar de um casamento feliz, com a pessoa amada, filhos saudáveis, se você não preencher a própria alma com a realização interior, com o gosto de viver, de contemplar o belo; tiver contato com a natureza; vir beleza em tudo, e fizer um trabalho que a complete totalmente, nunca será feliz. Por mais que as pessoas a amem, só o amor que há em seu coração é capaz de preencher o vazio que há em sua alma. Ninguém pode fazê-la feliz ou acabar com sua solidão a não ser você mesma.

Verônica estava tocada com aqueles ensinamentos. De repente viu sua vida como num filme. Sempre esperando a solução para o seu drama chegar de fora. Dali em diante, faria tudo para dar atenção a si mesma. Iria se ligar ao espiritual e tinha certeza de que encontraria o caminho. Contudo, não conteve a curiosidade:

– E você, Maurílio? É feliz com a vida que leva?

Ele abriu um terno sorriso e, espreguiçando-se gostosamente, respondeu:

– Muito! Acredito no bem maior, faço o que minha natureza pede, trabalho no que gosto. Sou feliz e realizado.

– Mas como alguém pode ser feliz causando a infelicidade do outro?

– Como assim? Não faço mal a ninguém.

– Desculpe, mas eu vi quando você e Leila estavam conversando naquela lanchonete próxima à sua editora. Você não nos viu, mas eu estava lá com Conrado e Daniele. Ficou claro para mim que vocês estão tendo um caso. Ela é casada!

Maurílio sabia que relações com mulheres comprometidas eram seu ponto fraco. Sentia que não agia certo, mas se sentia atraído por mulheres casadas e quando via já estava envolvido. Tentou contemporizar:

– O marido de Leila nunca vai ficar sabendo. Somos amigos, ele nunca vai suspeitar de mim. Portanto, ninguém vai sofrer.

Verônica sentiu um desgosto por ver uma pessoa tão sábia agir de maneira tão irresponsável. Resolveu não continuar com aquele assunto, pois não lhe dizia respeito e certamente Maurílio encontraria todas as desculpas do mundo para continuar agindo como sempre agiu. Por esse motivo disse:

– Eu não tenho nada com sua vida, desculpe. Só quero agradecer o bem que me fez. Saiba que a partir de hoje serei uma nova mulher.

– Que o universo conspire a seu favor!

Dizendo isso, espontaneamente Maurílio abraçou-a, beijou-lhe o rosto e ficou por alguns minutos alisando seus cabelos. Verônica sentiu uma emoção forte tomar conta de todo o seu ser. Com o abraço, ela pôde sentir seu delicioso perfume, suas mãos carinhosas, o calor de seu corpo. Deixou-se levar por aquele momento e uma hora depois quando chegou a casa e deitou-se para dormir, além de não sentir solidão, teve certeza de que estava perdidamente apaixonada por Maurílio e tudo faria para conseguir esse amor.



Entre a vida e a morte

A sexta-feira transcorreu tranquila e Maurílio, ocupado entre uma tarefa e outra na edição de mais um número de sua mais famosa revista, não via a hora de o tempo passar e chegar a noite.

Como sempre fazia quando ia se encontrar com Leila, fechava a editora mais cedo e pedia a Ariane, sua amiga íntima e secretária, para caprichar na arrumação do belo apartamento, comprado por ele exclusivamente para seus encontros. Logo após, como era de praxe, Ariane pegava seu carro e ia "convidar" a amiga para espairecer, deixando-a de volta ao lar pontualmente às onze como recomendação de Renato, marido de Leila. Ele acreditava cegamente que as duas iam conversar, se distrair, não se preocupando nem com as vezes que a mulher chegava um pouco além do horário marcado.

Naquela noite não foi diferente e em alguns minutos Leila e Maurílio estavam se amando. Ariane estava na portaria e pensava:

"Não sei por que me sujeito a fazer essas coisas pelo Maurílio. Tudo bem que nossa amizade vem de longa data, foi ele quem me deu este emprego em que ganho muito bem e posso sustentar minha família. Mas não concordo em ajudar as pessoas a enganar os outros, a trair, como estou fazendo, embora também não consiga dizer um não a ele."

Resolveu ir a uma lanchonete próxima e quando começou a andar, um homem forte, com luvas nas mãos e capuz na cabeça a segurou com força. Ela tentou gritar, mas viu sua boca e nariz serem embebidos por clorofórmio e logo estava desmaiada. O homem pegou-a nos braços e a jogou atrás de um banco de um jardim. Entrou no apartamento, seguiu por um grande corredor, mirou na fechadura de uma das portas e atirou. A arma estava com silenciador e tanto Maurílio quanto Leila só vieram a se dar conta de que haviam sido pegos em flagrante, quando Renato, olhos injetados de fúria mirava a arma para os dois dizendo:

– Malditos! Mil vezes malditos! Como ousaram me trair desta maneira?

Maurílio, nervoso e temendo uma tragédia, tentou contemporizar:

– Nós íamos falar com você, Leila ia pedir a separação.

– Cale-se, vagabundo. Não viverá mais para enganar os outros com sua voz mansa e sua pose de homem de bem. Morra!

Nem bem disse as últimas palavras, com toda fúria, Renato disparou três tiros certeiros em Maurílio, que tombou ao chão. Leila gritava e chorava desesperada, mas foi puxada pelos cabelos pelo marido que disse:

– Obedeça, sua vagabunda! Vista a roupa e me siga calada. Ninguém vai saber quem atirou e esse patife vai se ver com os diabos no inferno. Mas o inferno não será só para ele, sua vida comigo, a partir de hoje, também será um inferno.

Vendo que Leila não obedecia e continuava chorando, abraçada ao corpo inerte de Maurílio, Renato deu-lhe uma bofetada que a fez girar no chão.

– Faça o que estou mandando ou morrerá com ele.

Renato apontava a arma, e Leila, não duvidando que ele atiraria, resolveu lhe obedecer. Foram descendo as escadarias, passaram pela portaria que continuava vazia e com cautela chegaram à rua. Após andarem dois quarteirões, entraram no carro e foram para casa.

***

Ariane acordou sentindo-se tonta, sem saber ao certo o que tinha acontecido. Levantou-se com esforço e em poucos minutos lembrou que um homem encapuzado a imobilizara fazendo-a desmaiar. Um arrepio de horror e um mau pressentimento tomaram conta de todo o seu ser e, sem pensar em mais nada, prevendo uma tragédia, correu ao quarto de Maurílio.

A cena à sua frente fez com que gritasse alto e corresse em direção ao amigo lavado em sangue. Nervosa, colocou os dedos em seu pescoço e percebeu que ele ainda vivia. Sentiu um alívio e correu ao telefone. Logo a ambulância e a

polícia chegaram. Após esperar que retirassem o ferido, os policiais, começaram a lhe fazer perguntas:

– Eu ia sair quando senti que mãos de homem me agarravam com força. Logo desmaiei e quando acordei e fui ao quarto, vi toda a tragédia.

– O que a senhorita fazia com seu patrão àquela hora da noite? – perguntou o delegado desconfiado.

– Nós estávamos trabalhando em uma matéria para o próximo número de nossa revista mais famosa. Costumamos ficar até tarde sempre que necessário.

– Ora, mocinha, não subestime minha inteligência. O sr. Maurílio foi encontrado nu, com três tiros certeiros. Quer me dizer que vocês trabalham sem roupa, dentro de um quarto e em cima de uma cama?

Ariane corou. Na verdade não sabia mentir, mas aquele era o momento. Não podia falar da vida íntima de Maurílio. Iria rezar para que ele sobrevivesse e falasse tudo para a polícia, contudo ela não podia arriscar. O assassino estava solto, podia voltar a qualquer instante para terminar o serviço. Por esse motivo, pensou rápido e mentiu:

– Devo confessar que somos amantes. De repente, sem que pudéssemos prever, um homem alto, forte, encapuzado, entrou no quarto e atirou no Maurílio sem que eu ou ele pudéssemos nos defender.

– Suponho que sendo sua amante, a senhora sabe quem fez isso.

– Não sei. Não faço a menor ideia.

– É casada?

– Não.

– Tem ou teve algum compromisso recente?

– Também não.

Olavo olhou-a com profundidade enquanto disse:

– Gostaria que contribuísse com o trabalho da polícia. Sei que esconde algo. Se sabe quem foi é melhor dizer.

– Eu não sei. Mas devo confessar que Maurílio tinha uma vida amorosa muito irregular. Metia-se em aventuras, algumas delas com mulheres casadas. De repente, pode ter sido algum marido enciumado.

– É uma hipótese. De qualquer forma, mandaremos uma intimação para que a senhorita possa depor de maneira formal. Maurílio é uma pessoa da mais alta sociedade e um crime desses não pode ficar impune. Por agora está liberada.

Ariane, sentindo-se aliviada, entrou em seu carro e dirigiu-se para o hospital onde Maurílio fora levado. Lá chegando encontrou Constância e Leopoldo, pais de Maurílio, nervosos e chorando na sala de espera. Ela os abraçou e Constância disse entre soluços:

– Estão operando, mas não é muito certo que ele consiga se recuperar.

– Uma bala atingiu o pulmão direito, outra se alojou na coluna e a outra perfurou o fígado. Só um milagre poderá salvar nosso filho – falou Leopoldo chorando discretamente.

Ariane apertou sua mão.

– Vamos orar. Ele sempre nos ensinou que na hora da tormenta, quando tudo parece estar perdido e sem solução, é o momento de se ligar com Deus por meio da prece.

Os três deram as mãos e Ariane fez singela e profunda prece rogando a Deus pela vida do amigo e que lhe desse uma nova chance de viver na Terra para que pudesse reparar seus erros.

Quando terminou, Constância indagou:

– Como isso foi acontecer logo ao nosso filho que tanto prega a paz e a harmonia entre as pessoas?

– Eu não sei, dona Constância, não podemos julgar neste momento. Vamos continuar em prece pedindo a Deus por ele.

Vendo que os pais de Maurílio estavam mais calmos, Ariane ligou para casa, onde a mãe encontrava-se aflita:

– Acabou de passar na televisão. Estou horrorizada e nervosa. E se você tivesse sido morta também?

– Calma, mamãe. Estou viva e é isso que importa.

– Eu lhe falei várias vezes para não ajudá-lo em suas conquistas amorosas. Agora teve de dizer que é amante dele só para despistar o verdadeiro assassino. Que vergonha! Ainda bem que Agenor, seu pai, não está mais aqui para passar por esse constrangimento.

– Fique calma, tudo será esclarecido. Liguei para avisar que só chegarei a casa quando tudo estiver resolvido aqui no hospital e Maurílio estiver bem.

– Deus queira que ele se safe dessa.

– Deus queira mesmo.

Ariane desligou o telefone sentindo-se triste. Não pelas coisas que a mãe lhe tinha dito, pois já estava acostumada com os sermões de Edite, mas pela possibilidade de perder o amigo de tantos anos. Continuou a rezar quando viu Sofia, Conrado, Daniele, Verônica, Rebeca e Gustavo. Todos estavam consternados e orando pelo melhor.

Enquanto seu corpo físico era operado e passava por uma situação delicada, Maurílio em espírito, acordou poucos centímetros acima do corpo de carne e logo se deu conta do que lhe havia acontecido. Olhou para a equipe médica, auxiliada pelos espíritos iluminados e chorou de emoção não se sentindo merecedor de ajuda.

Em poucos minutos, Ethel apareceu-lhe dizendo:

– Vamos sair daqui e conversar em outro lugar. Como viu, seu corpo de carne está muito bem assistido. Seu espírito agora é que precisa de cuidados.

Maurílio, ainda mais emocionado por ver sua mentora, não se opôs e seguiu com ela. Logo estavam sentados em um banco simples de um imenso jardim. Maurílio, apesar de lúcido, ainda sangrava pelas marcas das balas em seu

perispírito. Ethel aconselhou:

– Você não precisa conservar essas impressões. Já tem conhecimento suficiente para saber que seu perispírito está livre, sadio. Vamos, volte ao seu estado normal.

Ela colocou a mão direita sobre a testa de seu pupilo e ele, fechando os olhos, foi imaginando seu corpo saudável, perfeito. Logo estava refeito e normal.

– Agora que já recuperou sua forma natural vamos conversar.

– Errei muito, não é? Sei que só recebe a violência quem violenta os outros ou está se violentando.

– Não estou aqui para falar em erros ou acertos. Estes são conceitos mundanos que não nos ajudam muito. Estou aqui para falar de intenções. São elas que movem todos os fatos em nossa vida e mostram quem somos de verdade.

– Então sou uma pessoa mal-intencionada?

– Você não é mal-intencionado, porém fez certas coisas com intenções nem um pouco dignas. Estou aqui porque esse é um momento decisivo em sua vida. A escolha que fizer poderá mantê-lo encarnado ou fará com que desencarne regressando para nosso lado.

Maurílio assustou-se.

– É isso mesmo que ouviu. Disso dependerá sua atual encarnação na Terra.

Vendo que ele escutava com atenção, ela continuou:

– Você mudou esses anos todos, contudo ainda não conseguiu vencer os velhos hábitos no tocante à sua vida sentimental. Se continuar assim pode se comprometer muito, então o melhor será que desencarne.

– Mas você sabe que gosto de namorar, de curtir uma aventura. Nunca quis nem quero me apegar a ninguém. Não vejo em quê isso possa estar errado.

– Nisso não há nada de errado. É até saudável, e se você não quer realmente uma relação séria, ninguém pode lhe impor. Mas o que não é bom é a forma como

você faz isso. Para conseguir quem deseja não titubeia em mentir, enganar, trair, prometer céus e terra sem nenhuma intenção de cumprir. Isso é brincar com os sentimentos alheios.

Ele sentiu-se envergonhado. Era exatamente como agia. Quando viu Leila pela primeira vez, jurou que a teria para si. Não pensou duas vezes em se aproximar de Renato, seu marido, fazer amizade, prometer a ela que a tiraria da vida infeliz no lar. Mas é claro que não pensava em fazer isso. Só queria diversão.

– Você está certa, Ethel. Sou um irresponsável.

– Não. Você está irresponsável, o que é bem diferente. E isso pode mudar a qualquer momento, basta querer. Ao violentar um lar como fez, sem pensar em nenhum momento nas suas intenções malévolas, atraiu para si a violência corretiva para fazê-lo aprender.

Ethel fez pequena pausa e continuou:

– Além das intenções, há seu nível de conhecimento espiritual. Por tudo o que sabe, por tudo o que traz em seu espírito, já não pode mais agir assim. Por isso este é seu ultimato. Ou promete se modificar ou terá de sair prematuramente da Terra.

Maurílio, rosto voltado para o céu pontilhado de estrelas, volveu emocionado:

– Eu vou me modificar. Sei que a morte não existe, mas não quero deixar a Terra antes do tempo, sem cumprir tudo o que programei. Quero sair de lá vitorioso para acompanhar a evolução do planeta e poder reencarnar nele outras vezes.

– Sei que falou a verdade – afirmou Ethel, emocionada também. – Deste lado não há como negar o que verdadeiramente se sente.

– Vou voltar e assumir minha vida com total responsabilidade. Sei que conseguirei. Além do mais, agora reencontrei Verônica! Como pude ter esquecido o quanto a amava?

– Você esqueceu porque sua vida amorosa estava em outra trajetória. Isso é muito comum. Existem inúmeras almas afins convivendo lado a lado sem, contudo, terem despertado para o quanto se amam. No momento cada um precisa seguir outros caminhos. Quando chega a hora de ficarem juntas o véu cai e essas

pessoas acabam por perceber que se amam de verdade. Daí em diante, ficam juntas para sempre.

– Agora que a encontrei farei de tudo para que sejamos felizes. Quanto tempo perdi!

– Não diga isso. Você havia escolhido viver de outra maneira, precisava e ainda vai precisar durante algum tempo viver assim, só que agora sem iludir ninguém, sem trair, deixando tudo às claras. Quando for o momento vai se unir definitivamente a Verônica. Por outro lado, ela também precisa estar só até se descobrir, saber quem realmente é. Sempre buscou fora dela a felicidade. Não sabe quem realmente é, está perdida de si mesma. A solidão vem justamente para que as pessoas possam conviver com elas próprias, se apreciarem, se conhecerem. Quando conseguem isso, não precisam mais estar sozinhas.

Maurílio abraçou Ethel com todo o carinho.

– Você é tudo em minha vida!

– E você é tudo na minha. Tenho de me virar para dar conta de você. Não quero que fracasse para que eu mesma não me sinta fracassada e tenha de recomeçar – disse sorrindo.

– Isso não vai acontecer. Ainda terá muito orgulho de mim.

Abraçaram-se mais uma vez. Vendo Maurílio assumir o corpo de carne, ela sorriu e pensou:

“É um eterno menino!”



Recuperando a dignidade

Os dias foram passando e aos poucos Maurílio melhorou. Os médicos estavam intrigados com a recuperação rápida do jovem, porquanto a cirurgia, além de altamente complicada, não lhes permitiu retirar a bala que havia se alojado próximo à coluna. Maurílio teria de conviver com ela para o resto da vida.

No segundo dia após a operação, ele saiu do coma induzido e logo recuperou a consciência, lembrando-se de tudo o que havia acontecido. Envergonhou-se ao ver o carinho dos amigos e dos pais, todos o julgando vítima de um mal-entendido. Como iria revelar que estava tendo um caso com uma mulher casada e o marido viera tirar satisfações?

Foi com constrangimento que mentiu para a polícia dizendo estar em um momento íntimo com Ariane quando foram abordados por um homem encapuzado, que lhe disparou os tiros.

O delegado, desconfiado que ele também mentia, redobrou os interrogatórios, mas obtendo a mesma resposta, vendo não conseguiria ir além, disse:

– Espero que o senhor esteja falando a verdade. Senão, saiba que está acobertando um assassino e ainda corre risco de vida, já que ele, seja quem for, não conseguiu matá-lo. Gostaria de comunicar que, apesar do seu depoimento, a polícia continuará investigando o caso.

Foi com alívio que Maurílio viu o delegado ir embora. Conrado, que estava presente no momento, encostou próximo ao leito do amigo e perguntou:

– O que realmente se passou? Sei que para mim você não vai mentir nem negar. Sabemos muito bem que nunca teve nada com Ariane. A coitada está sendo uma vítima nessa situação toda.

– Por favor, Conrado – falou Maurílio com voz súplice. – Não torne as coisas ainda mais difíceis para mim. Tenho toda confiança em você, mas sei que já causei mal a muita gente. O que aconteceu comigo envolve outras pessoas que não desejo mencionar. Quero ser digno pelo menos nisso. O que posso afirmar é

que passei pelo que mereci. Simples assim.

Vendo que o amigo queria preservar sua intimidade, Conrado não insistiu. Pensou um pouco e disse:

– Há uma pessoa aí fora querendo vê-lo. Desde que soube o que aconteceu está preocupada, quase entrou em depressão. Só voltou a sorrir quando soube que você estava fora de perigo.

– Quem é?

– Você nem vai acreditar! Verônica.

Maurílio sorriu incrédulo:

– Verônica? Sua irmã?

– Ela mesma. Quem diria! Ela que o detestava, quase morreu por sua causa.

– Faça-a entrar.

Conrado chamou a irmã que, emocionada, foi direto até Maurílio, abraçando-o com cuidado. Quando o abraço terminou, ela disse sorrindo:

– Que susto nos deu, hein? E se você tivesse morrido?

Maurílio gracejou:

– Garanto que para você não iria fazer nenhuma falta.

– Sabe que faria, sim. Gostaria que soubesse que desde aquela noite que conversamos você mudou vida. Nunca conseguirei lhe agradecer à altura.

Maurílio recordou-se e sorriu ternamente:

– Lembro-me da nossa conversa, mas quero fazer uma pequena correção: foi você que mudou sua vida e não eu.

– Mas sem as suas ideias, sua forma de ver a vida, eu não teria conseguido.

– Fui um agente, mas se a pessoa não estiver madura, não quiser mudar de fato,

nada acontece. O mérito na verdade foi seu.

Os olhos de Verônica tinham um brilho diferente quando disse:

– Espero um dia poder retribuir toda a felicidade que me deu.

Maurílio sentiu algo estranho. De repente, notou que Verônica estava diferente com ele, olhava-o de maneira profunda, e havia um brilho especial sempre que o fitava. Estaria apaixonada por ele? Não. Não poderia ser. Estava enganado. Livrou-se dos pensamentos e disse alegre:

– Um dia você retribui. Sabe que adoro me vestir bem, né? Pode me dar muitas roupas das grifes, que curto.

Conrado sorriu:

– Você não leva nada a sério. Não vê que minha irmã está realmente agradecida?

– Pois ela deve saber que não quero retribuição alguma além da amizade e do carinho.

Verônica o abraçou novamente tentando conter seus sentimentos. Quando saiu de lá com o irmão estava ainda mais convicta de que Maurílio era o homem de sua vida e que tudo faria para tê-lo.

***

Era alta madrugada quando Maurílio acordou com leves batidas à porta. Assustou-se, pois, apesar de estar fora da UTI, não era habitual que entrassem àquela hora no quarto. Logo o rosto pálido de Ariane se fez divisar.

– Ariane? O que quer aqui a esta hora? Está pálida, parece assustada. O que está acontecendo?

A moça respondeu num tom de voz baixo:

– Nem sei como tive coragem de vir até aqui. Só posso mesmo não ter nenhum

amor à minha vida, mas não pude recusar.

– O que foi? Diga logo, está me deixando nervoso.

– Estava na editora já de saída quando o telefone tocou. Era Leila. Após os cumprimentos ela disse estar desesperada querendo vê-lo. Tentei acalmá-la e pedi que nunca mais o procurasse se tivesse amor à própria vida e à sua. Ela, chorando muito insistiu e pediu para vir hoje de madrugada aqui ao hospital para lhe ver. Disse-lhe que era impossível por causa de Renato, mas ela afirmou que daria um jeito. No horário marcado fui até o local combinado e a apanhei. Está aí.

O coração de Maurílio disparou. De repente, lembrou-se do encontro astral com Ethel. Ele precisava aproveitar a oportunidade. Tomou coragem e pediu:

– Faça-a entrar. Não podemos perder tempo.

Envolta num casaco de pele, e usando uma peruca loira, Leila entrou e foi correndo beijar Maurílio com ardor. Ele não a retribuiu, empurrando-a levemente. Ariane, percebendo ser um momento apenas dos dois, saiu e ele começou:

– Não foi nada prudente você ter vindo, Leila. A polícia continua investigando e se souberem que você veio me visitar na calada da noite, certamente chegarão ao seu marido.

– Tudo se acalmou, a polícia não vai desconfiar, pois ninguém me viu entrar. Ariane entrou na frente e abriu uma das portas laterais que dá na avenida.

– Meu Deus! São malucas!

– Eu sou maluca por você. Só em pensar que pudesse morrer sentia-me enlouquecer.

Leila ia envolvendo-o em abraços e beijos calorosos, mas ele os rechaçava educadamente.

– O que está acontecendo? – perguntou ela nervosa. – Já não me ama mais?

– Não é isso...

– É medo do Renato? Ele não vai mais lhe fazer nada. Já sabe que você não o denunciou e ainda por cima assumiu um caso com a secretária. Está feliz, pois se não conseguiu matá-lo, está livre da cadeia.

– Leila, preste atenção ao que vou lhe dizer porque será a última vez.

Ela ficou séria. Ele continuou:

– O que passei, o risco de vida que corri, fizeram-me refletir o que estava fazendo da minha vida ultimamente. Eu não agi certo com você. Jurei amá-la, prometi que a tiraria do seu casamento infeliz, mas nunca tive a real intenção de fazer nada disso. O que queria com você era apenas uma aventura como tantas outras que tive na vida. Mas o engano, a traição, o fato de brincar com seus sentimentos me custaram caro. Por tudo isso digo: não a amo, nunca a amei. Esqueça tudo o que aconteceu conosco. Procure viver sua vida e, se não gosta de seu marido, peça a separação, procure alguém que a ame de verdade. Eu não sou esse homem. Nunca amei ninguém, nunca senti nada especial por mulher alguma. Todas foram apenas diversão. Hoje sei que não estava tão certo agindo assim e quero corrigir esse erro. Perdoe-me.

Cada palavra dita por Maurílio era como uma flecha penetrando no coração já tão sofrido de Leila. Sentindo que ele falava a verdade, ela começou a chorar baixinho e, aos poucos, entrou em um pranto copioso.

– Pare com isso! É madrugada, mas as enfermeiras entram aqui de hora em hora para me ver. É melhor que saia e nunca mais me procure. Para o seu e para o meu bem.

Leila não sabia o que dizer. Tinha de se render às circunstâncias. O que iria fazer de sua vida dali em diante? Viver ao lado de um homem que depois que a descobrira traidora a agredia todos os dias?

Ariane entrou e pegou em seu braço com delicadeza.

– Vamos, Leila. Já corremos riscos demais.

Antes de partir, Leila olhou para Maurílio com os olhos rasos d’água como que a dizer que o amava, apesar de tudo. A porta fechou-se e quem chorou baixinho foi Maurílio. Dava-se conta pela primeira vez na vida do quanto ferira um coração. Prometeu que dali em diante seria verdadeiro com as mulheres, jamais as

enganando para conseguir noitadas prazerosas que agora já não faziam mais nenhum sentido. Dentro de seu coração, contudo, uma chama de esperança começou a brilhar e veio-lhe à mente, como que soprada por um anjo, uma linda frase de Chico Xavier: “Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, todos podem começar agora e fazer um novo fim”. Meditando sobre isso, finalmente adormeceu.



Tragédia inesperada

Com a melhora e saída de Maurílio do hospital, as coisas foram se normalizando para seus familiares e seu grupo de amigos. Aos poucos, ele retomou os estudos e os cursos para alegria de Conrado, Verônica e Daniele que agora participavam ativamente.

Em uma manhã, Verônica encontrava-se na sala lendo um dos livros espiritualistas que Maurílio lhe indicara quando Daniele desceu as escadarias e sentou-se perto dela no sofá.

– Desculpe interromper seu momento de leitura, mas trago uma angústia no peito e sei que só posso desabafar com você.

Verônica colocou um marcador na página, olhou-a profundamente e disse:

– Tenho notado que nos últimos dias não está tão entusiasmada. Até ontem na nossa reunião não a senti com alto-astral. Mal falou. O que está acontecendo?

Daniele pareceu hesitar um pouco, depois disse:

– É minha situação com Conrado. Estamos vivendo uma ilusão que não vai levar nenhum de nós à felicidade.

– Sei que vocês se amam. Como podem estar vivendo uma ilusão?

Os olhos de Daniele encheram-se de lágrimas:

– O tempo passa e não consigo recuperar minha memória. Meu passado está em branco, não sei quem sou, se tenho família, filhos, não sei nem mesmo se sou uma pessoa de bem. Como poderemos nos casar e ser felizes assim?

– Também havia pensado nisso. Mas tenho a solução.

– Como assim?

– Vocês não podem casar nem no civil, nem no religioso enquanto sua situação

não for solucionada, mas podemos fazer aqui em casa um casamento simbólico. Na verdade, vocês já vivem como casados. Para que papel, padre, juiz?

– Seus pais são conservadores, principalmente a dona Rebeca. Por mais que permita nosso namoro e que vivamos aqui, nunca vai aceitar que essa situação permaneça indefinida.

– Mas não permanecerá indefinida. Tenho fé em que logo vai recuperar sua memória e descobriremos tudo.

– Tenho receio dessa descoberta. Não saberia mais viver sem vocês, uma família generosa que fez o que ninguém mais faria: acolher uma desconhecida sem passado.

– Meus pais sempre foram assim. Mas agora deixe esse rostinho de tristeza e vamos confiar na espiritualidade. Logo aparecerá uma pista, algo que nos revele sua origem.

Daniele meditou um pouco e mudou de assunto:

– Tenho notado que está diferente. Mudou para melhor.

A outra se surpreendeu:

– Como assim?

– Está mais alegre, interessando-se em ler sobre espiritualidade, pensando em entrar para a faculdade. Vejo um brilho de alegria em seus olhos que antes não via.

– Mudei muito depois que comecei a frequentar as reuniões de Maurílio. Descobri que não estava no rumo certo, agora me encontrei. Esse é o motivo de minha felicidade.

– Creio que tem algo mais aí – insinuou Daniele maliciosa. – Vejo que está apaixonada.

Verônica corou. Será que o que sentia por Maurílio saltava assim aos olhos? Tentou mentir:

– Não estou apaixonada por ninguém. Nós, mulheres, temos essa mania de achar que quando outra está feliz é apenas por causa de homem. Saiba que não sou dessas.

– Para mim não precisa mentir. Sabe o quanto somos amigas. Sei que está apaixonada por Maurílio.

– Como descobriu? Está tão na cara assim?

Daniele sorriu:

– Pode não estar para algumas pessoas, ou até mesmo para ele, contudo, para mim, está muito claro. Noto como seus olhos brilham quando o fitam. Percebo que fica nervosa com sua aproximação e vou além, noto que quando ele está conosco você não fica mais à vontade como antes. Isso é coisa de paixão. Por mais que tente esconder, eu percebi.

Verônica sorriu vencida:

– É isso mesmo. Pela primeira vez na vida acredito estar amando alguém. Nunca achei que isso fosse possível, muito menos o Maurílio que conheço há tantos anos. Mas a verdade é que penso nele com amor todos os dias, adoro ouvir sua voz, olhar dentro daqueles olhos expressivos e alegres. Não vejo a hora de estar nos braços dele.

– E o que está esperando?

– Não quero me iludir. Apesar de amá-lo, sei que ele não dá nem um pouco de valor às mulheres, só quer aventura.

– Mas isso pode mudar. Se eu fosse você me declarava para ele.

– Teria mesmo coragem?

– Claro que sim! Tudo bem que eu não me lembro de meu passado, mas sei que hoje em dia as coisas mudaram, as mulheres podem muito bem procurar um homem sem serem vulgares ou parecerem oferecidas. Afinal, você vai apenas expor seus sentimentos.

– Não sei se teria coragem. Temo não ser correspondida.

– Você nunca vai saber se não tentar.

A conversa foi interrompida pela chegada de Rebeca, que abraçou as duas dizendo:

– Hoje quem foi ao shopping fui eu. Quero dar uma renovada no guarda-roupas.

Verônica animou-se:

– Sei que tem bom gosto, quero ver tudo o que comprou. Vamos lá, Daniele?

Daniele obedeceu e enquanto o motorista tirava as sacolas do carro e as levava para o quarto da patroa, as duas iam se maravilhando com tudo o que viam.

***

O jantar decorreu alegre, mas notava-se que Gustavo estava calado, demonstrando preocupação. Quando terminaram, após os licores, ele informou:

– Eu e Rebeca já vamos nos recolher.

– Já papai? – perguntou Conrado estranhando. – Não vai ter reunião de amigos hoje à noite?

– Não, cancelamos.

– Algum problema? Tenho notado que está calado demais. Hoje no jantar mal falou.

– Eu e Rebeca estamos indispostos, preferimos dormir mais cedo. Tenho um processo complicado para ler amanhã cedo. Quero estar com a mente relaxada. Boa noite para vocês.

Enquanto os dois subiam, Verônica comentou:

– É estranho. Hoje é sexta-feira, um dos dias da semana que esta sala fica mais animada. Amanhã é sábado. Até onde sei papai não costuma ler processos nos

fins de semana.

– Quando são importantes sim. Mas o que acho estranho é o fato de meu pai se dizer indisposto. Ele parece tenso, preocupado, mas indisposto não.

– Muito menos dona Rebeca, que passou a tarde muito bem, fazendo compras nos shoppings – salientou Daniele.

– Vamos deixar para lá. Afinal, eles sempre foram muito abertos conosco. Se fosse um problema grave certamente nos diriam. Vamos para a sala de jogos? – chamou Verônica animada. – Hoje não tem estudos e o Maurílio ficou de passar aqui para jogar conosco.

– Vamos sim – respondeu Conrado alegre.

Meia hora depois, Maurílio chegou e ficou se divertindo com os amigos até tarde. Passava da meia-noite quando ele se despediu.

A mansão ficou às escuras, cada um recolhido em seu quarto. Contudo, Gustavo e Rebeca não conseguiam dormir. Ele, nervoso e passando a mão pelos cabelos, afirmou:

– Precisamos fazer algo. Conrado precisa saber das nossas suspeitas. Ele não pode se envolver mais com essa moça.

– Não podemos fazer nada antes de termos certeza. E se estivermos sendo injustos? Já basta o quanto fomos injustos quase a vida inteira.

– Só não o comuniquei ainda porque não quero cometer mais uma injustiça. De repente, posso estar errado e essa moça ser uma pobre inocente.

– O melhor a fazer é tentarmos dormir. Estamos aqui há horas, girando em círculos pelo quarto, falando e falando sem encontrar solução. Vamos entregar nas mãos de Deus.

– Deus? – falou Gustavo com voz entristecida. – E você acha que Deus terá alguma pena de pessoas como nós? Só não quero que nossos filhos sofram pelos nossos erros.

– Deus terá pena, sim! Afinal, depois que nos conscientizamos de tudo,

passamos a nos dedicar à caridade e nos mostramos arrependidos.

– Não sei se isso adianta muito. O mais certo seria confessarmos todos os nossos crimes à policia.

– Você enlouqueceu? A esta altura a maioria já prescreveu e de que nos adiantaria irmos para uma prisão?

Gustavo limpou com as mãos o suor fino que cobria sua testa.

– Você tem razão, querida. O melhor mesmo é dormir. Continuarei investigando. Mas no momento não posso fazer mais nada.

– Vamos ter calma. – Rebeca franziu o cenho pensando, depois disse: – Acabei de lembrar que não tomamos nossos compridos para a pressão. Já passou do horário. Que cabeça a nossa!

Rebeca foi até o toucador pegou as cápsulas, ingeriu uma e deu a outra ao marido. Deitaram e fecharam os olhos tentando conciliar o sono. De repente, Rebeca começou a sentir estranha falta de ar. A respiração cada vez mais curta fez com que levantasse e sacudisse o marido. Com horror, percebeu que Gustavo estava na mesma situação. Quase sem conseguir falar disse:

– O que está nos acontecendo?

– Não sei. Estou com uma dor no peito. Acho que vou desmaiar.

– Vou correndo chamar os meninos.

Rebeca deu três passos até a porta do quarto quando uma dor aguda atingiu seu peito e ela desmaiou. Gustavo, vendo o que aconteceu com a mulher e sentindo que ia desmaiar também, soltou as últimas palavras:

– Fomos envenenados.

Tombou ao chão fulminado.



Família em desespero

Verônica acordou assustada com as estrondosas batidas na porta de seu quarto.

– Verônica, abra! Rápido!

– O que foi, Conrado? Por que me acorda a esta hora? Hoje é sábado.

– Abra ou arrombo! Não estou brincando.

A voz de Conrado parecia desesperada, e ao mesmo tempo chorosa. O que havia acontecido? Completamente acordada ela abriu. O irmão entrou rapidamente em seu quarto e perguntou:

– Cadê ela? Onde está Daniele?

– Oras. Acorda-me para isso? Daniele está no quarto dela.

– Não. Ela não está lá, minha última esperança era que estivesse com você.

Verônica foi com Conrado ao quarto de Daniele e a cama, além de vazia não estava desfeita. Ela não dormira em casa.

– Entendeu agora o motivo do meu desespero? Daniele não dormiu em casa. Assim que acordo a primeira coisa que faço é ir ao seu quarto, beijá-la, desejar-lhe um bom-dia. Mas hoje, como não a achei aí, desci e a procurei cômodo por cômodo, e nada! Adelina está lá embaixo assustada, sem saber o que fazer.

Num ímpeto e como que guiada por intuição, Verônica abriu o guarda-roupas e percebeu que não havia nada lá. Seu coração gelou:

– Conrado, a Daniele foi embora.

Ele, petrificado, não conseguia se mover. Olhou para todos os compartimentos do móvel e não encontrou nenhum sinal. Sentou-se na cama desalentado.

– O que poderá ter acontecido?

– Certamente lembrou-se de tudo durante a noite e decidiu não permanecer mais conosco. É a única explicação – falou Verônica também desolada.

– Não pode ser, ela me amava. Jurou que por mais que descobrisse seu passado jamais me deixaria.

– O que ela pode ter descoberto deve ter sido muito forte. Só por um motivo forte assim é que ela deixaria esta casa.

Foram interrompidos por Adelina que, nervosa e com as mãos trêmulas, acompanhada por Durval, o segurança, disse:

– Algo muito estranho aconteceu aqui esta noite. Ouçam o que Durval tem a dizer.

Durval, mostrando receio começou:

– Peço perdão a vocês e assim que os patrões acordarem pedirei perdão também a eles. O que aconteceu comigo pode custar meu emprego.

– Fale logo, Durval – clamou Conrado nervoso.

– Não sei o que me aconteceu, mas simplesmente entrei num sono tão profundo que caí no jardim onde fiquei desacordado até agora. Quando dei por mim e levantei, vi que o portão estava aberto e as chaves penduradas pelo lado de fora. Pensei que tivesse sido um assalto. Corri para dentro, mas Adelina me garantiu que, fora o sumiço de Daniele, ninguém estava na casa. Creio que foi ela quem colocou alguma coisa em meu café para me dopar.

Verônica gelou.

– Mas por que Daniele faria uma coisa dessas?

– Porque queria fugir. Certamente descobriu seu passado – Conrado falou, mas no fundo não queria acreditar em nada do que estava acontecendo.

Adelina, vendo-o extremamente nervoso, resolveu contemporizar:

– Vamos todos descer e aguardar o sr. Gustavo e a dona Rebeca descerem para o café. Só eles poderão nos orientar.

Todos desceram e Durval suplicou:

– Senhor Conrado, peça a seu pai que não me demita. Não tive culpa. Se tomo café é para conseguir me manter acordado durante a noite.

– Fique tranquilo, Durval. Você não teve culpa de nada. E além de tudo não sabemos se realmente ela colocou alguma droga na bebida. Teremos de averiguar.

– Não há outra explicação. Eu jamais dormi uma noite sequer em todos esses anos que trabalho aqui.

Adelina concordou e tranquilizou o vigia, que saiu deixando-os a sós.

– Que horas são? – perguntou Verônica sentindo um grande aperto no peito.

– Já passa das oito e meia. Logo seus pais descerão e aí decidiremos o que fazer. O melhor agora é que se alimentem. Não adianta ficarem aí sem comer nada.

– Não quero nada, Adelina, só minha Daniele de volta.

– Eu também não conseguirei me alimentar enquanto tudo isso não for esclarecido.

O tempo foi passando e Gustavo e Rebeca não desciam. Já eram nove e meia quando Conrado, nervoso, resolveu:

– Vou chamar nossos pais. Eles nunca acordaram tão tarde. Logo hoje com esse problema a resolver.

Adelina aquiesceu:

– É melhor chamarmos sim, até porque estou com receio de que algo também tenha acontecido a eles.

Verônica empalideceu:

– O que poderia ter acontecido? Não nos deixe mais nervosos do que já estamos.

– Trabalho aqui há anos e nunca os vi demorarem tanto para descer. Mesmo sendo fim de semana, o dr. Gustavo e a dona Rebeca sempre acordam cedo.

Temo que possam estar doentes.

Movido por um impulso, Conrado subiu as escadarias correndo, sendo seguido pela irmã e Adelina. Logo estavam batendo à porta com força. Nenhum resultado. Por mais que chamassem eles não emitiam nenhum som.

– Vou arrombar a porta – disse Conrado fora de si.

– Você não vai conseguir arrombar uma porta como essa. É melhor chamar um chaveiro.

Conrado olhou impotente para a madeira de lei que compunha a bela porta trabalhada e disse:

– Façamos isso logo. Não tenho o telefone de nenhum chaveiro. Nunca precisamos disso.

– Vamos chamar o Durval, certamente ele conhece.

Verônica entrou em um desespero mudo e, prevendo o pior, chorava baixinho. Durval chegou e por sorte ele conhecia um chaveiro, vizinho de bairro. Ligaram e esperaram. Sentados na sala, o rosto de todos demonstrava medo e desespero. Conrado olhou para a irmã e disse:

– Sinto que uma tragédia aconteceu com nossos pais.

– Não diga isso nem de brincadeira. Eles só devem estar desmaiados. Foi uma crise de pressão – Adelina tentou tranquilizá-los, sem querer pensar no pior.

– Estou estudando medicina, sei que se tiveram algum problema de pressão mais grave a esta altura podem estar mortos. Sempre pedi à mamãe que não trancasse a porta quando fosse dormir. Mas achando que estava tudo bem, acabei me esquecendo disso. Meu Deus! Por que tudo isso foi acontecer no mesmo dia?

– Você está se precipitando. De repente, nossos pais saíram mais cedo e ninguém viu.

– Não tente se enganar, Verônica, pelo seu rosto sei que como eu pensa no pior.

Os três se calaram e continuaram aguardando. Os empregados que tudo ouviram

estavam agitados, comentando que a noiva do filho do patrão havia fugido e que os patrões estavam mortos.

Os minutos custavam a passar e só duas horas depois foi que Durval chegou com Jarbas, o chaveiro. Subiram rapidamente as escadas e com o coração aos saltos esperaram. Em poucos minutos, a porta fez um barulho e se abriu. Foi com horror que todos viram os corpos de Gustavo e Rebeca caídos ao chão, cheios de manchas roxas. Um corpo perto da cama e outro próximo à porta. O grito estridente de Verônica seguido de um desmaio fez com que Adelina se recuperasse do susto e com Durval a colocassem na cama.

– Ela desmaiou. Precisamos chamar um médico.

– Se eu fosse a senhora chamava a polícia também – disse Durval com rosto sério.

– Polícia? – assustou-se Adelina. – Para que a polícia aqui?

– Não entendo muito dessas coisas, mas acho muito estranho os patrões terem morrido justamente no dia em que Daniele desapareceu. E depois aquelas manchas roxas nos corpos parece caso de envenenamento.

Adelina sentiu o mundo girar ao seu redor. Respirou fundo e tentou se enganar:

– Eles podem ter tido um ataque do coração.

– Os dois na mesma noite?

Adelina calou-se e Durval continuou:

– Já presenciei um caso em que uma pessoa morreu envenenada e ficou do mesmo jeito que os patrões.

– Tem razão. Chamarei um médico e a polícia.

Enquanto isso no quarto, ao constatar que os pais estavam de fato mortos, Conrado chorava sentidamente sobre eles. Adelina entrou com Durval, abraçou-o e disse:

– Saía daí, meu filho. Você não pode fazer mais nada.

– Por quê, Adelina? Por quê?

– Ninguém sabe nada nesta vida. Vamos esperar que o médico e a polícia esclareçam tudo.

– Polícia?

– Sim. Durval me convenceu de que seus pais foram envenenados. Olhe para as manchas roxas no corpo deles.

– Isso pode ter sido o resultado do ataque cardíaco.

– Você está na faculdade de medicina, e sabe que ataque cardíaco não provoca manchas como estas.

– Você quer dizer que alguém entrou aqui e envenenou meus pais?

– Exatamente!

– Mas a porta estava trancada, ninguém mais tinha a chave. Como fariam isso?

– Eu não sei, a não ser que...

– A não ser?

– A não ser que eles tenham se matado.

Aquela frase caiu como um raio sobre Conrado e ele reagiu:

– Como pode falar uma coisa dessas, Adelina? Meus pais jamais fariam isso! Conheço-os o suficiente para saber que nunca cometeriam suicídio. Minha mãe era cheia de vida, amava viver. Meu pai também. Essa hipótese está descartada.

Foram interrompidos por uma das criadas anunciando a chegada do dr. Marcondes. Após examinar os corpos, ele foi categórico:

– Morte por envenenamento.

Conrado, chocado, perguntou:

– Como o senhor pode ter certeza? Só uma autópsia pode dar essa garantia.

– Sei disso, mas como médico não tenho dúvidas. A rapidez com que morreram e a forma como as manchas aparecem no corpo deles, posso afirmar com certeza que foram envenenados. Um ataque do coração não causa manchas. Seus pais teriam motivo para se matar? Tinham algum inimigo?

– Não. Meus pais eram felizes, não tinham inimigos. Se bem que nos últimos tempos estavam mais calados, nervosos, apreensivos.

– Sei que o dr. Gustavo como advogado e atuante na promotoria condenou muita gente. Não teria sido um desses que o tenha matado?

– Impossível. Ninguém desconhecido tinha acesso à mansão.

A polícia acabava de chegar e, informada do que acontecera, começou a averiguar. O delegado Menezes olhou para Conrado e disse:

– Por tudo o que nos disseram e pela opinião do dr. Marcondes houve um crime. Os corpos serão levados para autópsia e o quarto deverá ser mantido fechado. Ninguém pode mexer em nada aí dentro. Vamos descer, preciso fazer perguntas a todos os moradores da casa.

Já na sala, Menezes perguntou:

– Além de vocês, alguém estranho esteve aqui ontem?

– Ninguém – respondeu Conrado. – Inclusive ontem nem teve a costumeira reunião de amigos que meus pais faziam todas as noites.

– Ocorreu algum fato estranho com algum morador da casa?

Naquele momento o coração de Conrado acelerou e ao lembrar-se de Daniele teve um arrepio de horror. Olhando para Adelina, e percebendo que ela pensava o mesmo, disse nervoso:

– Uma hóspede nossa, minha namorada, fugiu de repente durante a madrugada sem motivo algum. Mas ela não tinha nada contra meus pais. Davam-se muito bem.

Os olhos de Menezes brilharam maliciosos parecendo haver achado muito rapidamente a solução do problema:

– Você disse fugiu? Ela não pode simplesmente ter saído para resolver algum problema urgente da família?

– Ela não tem família, pelo menos que se conheça.

– Como assim?

Conrado contou tudo detalhadamente. Como Daniele surgiu na vida deles, como foi acolhida, a sua perda de memória e finalmente o romance que havia entre os dois. Ao fim disse:

– Como vê, ela não teria nenhum motivo para cometer um crime contra nenhum de nós.

– Já lhe passou pela cabeça que ela poderia estar infiltrada aqui justamente para matar o dr. Gustavo e a dona Rebeca?

De repente, pareceu que um véu lhe foi arrancado da visão. Então Daniele era uma farsante! Como não tinha percebido antes? Tentou não acreditar.

– A polícia investigou, sua foto apareceu em jornais, na TV, ninguém nunca encontrou a menor pista.

– Se você garante que seus pais não tinham motivos para se matar, só pode ter sido ela. É por aí que vamos começar as investigações assim que o resultado da autópsia sair.

Vencido pela suspeita, Conrado sentou-se na poltrona dando livre curso às lágrimas. Adelina foi chamada pelo dr. Marcondes ao quarto de Verônica, que acabava de despertar, enquanto a polícia continuava seu trabalho. A partir daquele momento, ninguém mais seria o mesmo.

***

Do que a culpa é capaz!

Assim que os corpos de ambos tombaram sem vida ao chão, os espíritos de Rebeca e Gustavo foram se desprendendo deles em uma lenta agonia. Sentiam tonturas e a sensação de estarem mergulhando em um túnel sem fim. Quando finalmente o desprendimento total aconteceu, eles se deram conta do que havia acontecido e, aterrorizados, desmaiaram.

Alguns minutos depois, Rebeca despertou e confusa chamou o marido:

– Gustavo, Gustavo! Acorde! – Ela o sacudia com força enquanto olhava aterrorizada para seu próprio corpo inerte.

Gustavo acordou e, aos poucos, recobrou a memória:

– Rebeca, nós morremos! Morremos! Olha só o nosso corpo. Ela nos matou!

Os dois se abraçaram tendo sensações de medo como que a querer proteger um ao outro.

– E agora? O que será de nossos filhos nas mãos dessa assassina? Por que não a mandamos embora antes que ela tirasse a nossa vida? – lamentou Rebeca chorando.

– Não adianta mais, agora morremos. O que Conrado dizia era verdade, a morte é só uma passagem.

– Estou assustada e com medo, não só com o que Daniele será capaz de fazer com o resto de nossa família como também com nosso destino agora. Sempre tínhamos medo do inferno por tudo o que fizemos para adquirir fortuna, mas morremos e não estamos em inferno algum, estamos em nossa casa. Será que vamos ficar aqui para sempre?

– Eu li alguns livros espíritas e sei que no mundo espiritual existem cidades para onde vão os que morrem.

– Mas por que será que não fomos para lá?

– Eu respondo – uma voz grossa e pastosa ressoou no recinto e logo três sombras escuras e sinistras foram se formando e tomando o formato humano.

Rebeca e Gustavo abraçaram-se mais ainda quando viram João e seus filhos com

os olhos esbugalhados e as roupas puídas, derramando uma gosma fétida pelos cantos da boca. O espírito raivoso de João se aproximou e bradou:

– Vocês não foram para lá porque vão ficar comigo para sempre!

Gargalhadas ecoaram pelo ar.

– É isso mesmo que ouviram. Não gostaram de cometer todos aqueles crimes e nos matar? Agora vão para um lugar pior do que o inferno.

Gustavo, assustado e tremendo, suplicou:

– Perdoe-nos, João. Éramos jovens, queríamos subir na vida.

– Cale-se, bandido! Ou o mato de verdade – João estava colérico e de seus olhos saíam chispas de fogo. – A partir de agora, será meu escravo e vai passar por tudo o que merece. Tanto você como essa sua mulher aí. Nós, eu e meus filhos, programamos tudo para matá-los e conseguimos. Finalmente a justiça foi feita.

– Vocês nos mataram? Mas quem nos matou foi Daniele. Ela nos envenenou, provavelmente vingando algum outro crime que cometemos no passado.

João e os filhos gargalharam mais uma vez.

– Não achou o rosto dela parecido com o de alguém?

O silêncio se fez. Rebeca e Gustavo, mesmo nervosos, tentavam ligar Daniele a João, mas não havia como.

– Daniele é minha filha.

O susto não poderia ter sido maior para eles.

– Daniele é aquela garotinha que sobreviveu ao incêndio? – perguntou Gustavo com medo de ouvir a resposta.

– Exatamente! Ela cresceu e os encontrou para se vingar. Minha filha foi fiel ao juramento que fez a mim. Agora vamos, amarrem-nos.

Jair e Jackson, filhos de João, com o rosto e corpo também deformados pelo ódio, avançaram sobre Rebeca e Gustavo e, em pouco tempo, os dois estavam

amarrados com correntes fortes por todo o corpo. Sem dizer mais nenhuma palavra, eles os puxaram com força e saíram do quarto entrando em uma estrada pedregosa e cheia de fumaça.

Rebeca e Gustavo, vencidos pela culpa, deixavam-se arrastar como dois escravos capturados após uma fuga e se conformavam com seu destino. Algumas horas depois de uma longa caminhada, João parou e, olhando para os dois, disse:

– Estão vendo isso aqui?

Eles não responderam.

– Este aqui é o lugar onde vocês vão viver a partir de agora. Deem adeus à mansão luxuosa, ao quarto confortável, aos travesseiros macios, às noites de festinhas com os amigos. Viverão na gelatina.

Em pensamento, Gustavo e Rebeca se perguntaram o que seria viver na gelatina. Olharam melhor e viram um lago em que havia muitos espíritos colados uns aos outros, mexendo-se com dificuldade, gemendo e chorando. Aterrorizados pediram:

– Não, não nos coloque aí. Pelo amor de Deus!

– Isso é hora de vocês se lembrarem de Deus? Ele não quer saber de gente como vocês. Agora, calem-se.

Com um gesto brusco, ele e os filhos os empurraram para o lago de gelatina. Tentaram sair, debateram-se, mas foi em vão. Aquele líquido parecia grudar-lhes no corpo e quanto mais se debatiam e gritavam, mais sentiam o corpo formigar e arder. Em pouco tempo, eles se sentiram como se estivessem imersos em uma fogueira. Mas não havia fogo algum.

João, rindo muito, decretou:

– Ficarão aqui até quando eu quiser. Quero que se desintegrem até não restar mais nada. Hoje estamos vingados.

Dando as mãos aos filhos, disse:

– Agora vamos voltar à mansão para acompanhar de perto o sofrimento de todos.

Como seremos felizes!

Já iam desaparecendo quando viram uma luz imensa surgir-lhes à frente. O espírito de Francisco, pai de Gustavo, olhou-os com piedade:

– Até quando você vai ser infeliz alimentando essa vingança?

– Saía daqui, seu velho insuportável – gritou João, tentando tapar os olhos que teimavam em fechar pelo efeito da luz forte que aquele espírito emanava. Jair e Jackson, agarrados e encolhidos aos pés do pai, tremiam. Não gostavam dos seres da luz.

Francisco continuou imperturbável:

– Tenho certeza de que você nunca foi feliz, João. Esse é o preço que toda pessoa vingativa paga. Quando conclui a vingança, sente-se mais infeliz do que antes.

– Mentira! Eu estou muito feliz! Afinal, após tantos anos e tanto sacrifício consegui trazê-los para cá. Nunca ficaria em paz se não fizesse isso.

– Você fala em paz, mas posso lhe garantir que esse sentimento nunca morou em seu coração e, a partir de agora, nunca mais vai tê-lo. A não ser que perdoe.

– Não se meta mais em minha vida, Francisco. Já tive de aturá-lo demais, sempre fazendo das suas para livrar seu filhinho e aquela mulher do destino que mereciam. Primeiro, induziu Conrado a procurar a espiritualidade, depois ficou falando ao ouvido de seu filho para que ele lesse aqueles livros espíritas ordinários. Mas nada disso adiantou. Rebeca e Gustavo estão presos pela culpa e disso nunca mais vão se livrar. – Fez pequena pausa e concluiu colérico: – Não vou mais ouvir suas sandices. Vou para a ex-casa de seu filho querido presenciar o sofrimento de cada um e sorrir, sorrir muito com tudo aquilo.

Os espíritos desapareceram no negro da noite. Francisco aproximou-se do local em que o filho e Rebeca debatiam-se numa agonia sem fim e fez uma prece a Deus rogando auxílio, quando de repente sentiu uma presença amorosa ao seu lado. Era sua esposa Marilda, mãe de Gustavo.

– Sua prece foi linda e certamente ouvida por nosso Criador que vai atendê-la no momento certo. Confiemos nele e saiamos deste local. Infelizmente, nada

podemos fazer aqui e não é bom ficarmos vendo o sofrimento daqueles a quem amamos.

– Queria que tudo fosse diferente, que eles tivessem aprendido com o passado e não se culpassem mais.

– Não se lamente. Rebeca e Gustavo cometeram muitos crimes e isso lhes pesa muito na consciência. Olhe com mais atenção e veja a grande quantidade de espíritos que estão presos naquela gelatina. Todos cultivaram a culpa pelos crimes que cometeram enquanto viveram na Terra, por essa razão foram trazidos para cá.

– Por que as pessoas não entendem que a culpa não resolve problema algum?

– Estamos trabalhando para que todos possam compreender essa verdade. Nosso filho e Rebeca acharam que estariam livres dos tormentos se fizessem muita caridade, ajudassem as pessoas. Agora estão vendo o quanto estavam enganados. Nossa ajuda ao próximo jamais deve ser interessada, ela só é válida quando fazemos por amor, com inteligência, sem esperar nada em troca.

– Eles achavam que estavam ficando quites com as leis de Deus.

– Quanta ilusão! Só estamos quites com Deus quando mudamos nossas crenças, reavaliamos valores, abrimos nossa consciência. Infelizmente, muitas pessoas não entendem isso e passam a fazer o bem com medo da consequência do que fizeram no passado. Até os que acreditam na reencarnação fazem caridade achando que assim estarão livres das suas dívidas pretéritas.

– Infelizmente é o que acontece, ainda há muito que aprender sobre a caridade. Ela não tem valor algum quando a fazemos de maneira errada. O menor interesse anula o mérito do maior ato de caridade. Quem não quer sofrer necessita antes de tudo aprender as lições da vida, agir de acordo às leis cósmicas, pensar sempre no bem, acreditar na fonte divina. Quem mais faz a caridade real é aquele que nada deve nem a si nem ao próximo.

– Ainda assim continuaremos orando para que eles aprendam isso e possam sair daqui.

Marilda e Francisco se abraçaram e em poucos segundos desapareceram daquele local de sofrimentos.



Daniele: quem é ela?

Enquanto na mansão os corpos eram retirados e levados para a perícia, Daniele viajava com aparente tranquilidade no ônibus simples que a levaria à pequena cidade de Parnamirim, município localizado no Rio Grande do Norte. Seria impossível reconhecê-la. Em vez dos cabelos loiros levemente cacheados e do belo par de olhos azuis, víamos uma jovem de cabelos pretos, curtos e lisos, olhos castanhos, roupa discreta e óculos escuros. Carregava apenas uma pequena mala e vez por outra divisava a paisagem que ia mudando lentamente à medida que o ônibus vencia a distância.

Sabia que levaria dois dias para chegar ao destino, mas estava tranquila, porquanto não havia deixado pistas e a pessoa que a ajudara em tudo, era discreta e, assim como ela, queria a desgraça daquela família.

Daniele só não contava com uma coisa: havia se apaixonado verdadeiramente por Conrado e o amava de todo o coração. Contudo, seu ódio era maior que o amor e agora ela se sentia vingada. Mesmo sabendo que perderia Conrado para sempre, jamais poderia deixar de ter feito aquilo pelo qual havia se preparado toda a vida: matar Rebeca e Gustavo.

Olhou seus documentos falsificados e sorriu. Jamais iriam encontrá-la. O sacolejar do ônibus não a deixava dormir e ela começou a relembrar como tinha feito para envenenar suas vítimas. Quando o médico receitou a nova medicação e ela percebeu que eram em cápsulas, teve a ideia de trocar o conteúdo por um veneno mortal. Com a ajuda de sua cúmplice, fingiu que ia às compras e foram comprar a substância provocadora de infarto fulminante. Sem que ninguém percebesse, pegou o frasco com os medicamentos que estavam no fim, abriu-os e substituiu o conteúdo pelo veneno. Sabia que, como sempre, naquela noite eles tomariam os remédios e que seria o fim. Pensou em como estava com medo de ser descoberta, principalmente quando a psicóloga havia afirmado que ela estava mentindo sobre a perda de memória. Sentia que Gustavo e Rebeca a olhavam de forma diferente, inquisidora. Se não agisse rápido, certamente seria descoberta. Sorriu levemente pensando que, naquele momento, todos estavam chorando a morte deles.

Daniele poderia viver cem anos, mas nunca esqueceria a cena em que seu pai e irmãos foram mortos queimados na casa em que viviam no interior do Maranhão. Sua mãe, desesperada, pedia clemência, mas não fora ouvida. Tudo por causa da ambição de Gustavo e Rebeca. Agora eles saberiam o que era a vingança. Acreditava que quando acordassem no inferno iriam se lembrar de tudo e que ela vingara a morte do pai e dos irmãos. Sorriu feliz, pensando em como a mãe ficaria satisfeita ao saber que tudo havia dado certo.

De repente, estremeceu. Será que sua mãe iria perdoá-la por ter revelado seu verdadeiro nome? De qualquer forma, era uma pista. Mas quando viu Conrado pela primeira vez não conseguiu mentir. Era provável que sua mãe não aprovasse essa atitude, muito menos seu amor por ele. Mas isso teria de enfrentar depois.

O asfalto agora estava em melhores condições e o ônibus já não sacudia tanto. Vencida pelo sono, Daniele recostou a cabeça na poltrona e adormeceu.

***

Era noite e, além do crepitar dos galhos secos de árvore quebrando-se pela força do calor, ouvia-se apenas o piar de corujas aqui e acolá no meio daquela caatinga.

Num casebre pobre, iluminado apenas pela bruxuleante luz de um candeeiro, encontrava-se uma mulher alta, forte, cabelos curtos, com roupas de homem e olhos miúdos atenta ao noticiário da televisão. A repórter dizia:

“Confirmada morte por envenenamento do casal Gustavo e Rebeca Cerqueira Dantas durante a madrugada desta sexta-feira. A família continua inconsolável, principalmente porque a principal suspeita do crime, a namorada do filho das vítimas, uma jovem chamada Daniele, da qual ninguém sabe a origem, desapareceu sem deixar rastros. A polícia continua investigando...”

A reportagem continuou, mostrou algumas fotos de Daniele e finalizou informando onde os corpos estavam sendo velados e qual seria a hora do enterro no dia seguinte.

A estranha mulher desligou o aparelho de TV ainda em preto e branco, com chuviscos na imagem, pois era ligado na bateria, e foi para o quarto. Abriu as janelas e, olhando para o céu cheio de estrelas, disse em voz alta:

– Finalmente, João. Finalmente hoje sua morte e a de nossos filhos foi vingada! Agora posso morrer em paz e ir ao seu encontro.

Ela não viu, mas ao seu redor estavam os espíritos de João, Jair e Jackson rodopiando e sorrindo em comemoração. Sem saber por que, a mulher sentiu-se fortificada, dirigiu-se ao fogão de lenha onde labaredas altas faziam ferver o café, retirou o bule e se serviu. Enquanto tomava a bebida e mastigava um pedaço de pão, sentia a ansiedade crescer. Não via a hora que a filha retornasse para lhe contar os detalhes.

***

Era uma manhã ensolarada quando Daniele finalmente chegou a Parnamirim. A cidade era pequena e, apesar de ter crescido ali, não tinha amizade com quase ninguém, a não ser com Ernestina, uma mulher rica, casada com o senhor Aristóteles, que utilizavam os serviços de lavadeira e passadeira de sua mãe. Por essa razão, quando desceu no terminal rodoviário, passou rapidamente pela praça principal, tomou um táxi e dirigiu-se até o povoado de São José. Sabia que quando chegasse lá, ainda teria de andar dois quilômetros a pé, porquanto a pequena casa em que morava ficava escondida no meio da mata, dentro de uma caatinga. Resolveram morar assim desde o início porque isso fazia parte dos planos que pretendiam concretizar no futuro. Aliás, a vida dela havia girado até aqueles 25 anos em torno da vingança agora concretizada.

Enquanto andava com a pequena mala nas mãos, observava a paisagem seca e pensava: “passei meses fora, mas nada mudou, continua tudo igual”.

Aproximou-se da pequena cancela que dava para o terreiro onde ficava o casebre e a abriu. Olhou de longe e viu sua mãe sentada em uma velha cadeira de balanço, presente de Ernestina, fazendo o que ela mais gostava: fumar e observar brigas de galos.

Estava tão entretida que não ouviu os passos da filha em sua direção. Daniele parou a poucos metros e disse:

– Mãe, voltei.

Raquel virou-se rapidamente e com os olhos de lágrimas correu a abraçar a filha. Enquanto a abraçava, alisava seus cabelos dizendo:

– Estou orgulhosa de você. Nunca pensei que pudesse fazer tão bem feito.

Os olhos de Daniele brilharam.

– Sempre lhe disse que seria assim.

– Quanta saudade, minha filha. Parece que ficou fora durante anos. Vamos entrar, vou passar um café para nós. Preciso que me conte tudo, em detalhes.

Os olhos de Daniele brilharam diferentes e Raquel não pôde deixar de notar. Vendo-a calada, e sem querer andar, perguntou:

– O que aconteceu? Que olhar é esse?

Ela estava pensando em Conrado e olhando aquele ambiente em que voltaria a viver. Por segundos começou a pensar se havia valido a pena. Disfarçou dizendo:

– Emoção. Emoção por voltar, por vê-la. Foi difícil ficar longe.

– Então entre, vamos!

Raquel fingiu acreditar na filha, mas percebeu que ela estava modificada. O que estaria acontecendo? Trataria de descobrir.

Enquanto tomavam café, Raquel apertou ainda mais os olhos miúdos e perguntou:

– Era tudo aquilo que a Soraia nos contava nas cartas? A mansão era deslumbrante, a vida era folgada, de rico?

– Muito mais do que isso, mãe. Eles viviam como se fossem reis. Empregados por todos os lados, carros do ano, móveis luxuosos, dinheiro fácil. A senhora acredita que a dona Rebeca e a Verônica gastavam fortunas nos shoppings quase

todos os dias?

Raquel sentiu uma raiva surgir-lhe no peito, enquanto os olhos miúdos agora brilhavam rancorosos.

– Malditos! Tudo à custa da vida dos outros. Que ardam agora nas profundezas do inferno.

Daniele sentiu-se mal com o ódio de Raquel, apesar de ter passado toda a vida convivendo com aquilo.

– Mas agora eles já estão mortos. Mortos!

Raquel olhou para a filha e, mudando o semblante, questionou:

– Por que falou seu verdadeiro nome? Estava combinado de você dizer que se chamava Cristina.

– Eu... Eu... Eu preciso revelar uma coisa para a senhora.

– O que é? Que besteira você fez? – Havia agressividade na voz masculinizada de Raquel.

– Eu me apaixonei pelo Conrado. Apaixonei-me à primeira vista. Justo no dia em que o vi pela primeira vez chegando do estudo naquela noite de chuva. Por essa razão não consegui mentir meu nome.

Raquel levantou-se com rapidez e deu um tapa tão forte no rosto da filha que a fez se desequilibrar da cadeira e cair no chão.

– Como teve coragem de se levar por isso? Combinamos que vocês iam se envolver, mas que não teriam nada além. Conte-me! O que houve entre vocês além do combinado?

Daniele apoiou-se na cadeira tosca e levantou-se com assombro. Jamais esperava que sua mãe fosse lhe bater. Tentou contemporizar:

– Aconteceu, mãe, perdoe-me! Não fizemos nada além do combinado. Juro!

– Espero que esteja falando a verdade e não tenha misturado seu sangue com o

sangue maldito daquela família. Se isso aconteceu nem sei do que seria capaz. Aliás, vou provar isso agora.

Raquel puxou Daniele violentamente pelo braço e a jogou na cama. Tirou sua calça com rapidez, a peça íntima e sem nenhum embaraço começou a remexer nas partes íntimas da filha que chorava envergonhada. Após o exame, Raquel colérica gritou:

– Vagabunda! Vagabunda! Mil vezes, vagabunda! Eu poderia matá-la agora. Você se misturou com o sangue daquele demônio. O que posso fazer com você?

Raquel soluçava de ódio, enquanto Daniele se refazia e se vestia. Abraçou a mãe e disse:

– Acredite, mãezinha. Apaixonei-me, fiz amor com ele, mas não deixei de cumprir o que estava determinado. Tenho certeza de que fiz tudo certo. Acalme-se. Não se deixe levar pelo rancor logo agora que estamos vingadas.

Raquel percebeu que havia se excedido e saiu do quarto em direção à cozinha. Foi até uma sacola de cor indefinível e pegou um rolo de fumo, tirou um pedaço e começou a enrolar num papel, fechando-o com saliva. Logo estava soltando baforadas.

Daniele se aproximou. Sabia que quando a mãe fumava era porque estava mais calma. No íntimo, torcia para que a partir dali nada de mais acontecesse. Só assim poderiam viver em paz. Se é que isso seria possível depois de tudo.



Sofia: um espírito iluminado

Após a missa de sétimo dia, Conrado, Verônica e Adelina estavam sentados na sala de estar remoendo a profunda tristeza pela morte trágica daqueles que tanto amavam. Como puderam se deixar enganar de uma maneira tão fácil como aquela? Ninguém ali conseguia se perdoar, principalmente Conrado que, além da culpa, agora carregava um ódio mortal de Daniele. Nunca iria perdoá-la. Adelina sugeriu:

– Melhor que tomemos um chá. Vai nos aquecer e ajudar a esquecer tudo isso.

– Nunca esquecerei, Adelina. Por mais que viva vou me dedicar a procurar Daniele e destruir sua vida, não sem antes saber o motivo que a levou a matar meus pais.

– Como já lhe disse, seu rosto era conhecido, pode ter sido a filha de alguém que seu pai tenha condenado no passado.

– Não acredito que seja só isso. Para uma pessoa fazer o que Daniele fez com tanta frieza é preciso que tenha muito ódio no coração. Se meus pais foram os culpados, devem ter feito alguma coisa hedionda. Ainda assim não vou perdoá-la jamais, não só por tê-los matado, mas também por ter envolvido a mim e a Verônica.

– Juro que pensei que Daniele fosse minha única amiga. Com ela eu me abria, não tinha receios, foi uma identificação imediata. A polícia ainda não provou nada, pode ser que ela não tenha nada a ver com isso – disse Verônica querendo não acreditar na culpa daquela em quem tanto confiou.

– E quem iria entrar aqui para trocar os remédios de nossos pais por veneno? – indagou Conrado irritado. – Ora, Verônica, faça-me o favor.

– Eu vou fazer o chá. Com licença.

Adelina saiu e os dois irmãos ficaram sozinhos sem ter o que falar um ao outro. Poucos minutos depois, a porta se abriu e Maurílio entrou com Sofia.

– Vim ver como estão e trazer Sofia para vê-los. Não deu tempo para ela chegar para a missa, o voo atrasou.

– Meus pêsames, Conrado – Sofia abraçou Conrado com ternura e nessa hora ele desabou em um pranto sentido. Enquanto chorava dizia: – Perdoe-me, Sofia, como pude deixar você para me envolver com uma assassina sem coração? Porque fui tão cego?

– Calma, Conrado, não é hora de falarmos sobre isso. Vamos nos sentar.

Todos se sentaram e Maurílio comentou:

– Sei que o acontecimento foi trágico, mas vocês precisam reagir. Não podem nem devem ficar chorando o tempo inteiro. Pelo bem de vocês e pelo bem dos espíritos de seus pais.

– Ainda é muito cedo, Maurílio – disse Sofia. – É natural que estejam assim.

– Mesmo que passe muito tempo, acredito que nunca mais serei feliz. Não porque eles morreram, mas pela forma como foram mortos. Se foi mesmo Daniele, todos somos culpados – disse Verônica com lágrimas escorrendo pelos olhos.

– Já tem alguma pista? – perguntou Maurílio.

– Nenhuma. Parece que a Terra a tragou. Mas esteja ela onde estiver um dia vou encontrá-la para me vingar – Conrado falava de punhos cerrados.

Sofia olhou-o profundamente, pegou em sua mão com carinho e disse:

– A vingança não vai lhe dar a paz que procura. Concordo que procurar Daniele e fazê-la pagar pelo crime diante da Justiça é o correto, mas que isso não seja feito como um ato de vingança. Se foi ela mesma que cometeu esse crime, certamente sua consciência um dia vai acusá-la, e ela mesma, cansada de sofrer vai procurar o perdão e a reparação.

– Você é uma pessoa iluminada, Sofia, mas não consigo pensar dessa forma. É uma utopia dizer que as vítimas de um crime desse não queiram vingança. Só mesmo para você.

– Pode ser uma utopia para quem vive no materialismo desconhecendo as leis universais que regem todos os acontecimentos do planeta. Jesus nos disse que não cai uma folha da árvore sem que Deus permita. Então, se seus pais foram assassinados foi com a permissão de Deus.

Aquela frase chocou Conrado e Verônica, pois mesmo que participassem dos estudos espirituais não podiam concordar com aquele absurdo.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? Deus nunca permitiria um crime desses.

– E você acha que quem é maior? Deus ou o criminoso?

A pergunta pegou Conrado de surpresa.

– É claro que Deus é maior que tudo, ora essa.

– Então se Deus é maior e tem todo o poder, Ele poderia conter a mão do assassino se quisesse. Se não fez foi porque o acontecimento, mesmo trágico, iria servir de lição e aprendizado a todos os envolvidos.

Conrado protestou:

– Não acredito que Deus tenha algo a ver com isso. Esses crimes acontecem por causa do livre-arbítrio do ser humano. Deus não interfere no livre-arbítrio de ninguém.

– Vejo que você ainda não entendeu muito sobre as leis Divinas – disse Sofia com a voz suave. – Deus conduz o universo por meio de leis justas, sábias e imutáveis, por essa razão, apesar da visão do ser humano, nada que acontece na Terra é injusto perante as leis cósmicas. O livre-arbítrio é respeitado sim, mas até certo ponto. Não temos liberdade ilimitada como imaginamos a princípio. Estamos todos vivendo dentro das leis eternas, por isso, tudo no universo depende delas. Se você quiser matar alguém, Deus não vai impedi-lo, contudo, você só conseguirá matar a pessoa se ela necessitar dessa experiência para evoluir. Se ela não precisar, a Lei de Justiça não deixará que ela seja assassinada. Nunca ouviu histórias em que as pessoas foram salvas de seus assassinos por questão de minutos? Nunca ouviu dizer dos casos em que as balas de um revólver foram desviadas de maneira inexplicável e não atingiu o alvo? É a Lei de Justiça funcionando. Assim sendo, ninguém passa por nada, absolutamente

nada, de maneira injusta ou sem necessitar. A bondade divina não deixaria.

Conrado percebeu que havia lógica no que Sofia dizia e calou-se. Verônica inquiriu:

– Então quer dizer que os assassinos, os ladrões, os corruptos estão certos no que estão fazendo?

– Claro que não. Eles estão agindo dentro do nível de evolução que lhes é próprio. Não é o mais adequado e, por essa razão, um dia também atrairão o mal em sua vida para que aprendam e se voltem para o bem.

– O que me acalma é saber que mesmo que eu não encontre Daniele, um dia Deus vai castigá-la, dando-lhe muito sofrimento.

– Não é bom querer que as pessoas sofram e sejam punidas. Só Deus tem o poder de julgar com acerto e saber dar a cada um de acordo com suas obras. Além do mais, Deus não castiga ninguém, só dispõem os fatos para que cada um aprenda o que necessita para sua evolução.

Conrado discordou:

– Meus pais eram bons. Já haviam aprendido a bondade. Por que então tiveram de morrer dessa maneira?

– Não nego que dona Rebeca e o sr. Gustavo eram excelentes pessoas, tanto que acolheram uma desconhecida aqui, apenas para lhe dar teto e comida. Mas muitas vezes o nosso conceito de bem está totalmente equivocado. O que fazemos achando que é bom pode ser o mal para as pessoas e o contrário também acontece. Muitas vezes, pensamos que agimos mal, culpamo-nos, condenamo-nos, mas no futuro descobrimos que foi o melhor que poderia ter acontecido. Ninguém sabia o que seus pais pensavam, como eles viam a vida lá no fundo do coração. Tenho certeza de que Daniele só conseguiu matá-los porque não estavam agindo de acordo com o nível de evolução que lhes competia.

– É injusto! – disse Verônica chorando sobre o peito de Maurílio.

– Sei que é difícil compreender, Verônica. – Continuou Sofia sem se perturbar: – Mas é melhor que saiba a verdade. Só ela vai lhe dar a paz que precisa para

enfrentar a vida de agora em diante.

Adelina vinha chegando com o chá e ainda ouviu as últimas palavras de Sofia.

– Concordo com o que Sofia disse e a partir de hoje quero conhecer melhor essa doutrina que os deixam tão serenos e confiantes diante de qualquer acontecimento. Desejo desenvolver mais a fé, a coragem. Vendo um exemplo como Sofia, sempre serena, alegre, compreensiva, mesmo quando Conrado a deixou, sei que é esse o caminho.

Sofia a abraçou com carinho e iniciaram o chá com torradas. A conversa agora girava em torno de Sofia.

– Passei muitos meses viajando, fazendo minha especialização, mas agora estou de volta e quero continuar sendo amiga de vocês e frequentando esta casa.

Maurílio comentou gracejando:

– Todos disseram que você estava fugindo porque Conrado havia terminado com você.

– Qual nada! Não vejo por que fugir das coisas. Conrado fez o que achou melhor, e embora eu tenha sentido o fim da relação, sou mulher de seguir adiante, ir em frente. Sei que mesmo amando podemos reconstruir nossa vida.

– Aposto que já colocou outro no lugar do Conrado – cutucou Maurílio com seu eterno jeito de criança.

Conrado corou, enquanto Sofia continuou muito à vontade:

– Até apareceram alguns, viu! Mas nenhum me encantou a ponto de namorar. Contudo, continuo aberta.

– Ficou esse tempo todo sem namorar? Como aguentou? – continuou Maurílio tentando tirar Sofia do sério, mas ela continuava à vontade.

– E posso ficar mais tempo ainda. Para mim o namoro, o sexo, deve vir acompanhado do sentimento de admiração, afetividade, amizade e confiança. Respeito quem pensa diferente, mas jamais sairia por aí namorando qualquer um apenas por sexo ou para não ficar sozinha. Quem age assim, dificilmente

encontra o amor verdadeiro.

Maurílio sorriu:

– Não adianta. Essa aí não sai do sério. Pode-se falar o que for com ela que fica sempre serena.

Todos riram e Adelina aquiesceu:

– Você nem parece uma jovem deste mundo moderno. Hoje os jovens e até os mais velhos parecem viver em razão do sexo. É no cinema, é na TV, tudo é isso. Parece que o romantismo, o amor e o carinho perderam a importância.

Dessa vez foi Maurílio quem disse:

– Sofia não parece ser do tempo antigo, muito pelo contrário, ela é uma mulher à frente de seu tempo, é a mulher do futuro. Hoje todo mundo acha moderno sair por aí e fazer o que bem entende com uma ou até mais pessoas de uma só vez. Falo por experiência própria. Dizem que isso é ser moderno. Mas não existe nada pior do que sexo sem amor e namoro sem afetividade. Na hora pensamos estar no céu, mas depois vem um vazio profundo que nada consegue preencher. Digo que os jovens estão desperdiçando tempo e energia. No futuro, quando se conscientizarem, por força das depressões, das obsessões e até das doenças físicas, vão perceber o quanto estavam enganados.

Conrado estava surpreso. Aquele era realmente Maurílio? Será que a violência sofrida o havia realmente modificado?

A conversa continuou agradável, com Sofia sendo o centro das atenções. A presença dela e de Maurílio havia feito um bem enorme a todos. Eles não poderiam ver, mas muitos espíritos iluminados os acompanhavam e ajudavam naquela conversa edificante. Vendo Sofia conversar, sorrir e até olhá-lo com carinho, Conrado pensou se realmente não a amava e se o que tinha vivido com Daniele não passara de ilusão.



Chega o arrependimento

O insistente canto do galo acordou Daniele mais cedo do que ela queria. Abriu os olhos aos poucos e por alguns minutos ainda pensou estar na linda mansão de Conrado, em seu belo quarto confortável e aconchegante, vivendo um sonho. Contudo, logo se deu conta da realidade. Estava em seu antigo quarto, naquele casebre pobre, sem nenhuma expectativa de vida feliz. Olhou para o teto e percebeu que, além de esburacado, havia trepadeiras invadindo o recinto. Foi tirada dos devaneios pela voz masculinizada e forte da mãe:

– O que foi? Não reconhece a própria casa? Pensa que está ainda naquele palácio construído à custa do sangue dos outros?

Daniele se irritou, mas tentou dissimular:

– Estou desambientada, é normal. Logo passa.

– Assim espero. Agora se levante, se lave e tome café, pois temos muito trabalho hoje. Antes quero cortar seu cabelo e deixá-lo como antigamente.

– Por favor, mãe, meu cabelo não. Deixe-o como está.

– De jeito nenhum. Quer que alguém a reconheça? E depois não vejo por que deixar cabelos grandes, dão trabalho e só servem para quem vive na cidade. Aqui a lida é dura, não temos tempo para cuidar dos cabelos. – Vendo que Daniele não saía da cama ela puxou-a pelo braço violentamente dizendo: – Ande, não me faça perder a paciência, sabe que não tolero fricotes.

Daniele levantou-se e foi para um cômodo que a mãe reservava para os banhos. Como não havia água encanada ela tinha de pegá-la no pequeno poço com um balde, encher uma grande bacia de alumínio e se banhar da maneira mais desconfortável possível. Quando a água gelada bateu em suas costas, ela sentiu leve susto e uma sensação de tristeza muito forte a acometeu. Naquele momento, Daniele chorou como nunca tinha feito em sua vida. Começou a pensar na monstruosidade que havia cometido e um grande remorso apossou-se de sua alma. Contudo, precisava disfarçar. Sua mãe já não estava amorosa com ela

como antes, certamente por causa de sua paixão e entrega a Conrado. Certamente, se a visse arrependida, não saberia do que seria capaz.

Terminou o banho, enxugou bem o rosto, trocou de roupa e foi tomar o café. Raquel estava entretida fumando e vendo brigas de galo, de forma que ela pôde se alimentar em paz. Minutos depois, Raquel entrou, foi até a velha cômoda, abriu uma de suas gavetas e retirou uma tesoura enferrujada. Olhou para a filha e disse:

– Vamos.

– Para onde?

– Para debaixo do pé de cajá. Vou cortar seus cabelos. E não me venha com choros ou pedidos, senão será pior.

Daniele tentou se controlar e foi conduzida para o local. Contudo, a cada tesourada que sua mãe dava em seus cabelos uma lágrima descia de seu rosto. Como se arrependia! Agora sabia que a vida era mais que uma vingança. As pessoas podiam ser felizes, amar, ser amadas. Ela destruiu tudo por um acontecimento que não tinha mais jeito. Por mais que sentisse ódio pela forma como o pai e os irmãos haviam morrido, seu amor por Conrado, por Verônica, e até mesmo por Gustavo e Rebeca, que a acolheram com tanto carinho, havia sido maior. Se fosse hoje jamais faria aquilo. Ao contrário, denunciaria a mãe e tentaria ser perdoada pelo homem que mais amava no mundo. Ao perceber que nada mais poderia ser feito e que estava condenada àquela vida miserável e infeliz, sentiu funda depressão e um ódio surdo de Raquel. Sim, ela fora a culpada. Fora ela quem a havia criado meticulosamente para aquela vingança.

Quando terminou o trabalho, Raquel, com prazer mórbido, pegou um velho espelho e pediu que a filha se olhasse.

– Veja só. É assim que uma mulher tem de ser. Agora vamos para a lida. Temos muito o que fazer.

Entraram na casa e Raquel muniu a filha de foices, facões e enxadas.

– Precisamos fazer a colheita deste mês antes que tudo se perca, e você vai me ajudar a partir de agora.

– Não sei como fazer isso, a senhora nunca deixou.

– Não deixava porque você tinha de ter as mãos impecáveis e a aparência de princesa para que pudesse penetrar naquela casa. Mas agora a moleza acabou. Vai me ajudar em tudo. Estou velha e não dou conta da lida sozinha.

Sem dizer uma palavra, Daniele a seguiu para o roçado. Àquela hora o sol já ia alto e o calor era insuportável. Mesmo assim, ela não reclamou e fez tudo o que mãe ordenou. Ao meio-dia foram comer. Ao olhar aqueles pratos de alumínio contendo farinha seca, carne de sol, feijão e duas bananas, não deixou de comparar com a lauta refeição servida na mansão todos os dias. Ela nunca havia comido tantas coisas gostosas.

Raquel estava percebendo o que ia no coração da filha e intimamente sorria pensando:

“Você merece! Não mandei se apaixonar por um demônio e se entregar a ele como se fosse uma prostituta de beira de estrada. Agora sofra!”

Quando terminaram a refeição, Raquel tomou um gole de café e foi preparar seu fumo de corda. Logo soltava baforadas. Daniele foi para a bacia de lavar louça e estava entretida com o serviço quando ouviu um barulho de carro se aproximando. Sabia que era Ernestina, a única pessoa a ir até ali.

Raquel alegrou-se ao ver a patroa e, sorrindo, disse:

– Sei que veio trazer mais roupas para lavar e fico feliz. Como está o sr. Aristóteles?

– Está bem, mas além da roupa tenho outro assunto a tratar com você.

Naquele momento, Daniele entrou na sala para cumprimentar a simpática senhora.

– Como vai, dona Ernestina?

– Vou bem, querida. Esteve viajando, como estão seus parentes do Maranhão?

– Todos bem, felizmente.

– Que bom que está de volta, sua mãe, coitada, não aguentava mais os trabalhos sozinha.

– Sei disso, mas agora posso ajudá-la. Onde estão as roupas que a senhora trouxe?

– Lá no carro, se quiser pode pegar. As trouxas estão separadas por peças e não estão pesadas.

Daniele se dirigiu ao carro e Ernestina ao vê-la não deixou de dizer:

– Pena que uma moça tão linda não pense em se casar. Por que você não insiste para que ela saia, vá às missas de domingo à noite ou às festinhas do largo? Os rapazes daqui praticamente não a conhecem, mas tenho certeza de que bonita do jeito que é logo arranjaria casamento.

Raquel se incomodava sempre que Ernestina tocava naquele assunto, mas gostava da patroa e não queria perder sua amizade. Por fim disse:

– Eu insisto muito, mas sabe como é, ela é cabeça-dura, diz que não quer se casar, não gosta de sair e diz que ficará comigo para sempre.

– Que filha dedicada! – exclamou Ernestina.

Logo o silêncio se fez e Ernestina com rosto sério falou:

– Estou com um sério problema. Sei que é minha amiga e com você posso desabafar. Vamos sair daqui, pois logo Daniele voltará com as trouxas e pode nos ouvir. Não quero que ninguém saiba.

Percebendo que o assunto era sério, Raquel pegou dois bancos de madeira e os levou para debaixo do pé de cajá, cuja sombra e frescor serviam de ambiente agradável para conversas. Quando se sentaram, Ernestina começou:

– Minha filha Fátima está inconsolável.

– O que aconteceu com ela? Não me diga que o marido a traiu!

– Não, e até queria que fosse isso. O problema é mais sério. Fátima descobriu que é estéril, não pode ter filhos. É o que chamamos de útero seco. Minha filha

está em depressão porque seu grande sonho era ser mãe.

Raquel fez uma cara de tristeza.

– Imagino como ela deve estar sofrendo. Tão boa! Não merecia.

– Também acho, mas os médicos disseram que não há o que fazer. Inclusive os do exterior. Aristóteles pagou-lhe uma viagem à Suíça, o país onde a ciência é mais avançada, mas nem lá conseguiram solução.

– Que horror! Sinto muito por vocês.

Ernestina fez um ar de mistério e continuou:

– Vendo-a em desespero propus-lhe uma solução. Ela e Wilson poderiam adotar um bebê. É claro que, a princípio, rejeitaram a ideia, não querem se ver às voltas com toda a trabalheira que uma adoção legal requer. Além de tudo, Fátima faz questão de adotar apenas uma criança recém-nascida, branca como ela e com os olhos azuis como os do pai. Não sei o que fazer para conseguir sem que ninguém saiba, pois Fátima até aceitou adotar, mas terá de ser segredo total. Ela fingirá uma gestação normal e quando for o momento levaremos o bebê. O grande problema é onde encontrar uma criança com essas características que esteja para ser doada. Estou sofrendo muito, pois agora Fátima está com essa ideia fixa na cabeça.

Raquel pensou um pouco e disse:

– É muito difícil encontrar uma criança assim. Crianças brancas e de olhos azuis geralmente nascem de casais com boa situação financeira, ninguém vai querer doar.

Os olhos de Ernestina lacrimejaram.

– Você tem razão, Raquel. Bem, já desabafei, agora preciso voltar para casa e tentar tirar essa ideia da cabeça de Fátima. Fiquei feliz em saber que Daniele voltou e agora poderá ajudá-la. Ela sempre lavou roupas como ninguém.

– Não quer provar um pouco de café? Está fresquinho. Acabei de passar depois do almoço.

– Não, querida. Estou tão nervosa com toda essa situação que só consigo beber água.

Quando voltaram para a sala, Daniele já estava separando as roupas que ia lavar primeiro. A tarde estava quente e ela não iria esperar o dia seguinte para começar o trabalho.

Ernestina se despediu, e tanto ela quanto a mãe foram se dedicar aos seus afazeres.



Surpresa desagradável

Os dias foram prosseguindo monótonos e Daniele parecia cada vez mais distante, fazendo as coisas mecanicamente, apenas para agradar à mãe. Raquel percebia, sentia o ódio ferver em seu peito, mas teria paciência, certamente aquela paixão doentia que fazia a filha ficar com cara de morta iria passar.

Era noite e após um dia exaustivo de trabalho, Daniele e Raquel assistiam à televisão em meio à luz bruxuleante do candeeiro. Raquel observava atenta a uma cena de novela e quando deu o comercial, Daniele comentou:

– Mãe, estive pensando. Nossa vida perdeu a graça totalmente. Não temos mais nenhuma razão de viver.

Tomada de susto, Raquel perguntou:

– Por que diz uma asneira dessas? Estamos vivas, com saúde e o principal: vingadas! Quer prazer maior? Agora podemos curtir o resto de nossa vida saboreando o sucesso de nossa vingança.

– É justamente isso que não consigo sentir: prazer em nossa vingança.

– Cale-se, sua maldita! – esbravejou Raquel com ódio. – Já esqueceu que seu pai e seus irmãos tiveram a morte mais cruel que alguém poderia ter?

– Não, mãe, claro que não. Mas nós passamos toda a nossa vida esperando por essa vingança. A senhora me criou para isso, fazendo-me ver novelas com personagens de sotaque paulista para que eu aprendesse a falar como eles. Não me deixou ter amigos, estudar em uma escola normal, ou mesmo sair para passear como todas as moças normais. Claro, eu não poderia ser vista, fazia parte do plano. Eu cresci aprendendo a ter ódio por toda aquela família, fui e fiz o que combinamos, tornei-me uma assassina fria, mas e agora? O que fazer de hoje em diante? Viver para sempre perdida no meio do mato, plantando para comer, lavando roupas para fora? Sou jovem e quero ser feliz, ser uma pessoa normal. – Daniele disse as últimas palavras deixando lágrimas grossas escorrerem em sua face.

Raquel levantou-se, aproximou-se da filha e disse com voz ríspida e zombeteira:

– Sei que só está assim porque cometeu a imoralidade de se deitar com aquele filho de satanás. Antes você era animada com a vingança, seus olhos brilhavam ao falar em matar aqueles dois. Mas seja como for, agora é tarde, queridinha. Terá de viver aqui para sempre, escondida como sempre viveu. Caso contrário, se começar a sair por aí, logo vão reconhecê-la e seremos presas. É esse o destino que quer para sua mãe?

Daniele resolveu se calar. Não adiantava discutir com Raquel, que era inflexível e dura. As duas se calaram e Raquel, nervosa, foi fumar seu cigarro. Era tarde quando ambas conseguiram conciliar o sono.

No dia seguinte pela manhã, como todos os dias, Raquel foi acordar a filha.

– Não sei quando voltará a ter responsabilidade e acordar cedo. Sabe que horas são? Seis da manhã. Já deveríamos estar na roça. Esqueceu que a vida aqui não é brincadeira?

Daniele estava pálida, a cabeça rodava e, olhando para a mãe, disse:

– Acho que estou doente. Não consigo me levantar da cama.

– Deixe de fricotes. Levante já daí. Depois da roça ainda tem de terminar de lavar as roupas de dona Ernestina.

Daniele tentou se levantar, mas viu o quarto girar e caiu na cama. Raquel, percebendo que a filha não mentia, correu para ajudá-la.

– Mas o que é que você tem, hein? Não me diga que vai adoecer logo agora. Aqui não temos médicos e não quero que você vá aos hospitais da cidade.

– Não sei o que tenho, minha cabeça gira, estou enjoada...

Nem bem terminou aquelas palavras, Daniele começou a ter náuseas. Ao ver aquilo Raquel sentiu seu coração acelerar. Não. Não podia ser o que ela estava imaginando, era muito castigo. Num gesto rápido, deitou a filha na cama, tirou sua camisola e começou a lhe apalpar o ventre. Seu corpo gelou ao perceber que uma criança crescia ali dentro. Um ódio descomunal tomou conta de seu espírito e ela começou a esmurrar e esbofetear Daniele dizendo alto:

– Vadia, prostituta, rameira, quenga miserável! Você está... você está... esperando um filho. Um filho daquele demônio!!! Seu sangue foi contaminado. Meu Deus, eu não mereço isso.

Após bater em Daniele até tirar sangue do canto de sua boca, ela caiu em pranto profundo e saiu do quarto. Mesmo vítima de uma violência sem limites, Daniele chorava de alegria. Ela estava grávida! Grávida do homem amado. Não poderia haver felicidade maior. Agora tinha esperanças de que ele um dia a perdoasse e que pudessem viver novamente juntos.

Levantou-se rapidamente, foi ao cômodo de banhos e lavou-se. Quando entrou no quarto para vestir a roupa encontrou Raquel fumando e olhando-a com cara de poucos amigos:

– Vista-se e sente-se. Temos algo a decidir.

Daniele obedeceu e sentou ao lado da mãe, que sem rodeios soltou:

– Essa criança jamais vai vir ao mundo. Vamos abortá-la.

– Não. Tudo, menos isso. Ele é meu filho e eu é quem decido. Pela primeira vez vou lhe desobedecer.

– Você já me desobedeceu quando se entregou ao filho do nosso maior inimigo. Mas foi a última vez. Hoje não tem trabalho na roça mais, vamos à casa de Gertrudes, aquela entendida, e daremos um jeito nisso.

Daniele sentiu um pavor indescritível. Ajoelhou-se aos pés da mãe chorando sentidamente.

– Mãe, a senhora sabe o quanto a amo. Vivi minha vida pela senhora, fui filha obediente, nunca lhe dei trabalho. Em nome do amor que sente por mim permita que meu filho venha ao mundo. Não é preciso que a senhora goste dele, mas apenas que o respeite e o trate com carinho. Não seja tão dura. Sei que amou todos os seus filhos e sabe o quanto o amor de mãe é sagrado. Deixe que eu seja mãe. Pelo amor da virgem santíssima.

Aquelas palavras tocaram o coração duro de Raquel. Afinal, a filha não havia planejado nada. Resolveu ceder:

– Tudo bem, levante-se. Essa criança vai nascer, mas não conte comigo para nada. Se não quiser que morra de fome trate de lavar mais roupas para fora do que já lava para sustentá-lo e comprar o enxoval. Ele vai ser para mim um desconhecido, um fantasma a percorrer esta casa e me assombrar todos os dias. Mas como você disse, sou mãe e sei a felicidade de colocar um ser no mundo.

Raquel saiu sem mais nada dizer e foi para o quarto. Deitada na cama, olhando para o teto não percebia que os espíritos de João e dos seus filhos a observavam em todos os momentos. João havia se irritado completamente com a notícia da gravidez e não iria ceder como a mulher. Aquela raça teria de ser eliminada totalmente da Terra. Com o perispírito deformado pelo ódio, aproximou-se da mulher e a envolveu com força dizendo:

– Você foi fraca, mulher! Não pode aceitar que nasça um filho do satanás dentro desta casa. Tem de forçar Daniele a matá-lo. Force!

Raquel, achando que pensava pela própria mente, começou a refletir:

“Fui fraca. Não deveria ter aceitado essa criança. Mas posso voltar atrás e forçar Daniele a abortar. Sim. É isso o que farei. Não vou deixar que esse filho do rabudo nasça de jeito nenhum”.

Levantou-se da cama e foi para a cozinha onde Daniele tomava café. Com violência na voz disse:

– Mudei de ideia. Não permitirei que esse filho nasça. Você vai abortar agora!

– Não, mãe, pelo amor de Deus, tenha piedade.

– Nem mais uma palavra. Se você não fizer por bem, fará por mal. Esqueceu com quem está lidando?

Daniele sentiu uma imensa força brotar dentro de si, levantou-se do banco tosco onde estava sentada e enfrentou a mãe:

– Pois faça isso e eu fujo daqui e a entrego à polícia. Aprendi com a senhora a ser fria, calculista e má. Agora usarei tudo isso a meu favor. Ou deixa meu filho nascer ou vamos presas e certamente morreremos na cadeia. Sem dinheiro, sem amigos, sem nada, com certeza nenhum advogado vai nos tirar de lá. E então?

Raquel não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Você não seria capaz... – balbuciou.

– Pois então pague para ver.

Sentindo que a filha falava a verdade, e sem ter como reagir, ela baixou a cabeça dizendo:

– Tudo bem, que essa coisa horrorosa nasça, mas saiba que nunca mais me terá como mãe.

Rodou nos calcanhares e saiu chorando para o quarto.

O espírito de João, deformando-se cada vez mais pelo ódio a seguiu pensando:

– Por essa eu não esperava. Daniele foi muito petulante, mas essa criança não vai nascer de forma alguma. Minha mulher foi fraca novamente, mas encontrarei uma maneira de me livrar desse estorvo.

A tarde chegou e Raquel foi para a roça enquanto Daniele dirigiu-se ao pequeno tanque para continuar a lavar as roupas de Ernestina. Não sabia como tivera tanta coragem de enfrentar a mãe, mas era certo que se ela insistisse naquilo, preferia se entregar à polícia. Pelo menos seu filho nasceria e teria um pai.



Violência

Anoiteceu e como era costume, após tomarem café, Raquel e Daniele foram assistir à televisão. Contudo, o clima entre as duas havia ficado pior e Daniele, sentindo a frieza da mãe e seus olhares maquiavélicos, sentiu-se mal e foi para o quarto. Deitada na velha cama de madeira, olhando para o teto, ela pensava. Havia passado a vida em busca de uma vingança, cumprira o que prometera, mas e agora? O que seria dela após ter conhecido o amor e carregar uma criança no ventre? Sabia que Conrado jamais iria perdoá-la. O que aconteceria quando o procurasse e dissesse que ambos haviam tido um filho? Teria coragem de denunciá-la? Mesmo que não o fizesse iria desprezá-la para sempre e, com certeza, iria tirar a criança dela. Naquele momento, Daniele deu-se conta com mais intensidade do erro que havia cometido. O remorso parecia uma flecha aguda entrando e saindo de seu cérebro. Foi então que, sem aguentar mais, ajoelhou-se no chão batido e com as mãos postas orou:

“Deus! Sei que nem posso estar dirigindo ao Senhor um pedido sequer. Sou uma pecadora, criminosa, uma alma infeliz, que nunca mais encontrará a paz. Mas em nome da Sua infinita misericórdia, socorre-me neste momento de dor. Nunca me senti tão sozinha na vida, sem rumo, sem destino. Deus, entrego em Sua mão o destino de meu filho. Se eu não puder mais ser feliz, peço que não deixe nada ruim atingi-lo, pois o coitadinho de nada tem culpa. Perdão, Deus, por ser tão má e ignorante, perdão...”

Daniele deixava que lágrimas caíssem de seus olhos. Sua oração foi tão sincera, e seu arrependimento tão verdadeiro, que mesmo sem ver, sentiu que havia espíritos bons ali. E de fato era verdade. Sua prece atraíra para aquele quarto espíritos luminosos que lhe davam passes calmantes e diziam:

– “Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra”, disse Jesus. Você se culpa porque matou, tirou vidas de seres humanos, irmãos seus, o que é um erro muito grave. Mas e os que todos os dias matam pelas palavras enganosas, mentirosas, caluniosas, derrotistas e amargas? E os que agridem os irmãos de caminhada com a inveja e o falso testemunho, matando-lhes as esperanças de uma vida melhor? Eles não são diferentes de você, minha querida. Todos um dia vão reparar esses males que semearam pagando ceitil por ceitil. Se não deseja sofrer

e reparar seu mal pela dor, deixe a culpa, procure a polícia, entregue-se e entregue aquela que hoje é sua mãe. Nada será melhor para vocês do que a prisão justa, para que meditem em tudo o que fizeram e se voltem ao aprisco do Pai sem máculas maiores. Coragem, filha!

Daniele captava aquelas palavras benfazejas como se fossem de sua própria mente e quase teve coragem de, naquele momento, fugir e se entregar. Mas o medo de ser presa e seu filho ter um futuro incerto a impediu. Mesmo não seguindo a orientação do invisível, pôde comprovar o poder da prece pelo bem-estar e alívio que estava sentindo. Lembrou-se de Maurílio, dos seus estudos, de suas palavras sábias, e prometeu a si mesma que nunca mais deixaria de orar.

Pouco tempo depois, Daniele ouviu a antiga TV ser desligada e os passos de Raquel em direção ao quarto. Logo o silêncio total se fez e ela adormeceu profundamente.

Mas Daniele havia se enganado e Raquel não havia ido para o quarto, mas sim para a cozinha onde o fogão de lenha, propositalmente, ardia em labaredas altas. Raquel esperou um tempo, certificou-se de que a filha tinha pegado no sono e apagou o fogo deixando apenas as brasas acesas, reluzindo a cor vermelha.

Totalmente envolvida pela própria maldade e pelo espírito de João, Raquel pensava:

“Destruirei essa criatura infeliz, agora.”

Pegou duas grossas luvas de couro, colocou nas mãos, escolheu as melhores brasas, pegou-as e rapidamente dirigiu-se ao quarto da filha.

Daniele dormia placidamente e Raquel suspendeu sua camisola com cuidado usando uma das mãos e com a outra pressionou as brasas ferventes sobre seu ventre. Com os olhos injetados de fúria gritava feito louca:

– Morre, desgraçado, morreee...

Daniele acordou e dando-se conta do que estava acontecendo empurrou a mãe com toda a força possível e começou a gritar por socorro. Raquel, desligada parcialmente do seu obsessor pelo susto que levara, deu-se conta da loucura que tinha acabado de fazer e, arrependida, tocada em seus sentimentos de mãe, jogou as brasas longe e disse alto:

– Pare de gritar, Daniele! Ninguém vai ouvir. Pare!

A voz de Raquel se fez tão alta que Daniele parou assustada. Começou a chorar convulsivamente e Raquel, tentando se aproximar, disse:

– Filha, perdoe-me, eu estava louca. Perdoe-me, pelo amor de seu pai.

– A senhora é uma cobra, uma cobra!!! Não chegue perto de mim ou sou capaz de matá-la agora. Cobra!! Cobra!!

Completamente atordoada e com medo de que a filha fugisse e a delatasse, Raquel continuou tentando contê-la:

– Perdoe-me, filha, eu não estava em mim quando fiz uma loucura dessas.

Daniele, agora já sentindo a forte dor da queimadura de segundo grau, deitou-se na cama e chorou.

– Não posso perder meu filho. Não posso!

– Vou provar que estou arrependida. Sei fazer um unguento que passa logo essa sua dor e sara rápido.

Raquel saiu em disparada para a cozinha sem saber o que pensar. Ela era má, reconhecia, mas para fazer o que fez tinha certeza de que o demônio havia encostado nela. Cuidou de preparar o unguento e rapidamente colocou sobre o ventre da filha.

Aos poucos, uma sensação de alívio foi deixando Daniele mais calma, até que, vencida pelo sono ela adormeceu. Raquel, ao seu lado, torcia para que o bebê não morresse com aquela agressão, não por ter começado a amar a criança, mas porque sabia que se o menino fosse abortado Daniele certamente fugiria e a entregaria à polícia. Naquele instante, Raquel prometeu a si mesma que deixaria o neto nascer, mas trataria de dar um sumiço nele, assim que fosse possível, e de uma maneira que ela não se passasse por culpada.

Foi para sua cadeira de balanço, acendeu seu cigarro e observando os desenhos estranhos que a fumaça fazia, esperou o dia amanhecer.

***

Assim que o sol despontou no horizonte, Daniele acordou ainda sentindo fortes dores na barriga. Vendo que a filha se mexia no leito, Raquel foi até seu quarto.

– Como está?

– Ainda dói – Fez pequena pausa e, olhando para a mãe com mágoa, perguntou:
– Como a senhora teve coragem de fazer isso?

– Minha filha, eu, eu, eu só podia estar possuída. Confesso que estou com muita raiva dessa gravidez, mas a ideia de queimar sua barriga com as brasas me veio de repente, e fiz tudo quase mecanicamente. Parece que o “sujo” me possuiu.

– Não foi o demônio, foi a senhora mesma. Estou com medo. Quero ir embora daqui.

O coração de Raquel deu um salto. Se ela saísse dali, mesmo que não a entregasse poderia facilmente ser descoberta. Disse num salto:

– Não faça isso. Você pode ser presa e seu filho vai nascer na prisão.

– Seria melhor. Pelo menos na prisão não corro o risco de morte que tenho aqui.

Raquel fingiu estar sofrendo:

– Daniele, estou triste com o que fiz. Mas nós duas sempre fomos unidas, amigas, vivemos sempre uma para a outra. Não é justo que me abandone. Prometo que deixarei esse filho nascer e o tratarei com todo o carinho. Não vá embora!

O fingimento das palavras de Raquel foi tão convincente que Daniele acreditou. Completamente confusa, abraçou a mãe e chorou no seu ombro. Quando a emoção passou, Raquel disse:

– Vou preparar outro unguento. Logo ficará boa.

Raquel saiu em direção à cozinha, enquanto Daniele, completamente

desorientada, voltou a se deitar.



Solução encontrada

A partir daquele dia a relação entre mãe e filha melhorou. Raquel sentia grande ódio, tanto pelo fato de a filha ter se entregado a um inimigo, como pelo bebê, que a cada dia crescia mais em seu ventre. Pensou em várias maneiras de fazê-la abortar sem que ela soubesse, mas desistiu, visto que Daniele era muito esperta e se desconfiasse da participação da mãe em um aborto aparentemente espontâneo, certamente a denunciaria. Raquel sentia ainda mais ódio ao pensar que estava nas mãos da filha e seria obrigada a conviver com uma criança, neta das pessoas que ela mais execrava no mundo.

No fim daquela tarde de sexta-feira o carro de Ernestina parou na frente da casa e ela entrou. Seu rosto estava triste e logo Raquel convidou-a para conversarem embaixo da árvore costumeira. Ernestina desabafou:

– Não aguento mais a depressão de minha filha. Tenho rezado pedindo a Deus uma solução, mas não consigo encontrar. Ela não se conforma em não poder ser mãe, mesmo com todo o carinho que o marido lhe dá. Wilson concordou em adotar um bebê, mas ela se recusa a sair procurando num orfanato. Colocou na cabeça que quer uma criança que se pareça com eles e diz que dificilmente encontrará em orfanatos. Sei que é difícil, mas podemos procurar, nem que demore muito. Contudo, Fátima não quer esperar e vendo-se impotente entra cada dia mais em depressão, quase não se alimenta direito.

De repente, influenciada pelo espírito de João e dos filhos, Raquel teve uma ideia. Pensou rápido e disse:

– Ernestina, creio que encontrei a solução para o seu problema. Aliás, não só para o seu como também para o meu.

Ernestina, sem entender, perguntou:

– Solução? Que tipo de solução?

Raquel, em poucas palavras e usando da mentira, disse que Daniele havia se envolvido com um marginal na capital e acabara engravidando. Afirmou que não

queria o menino como neto e finalizou:

– Tenho certeza de que essa criança nascerá do jeito que sua filha deseja. Mas temos um problema: Daniele não vai aceitar de jeito nenhum dar o filho. Sabe como são essas moças tolas, está apegada à gravidez achando que o tal lá da capital ainda voltará para ela depois que a criança nascer. Posso dar a criança a vocês com uma condição: preciso de muito dinheiro para fugir daqui. Sei que minha filha nunca vai me perdoar e estou metida em uma confusão da qual não posso revelar agora. Se me derem o dinheiro de que preciso para fugir, entrego-lhe o bebê.

Ernestina ouvia sem saber se aceitava ou não aquela proposta. Perguntou curiosa:

– Mas Daniele certamente vai procurar essa criança e vai encontrá-la em nossa casa. Teremos de devolvê-la.

– Não se fizermos da forma como estou pensando. Quando Daniele sentir as dores do parto eu entrarei em ação e, é claro, não a levarei ao hospital. Sei fazer partos e farei o dela. Assim que a criança nascer, farei com que tome uma beberagem que a deixará adormecida por três dias. É o tempo que entrego o bebê a vocês e fujo. Quando ela acordar verá um bilhete meu em que direi ter fugido e levado a criança comigo para vendê-la muito longe. Sei que ela acreditará, pois me conhece muito bem, sabe do que sou capaz. – Fez uma pausa e concluiu: – Mas sua filha terá de dizer a todos que está grávida, colocar barriga de pano e até ir a um hospital fazer o parto. Tenho certeza de que você, com seu dinheiro, conseguirá um médico que ateste que fez o parto.

Ernestina nunca havia percebido o quanto Raquel era ardilosa e esperta, mas tinha de concordar que o plano era perfeito. Pensou em não compactuar com aquilo; afinal, conhecia Daniele desde pequena, quando ela chegara à cidade com sete anos. Era uma moça boa, generosa, não merecia aquilo. Contudo, lembrando-se do sofrimento da filha, resolveu:

– Tudo bem, aceito! Essa ideia não poderia ser melhor. Temos de fazer tudo bem feito. Contarei a Aristóteles, a Wilson e a Fátima; se eles concordarem, tudo será feito desse jeito.

– Não acho bom o seu Aristóteles saber disso – ponderou Raquel. – É um homem cheio de honestidade e amor ao próximo. Nunca vai aceitar.

– É aí que você se engana. Aristóteles está com tanto medo que a filha morra de depressão que será capaz de aceitar tudo. Falarei com todos e volto amanhã para dar a resposta definitiva.

Ambas retornaram para a casa, onde Daniele passava um café com alegria. Ernestina tomou, conversou banalidades, pegou a roupa lavada e foi embora.

A partir daquele momento, Raquel tratou de se tornar ainda mais fingida com a filha. Tratava-a carinhosamente, perguntava como estava sentindo-se, se queria comer algo diferente e até carinho fazia em sua barriga. Daniele, muito alegre e vendo que a mãe havia voltado aos tempos de antes, quando viviam em harmonia, foi aos poucos se abrindo. Contou como havia se apaixonado por Conrado, como haviam feito amor e de como um dia queria seu perdão.

Era difícil para Raquel dissimular tanto ódio, mas ela o fazia de tal maneira que Daniele jamais desconfiaria do que estava se passando.

Nos dias que se seguiram, após receber a resposta positiva de Ernestina, Raquel, polindo uma velha arma, disse como quem não quer nada:

– Estou muito feliz por Ernestina. Fátima está grávida, logo, logo, assim como eu, ela terá um netinho.

– Fátima grávida? Que maravilha! Uma pessoa ótima, merece.

– Merece mesmo. Praticamente vi Fátima nascer. Como me faz feliz saber que realizará o grande sonho de ser mãe!

Daniele entristeceu-se:

– Eu também realizarei este sonho, mas não serei feliz como Fátima. Ela está ao lado do homem que ama e eu terei de criar esta criança sozinha, aqui no meio deste mato.

– Sozinha não, minha querida. Esqueceu que tem a sua mãe? Seu filho será a criança mais feliz do mundo.

– Ainda assim, mãe. Ele nunca terá uma vida normal, assim também como eu nunca tive. Terá de viver escondido aqui.

– Não pense assim – disse Raquel para enganar ainda mais a filha. – O tempo passará e as pessoas vão se esquecer do ocorrido. Você registrará o bebê com seus documentos falsos, sua aparência cada vez mais será modificada e depois, será impossível que alguém nos ache depois de tanto tempo. Seu filho levará uma vida normal.

– Pensando bem, é verdade. Como sempre a senhora tem razão.

Só naquela hora Daniele percebeu que Raquel limpava a velha arma que fora presente de Aristóteles. Ela não gostava de armas, tinha verdadeiro horror. Disse:

– Guarde essa arma, mãe. Para quê ficar limpando isso? Nunca precisamos e tenho fé de que nunca precisaremos usar uma coisa dessas. Já basta os assassinatos que cometi.

Raquel olhava para a arma como se estivesse hipnotizada. Adorava atirar, ainda que para matar um animal perigoso ou simplesmente para o ar. Por essa razão, sempre a deixava carregada. Voltou-se para Daniele e disse:

– Viver aqui é perigoso. Sempre tive armas. Lembra-se de quando o Zé Grilo quis nos atacar? Se não fosse a velha garrucha de seu pai teríamos sido estupradas. Depois daquele dia, seu Aristóteles, com pena da gente, deu-me esta 38 e ainda me ensinou a atirar. Além de tudo, não é só para atirar em gente. Há animais perigosos por aqui. Vivemos numa caatinga, esqueceu? Além das jiboias, sempre tem uma ou outra cascavel que aparece.

Daniele não disse mais nada, colocou os pratos na mesa tosca e ambas foram almoçar.



O mundo espiritual entra em ação

Os meses passaram lentamente e a barriga de Daniele se avolumou. De tanto insistir, Raquel levou-a para fazer o pré-natal em cidade vizinha, e os médicos afirmaram que a criança crescia saudável e era um menino.

Foi com emoção que Daniele recebeu a notícia. Com o dinheiro da lavagem das roupas começou a fazer o enxoval, sempre imaginando como seria se estivesse na mansão, ao lado de Conrado. Certamente, além de muito feliz, seu filho teria tudo do bom o do melhor e um futuro garantido. O que seria daquela criança vivendo ali naquela cidade pequena e sem horizontes? Às vezes, pensava em se entregar e dar o filho para Conrado criar, mas não saberia viver numa prisão, muito menos sabendo que sua mãe, que já não era tão nova, estaria presa também.

Certo dia, quando Ernestina chegou com as trouxas de roupas para serem lavadas, chamou Raquel e disse:

– Aquela sua amiga de São Paulo mandou-lhe outra carta. Faz tempo que ela não se comunica com vocês, não é?

– Sim. A Soraia é muito ocupada. Desde que ficou viúva teve de aprender a lidar com o patrimônio do marido e isso a ocupa demais. Deixe-me ver.

Enquanto Raquel segurava o envelope, Daniele sentia as pernas bambearem. Certamente ali estariam todas as noticias da família de Conrado: o que eles estavam fazendo, como haviam se refeito do crime, e, principalmente, como estavam as buscas por ela. Raquel, percebendo a palidez da filha, disse rápido:

– Obrigada, Ernestina, vou ler depois. Não deve ser nada de tão importante mesmo...

Ernestina entregou as roupas, olhou para o ventre de Daniele em seus oito meses de gestação e sorriu maliciosamente.

Assim que ela saiu, as duas abriram o envelope com avidez e leram:

Queridas Raquel e Daniele!

As coisas aqui não estão correndo como vocês queriam. A família ficou desolada por um bom tempo, mas já estão se refazendo. Conrado se casou com Sofia e Verônica se casou com Maurílio. Todos estão vivendo na mansão e Sofia já está grávida.

Eles tinham cortado relações comigo após uma discussão que tive com Verônica em uma das festas que davam à noite, mas depois da tragédia voltaram a me receber e procuro fingir ser uma amiga maravilhosa.

O crime repercutiu demais por toda São Paulo. A família contratou detetives especiais, e tanto a polícia aqui da cidade como a do Rio juntaram-se para resolver o problema, mas nada encontraram até agora. Tenho certeza de que nunca chegarão aí, podem ficar tranquilas.

Um grande abraço da amiga de sempre

Soraia Montenegro.

As palavras eram poucas, mas diziam tudo. Daniele não se conteve e chorou sentidamente ao saber da união de Conrado e Sofia. Alegrou-se, contudo, por Verônica ter finalmente encontrado o amor e estar feliz.

O silêncio se fez. Mãe e filha, mergulhadas em seus próprios pensamentos, não ousavam falar. Tempos depois, Raquel acendeu um cigarro e dando baforadas disse:

– Ainda bem que temos uma amiga como Soraia. Sem ela nossa vingança não teria sido possível. Suas palavras nesta carta me tranquilizaram, realmente, ninguém jamais vai nos encontrar aqui.

Vendo que Daniele enxugava algumas lágrimas que teimavam em cair, Raquel comentou:

– Você achava que Conrado iria ficar solteiro para sempre? Sabe que não gosto de falar dele, mas dê-se por satisfeita em saber que o homem que você diz amar está feliz. Não vive se culpando?

– Tem razão, mãe. Mas é duro saber que ele me esqueceu em pouco tempo, embora Sofia seja uma mulher muito boa e mereça ser feliz. Ela sempre o amou. Fico ainda mais triste ao saber que o filho deles terá uma vida maravilhosa enquanto o meu poderá até passar fome.

– Você queria que ele continuasse amando a mulher que tirou a vida dos seus pais?

Aquela frase ecoou na mente de Daniele de maneira estranha. Ela havia tirado a vida de duas pessoas. Como havia tido tamanha coragem? Como teve forças para matar as pessoas que Conrado mais amava no mundo? Naquele momento, voltou a sentir uma raiva surda da mãe. Sim, fora ela a única culpada pelo seu infeliz destino. Sua mãe era uma cobra.

Foi para o quarto, deitou e continuou dizendo mentalmente:

“Cobra! Cobra! A senhora é uma cobra.”

Daniele não conseguiu fazer mais nada naquele dia, assim como Raquel. A noite estava bonita, o céu estrelado e sem nuvens convidava a uma reflexão interior. Fazia calor e Daniele deixou a janela do quarto aberta e, enquanto observava o firmamento, orava a Deus pedindo perdão. Ela não viu, mas os espíritos luminosos de Francisco e Marilda davam-lhe passes calmantes. Eles haviam ido lá por designação do plano superior para alertar Daniele sobre o que sua mãe pretendia fazer com a criança. Aquele espírito que estava por reencarnar era bastante ligado a ela e Conrado por laços do passado e não poderia de jeito algum ir para as mãos de outros pais. A justiça divina não iria permitir.

Francisco olhou para Marilda e, percebendo que Daniele se entretera vendo o céu, disse:

– Vamos até o quarto de Raquel. Tentaremos trazê-la para nossa conversa com Daniele assim que estiver desligada do corpo físico.

Contudo, tanto Francisco quanto Marilda se surpreenderam com a inusitada cena que viram ali. Raquel já havia saído do corpo e conversava assustada com o marido e os filhos. Ela dizia:

– O que está acontecendo com o seu corpo, João? Que fantasias são essas que você e nossos filhos estão usando?

João, olhar maligno, respondeu confuso:

– Não estamos usando fantasias, mulher. Nem tampouco sabemos o que nos acontece. Aos poucos, notamos que nosso corpo foi se transformando e está assim como você vê hoje.

Raquel olhou melhor e ficou estarrecida. O corpo deles estava transformado em corpos de tigres, com patas e unhas enormes. Os dentes também estavam grandes e afiados e as orelhas se apresentavam descomunais e monstruosas. Só o semblante é que ainda lembrava o que João, Jackson e Jair haviam sido um dia. Ela afirmou horrorizada:

– Deus do céu, vocês viraram animais!

– Por que se assusta tanto? Não vai mais me querer porque estou assim?

– Não é isso, João, quero você como o homem bonito e forte que conheci em minha juventude.

– Até parece que você está tão bonita assim! Por que não se olha melhor?

Raquel, que até aquele momento não havia prestado atenção ao próprio corpo, começou a gritar ao se ver rastejando no chão com o corpo de serpente. O perispírito dela havia tomado a forma de uma cobra gigante, que se enrolava em si mesma e expelia um líquido viscoso pela boca. Só o rosto continuava perfeito. Ela chorava desalentada:

– O que é isso, meu Deus? Quero meu corpo de volta.

Nessa hora, Francisco e Marilda, diminuindo as vibrações puderam ser vistos por eles. Francisco disse amorosamente:

– Se querem o corpo de vocês de volta necessitam perdoar e esquecer a

vingança. Esse é o único caminho.

João, reconhecendo-o, disse rancoroso:

– Já não disse que é para deixar minha vida em paz?

– E você está em paz? – perguntou Francisco sem se abalar.

– Não queremos papo, vá embora. Não é bem-vindo em nossa casa.

– Vamos na hora certa, mas quero esclarecê-los que estão assim por causa do ódio e da maldade que carregam no peito. Esses sentimentos deformam o perispírito e, de repente, vemo-nos em formas primitivas e grotescas. Se querem o corpo normal e sadio, necessitam perdoar.

João bradou:

– Nunca, nuncaaaaaaa...

Com esse grito desapareceu chão adentro com os filhos, deixando Raquel sozinha com o casal iluminado. Marilda falou:

– Raquel, você ainda tem a chance de se redimir. Perdoe e ajude sua filha a reencontrar o caminho da paz. Se você fizer o que pretende, aumentará sua culpa e essa forma animal que seu corpo tomou vai continuar a se degradar até que vire uma massa disforme, a qual chamamos de ovoide. É isso o que quer para sua vida?

Raquel, chorando, disse:

– Não tenho mais jeito, Deus nunca vai me perdoar. E, além de tudo, tive razão para me vingar. Eu era feliz com minha casinha, meus filhos, minhas plantações, mas a ambição de Gustavo e Rebeca veio para acabar com tudo e nos transformar no que no somos hoje: animais. Minha filha teve razão quando me chamou de cobra, é isso mesmo o que sou.

– Você não é nada disso. É uma filha de Deus, que é pai amoroso e justo e nunca vai se cansar de esperá-la para que viva feliz no seio Dele. Acredite, você pode mudar.

– Depois de tudo o que passei, não posso perdoar. Foi muito sofrimento, a senhora não sabe nem a metade do que passei.

– Não sei, mas você pode me contar. Vamos fazer um trato? Você me conta sua história e depois eu lhe conto outra. Depois, juntamos as duas e você vai me dizer se pode ou não perdoar o mal que lhe fizeram.

Raquel estranhou que aquela mulher tivesse alguma história para lhe contar, mas resolveu:

– Vou lhe dizer tudo.

E assim começou a narrar...



Raquel conta sua história

Meu pai era um pobre lavrador de um pequeno sítio em Vila das Flores, interior do Maranhão. Eu e minha irmã Soraia vivíamos na quase miséria, mas o nosso pai, aos poucos, prosperou e nossa vida melhorou. Depois de alguns anos ele comprou algumas terras e logo tínhamos um bom pedaço de chão para cuidar, plantar e colher. Fomos crescendo e assim que ficou mocinha, Soraia se casou e foi morar com o marido na cidade. Fiquei sozinha cuidando de meus pais já idosos e conheci João, um moço bonito e bom, que trabalhava em nossas terras. Iniciamos um namoro, ficamos noivos e nos casamos passando a viver na mesma casa que meus pais.

Alguns anos depois meus pais faleceram, os dois no mesmo ano. Foi um choque para mim, mas em compensação eu estava grávida do meu primeiro filho e isso me ajudou a superar a tristeza. João continuou cultivando a terra e nossa vida era feliz, nada nos faltava. Toda a colheita era vendida na cidade e com isso pudemos dar uma vida razoavelmente boa a nossos filhos. Eu já havia tido o Jair, depois o Jackson e a nossa caçula Daniele. Cuidava de todos eles com muito amor.

Vizinho às nossas terras morava o sr. Francisco, um rico fazendeiro que estava muito feliz: seu filho Gustavo estava voltando de São Paulo, formado em Direito e trazia consigo sua jovem esposa, Rebeca, para ficar alguns dias na fazenda. O sr. Francisco e a sra. Marilda fizeram um churrasco para comemorar o acontecimento e todos comparecemos, pois além de vizinhos éramos amigos.

Quando olhei nos olhos de Gustavo pela primeira vez não gostei do brilho de maldade que vi. Assim como ele, sua mulher tinha feições cínicas e nos olhava como se fôssemos inferiores.

Depois da festa não mais nos lembramos deles até que um dia, Jurema, uma das empregadas da fazenda, veio à nossa casa chorando muito e dizendo:

– Aconteceu uma desgraça lá na casa-grande. O sr. Francisco adoeceu e morreu em menos de dois dias. Estão convidando para o enterro.

Assustada, perguntei:

– Mas o senhor Francisco ainda era muito jovem, tinha uma saúde de ferro. O que aconteceu?

– Não sabemos nem os médicos sabem. Foi uma doença misteriosa. Quiseram levar o corpo para a capital e investigar melhor, mas o dr. Gustavo não permitiu. O enterro será às três horas, no cemitério da fazenda.

Assim que João chegou para o almoço e lhe contei o ocorrido, o susto foi grande. Gostávamos muito do sr. Francisco, e às três em ponto estávamos lá para o enterro. Novamente não gostei do rosto de Gustavo e parecia ver em seus olhos um brilho de alegria, como se tivesse gostado da morte do pai.

O enterro aconteceu e voltamos à vida de sempre. Nossas terras estavam cada vez mais prósperas e pudemos comprar outras posses vizinhas, ampliando nossos limites. Meses se passaram e em um fim de tarde Jurema chegou a nossa casa mais uma vez chorosa e pedindo:

– Raquel, vim lhe pedir que me acompanhe à casa-grande para ajudar na corrente de oração para a sra. Marilda.

– O que aconteceu? Porque a dona Marilda precisa de orações?

– Aconteceu uma tragédia hoje pela manhã. A coitada, que já andava triste por causa da morte do marido, sofreu um desmaio e está prostrada na cama. O médico disse que foi derrame e que ela não demora a morrer. Mas nós temos fé e pedimos ao dr. Gustavo que deixasse que fizéssemos uma corrente de oração pela saúde dela. Ele deixou e estou indo nas casas vizinhas chamar mais gente. Pode nos ajudar?

É claro que concordei e fui, mas antes perguntei a João:

– Não acha esquisito dona Marilda morrer dois meses depois da morte do sr. Francisco?

João, acendendo seu costumeiro cigarro de palha deu de ombros:

– Vai ver a pobre não aguentou ficar sozinha. Muita viúva morre assim que o marido falece.

– E você não acha estranho que o filho deles, o dr. Gustavo, esteja aqui até hoje? Pelo que disseram eles vieram passar só uma temporada e logo voltariam para São Paulo.

– Não é nada estranho, mulher. O dr. Gustavo não pôde voltar porque assim que ele chegou o sr. Francisco morreu e ele não pôde deixar a mãe sozinha. Coitado do moço, tão jovem e já sem pai e agora sem mãe.

Não disse mais nada e fui ajudar Jurema com as orações. Nessa época, Daniele já tinha cinco anos e me acompanhou. Assim que terminou o terço fui surpreendida com o chamado de Gustavo:

– Senhora Raquel, pode me acompanhar até o escritório?

– Sim, senhor.

Lá chegando, ele me olhou e disse:

– Sei que não é o melhor momento para falarmos de negócios, mas aproveito que a senhora está aqui e quero lhe propor a compra de suas terras. Pretendo ampliar os limites das terras de meu pai que agora são minhas e só falta vocês me venderem. Já comprei de todos ao redor.

– Desculpe, dr. Gustavo, mas o senhor comprou as terras dos nossos vizinhos por um preço muito baixo e mesmo assim porque eles estavam desesperados por conta da seca. Mas nós cuidamos bem da nossa, irrigamos, adubamos, não acredito que meu marido queira vender. Nossa vida sempre foi e será aqui.

Os olhos dele brilharam com rancor, enquanto dizia:

– Não costumo ouvir um não e deixar por isso mesmo! Avise ao seu marido que em breve vou visitá-lo e quero ver se não me vende as terras.

Saí dali com o coração aos saltos, prevendo uma coisa ruim que não sabia bem o que era. João ficou furioso e afirmou que jamais venderia o nosso patrimônio, ainda mais naquele momento em que Jackson e Jair já estavam ficando rapazes e teriam de ter terras e casas para morar com a família.

No dia seguinte, dona Marilda morreu e mais uma vez fomos para o enterro. Passou uma semana e em um fim de tarde, escutamos o trotar de cavalos. Era

Gustavo e o capataz da fazenda. Pedi que entrassem e ele foi direto ao assunto:

Senhor João, vim aqui porque desejo comprar suas terras. Meus pais faleceram e quero ampliar tudo o que eles tinham. Tenho um valor bom para oferecer e lhe pago na hora.

João olhou para ele com raiva e respondeu:

– Jamais venderei minhas terras, muito menos para o senhor. Não gostei do modo que se dirigiu a minha mulher e mesmo que fosse vender não seria a você.

– Está me desafiando, seu verme asqueroso?

João pareceu não acreditar no que ouviu e pediu:

– O senhor repete o que disse? Não entendi direito.

– Perguntei se está me desafiando e o chamei de verme asqueroso. Quer mais?

Eu conhecia o temperamento de meu marido e sabia que aquilo não ia acabar bem. Logo João estava discutindo com ele de igual para igual.

– O senhor pensa que só porque estudou pode falar assim com um trabalhador, um pai de família honrado?

– Eu falo como quero. O senhor não passa de um pobre miserável que se acha rico só porque conseguiu meia dúzia de terras, mas não passa de um miserável. Ou vende as terras por bem ou as vende por mal.

João deu violento soco em Gustavo, que saiu correndo em direção ao cavalo gritando:

– Isso não vai ficar assim. Juro!

Preocupada, corri até meu marido.

– Ficou louco, homem? Como ousou bater no dr. Gustavo?

– Ele mereceu, mulher. Pensa que só porque é rico pode vir assim humilhando os outros?

Daniele estava chorando e fui fazê-la parar, mas a partir daquele dia não consegui mais ter paz. Tinha pesadelos e via meu marido morto. Ficava apavorada.

Certo dia, em outro fim de tarde, Gustavo voltou, desta vez com uma pasta nas mãos:

– Posso entrar?

– Aqui o senhor não é bem-vindo. Gostava muito do senhor seu pai e da senhora sua mãe, mas você é bicho ruim, não saiu a eles.

Gustavo riu com sarcasmo.

– O que tenho nessa pasta é de seu interesse. Não quer ver?

– Não. Pode se retirar.

– Estes papéis aqui dizem que o senhor me vendeu todas as suas terras e que paguei muito caro por elas. Está tudo acertado em juízo. E agora, quer ver?

João ficou pálido. Como aquilo podia ter acontecido? Arrancou a pasta das mãos de Gustavo e foi olhando os papéis. Eram escrituras de compra e venda de nossas terras, assinadas por ele. João, muito nervoso, disse:

– Isso aqui é uma mentira. Não assinei nada disso. Ponha-se daqui para fora.

Não reconhece sua assinatura? Olhe outra vez.

Desta vez fui eu quem pegou os papéis, olhei-os e disse:

João, homem, é sua letra mesmo. Como você pôde ter vendido todas as nossas terras?

Comecei a chorar angustiada, tendo nossos filhos ao lado.

– Não sei o que esse homem fez, mas não assinei nenhum papel e pode ir embora daqui antes que eu perca minha paciência e descarregue meu trabuco no senhor.

Gustavo nos olhou com malícia enquanto disse:

– Tomarei minhas providências.

Naquela noite não conseguimos dormir. Na cama, enquanto as crianças dormiam, eu disse para João:

– O que vamos fazer se ele nos tomar tudo?

Mesmo preocupado, ele tentava me acalmar:

– Qual nada, mulher, isso é para nos assustar. Não assinei nada, não fui em cartório nenhum. Ele deve estar querendo nos pegar com alguma tramoia.

– É disso que tenho medo. Já ouvi falar de pessoas que escrevem a letra da gente como se fosse a gente mesmo escrevendo. Você compra no armazém, assina notas. Ele pode ter mandado alguém copiar sua letra.

João tentou me convencer de todas as maneiras, mas eu não consegui ficar bem e só consegui dormir quando o dia estava clareando.

Os dias que se seguiram foram tranquilos e parecia que nada nos iria acontecer, até que chegou à nossa casa, logo após o meio-dia, um homem engravatado dizendo ser da Justiça. Mostrou suas credenciais e disse:

– Como podem ver, o sr. João assinou uma procuração dando plenos direito e poder ao sr. Gustavo sobre todos os seus bens. O sr. Gustavo passou todas estas terras para o nome dele e vocês têm de sair daqui ainda hoje ou então a Justiça vai colocá-los para fora à força.

João em franco desespero, gritou:

– Mas isso não é possível. Não assinei nada, estas terras são minhas, conquistadas com esforço e suor. O ladrão do Gustavo está querendo nos roubar com sua ambição, mas isso eu não vou deixar. Só saio daqui morto.

O oficial de justiça, percebendo a real situação, limitou-se a dizer:

– O senhor tem 24 horas para sair daqui com sua família. Se não fizer isso, o dr. Gustavo pode entrar com uma ação de despejo e terão de sair pela força da lei.

João bradou:

– Que seja! Vou esperar a lei me tirar daqui. Veremos quem é mais forte.

Assim que o homem saiu, entramos em casa desesperados. Daniele havia recomeçado a chorar, pois, apesar da pouca idade havia entendido tudo. A custo fiz com que se acalmasse e fosse para o pomar com os irmãos. Jackson e Jair estavam nervosos e com raiva, dispostos a tudo, mas nunca deixariam aquelas terras.

Sentada com meu marido ao redor da mesa, disse:

– João, fomos roubados. Vivemos numa terra sem lei, teremos de sair daqui e recomeçar.

– Até você, mulher? Não vê que isso é uma injustiça e que a lei estará ao nosso lado?

Eu torcia as mãos em desespero:

– Não vê que aqui a lei é de quem tem mais dinheiro? Não teremos outra saída. Meu Deus! O que será dos nossos filhos?

Comecei a chorar convulsivamente. João deu um soco na mesa e levantou-se:

– Pois eu não saio daqui nem à bala.

Eu sabia que ele tinha uma velha espingarda guardada em casa e não queria violência, pois poderíamos acabar mal. Por essa razão roguei:

– Pelo amor de Deus, homem, deixe disso. Vamos embora daqui e recomeçar. Temos aquela reserva no banco, podemos comprar uma casa em outra cidade, você pode arranjar um emprego. Não entre na violência, pois se você morrer não saberei o que fazer.

– Não é justo que depois de tanto esforço de seu pai e meu para ampliarmos nossas terras, cultivarmos, fazer nosso negócio progredir, deixemos tudo para trás como se fôssemos bandidos. Na verdade, o grande bandido nesta história é o Gustavo. Mas daqui não saio de jeito nenhum. Prefiro morrer a abandonar o que é meu.

Nessa hora meus filhos entraram em casa e, tanto Jackson quanto Jair, disseram:

– Nós também, pai. Não abandonaremos o senhor por nada. Estamos do seu lado.

Eu só fazia chorar abraçada a Daniele, orando a Deus para que meu marido desistisse e fôssemos embora dali. Eu preferia perder tudo, menos meu marido, filhos ou minha própria vida. Muito desesperada continuei a orar, até que aos poucos fui me acalmando...



Crime hediondo

As 24 horas haviam passado e nada de João ceder. Apesar das orações, eu continuava inquieta, angustiada, temendo algo terrível que não sabia o que era. O fim da tarde chegou e, como ninguém apareceu, João disse:

– Está vendo como fizemos bem em não sair? Eles desistiram. Não se pode brincar assim com a Justiça. Somos honestos.

– Sei não, homem, Gustavo não é de brincadeiras. Não acredito que esse homem vá desistir tão fácil.

Fomos nos alimentar e o tempo passou. No meio da noite ouvimos o trotar de vários cavalos. Falei sobressaltada pelo medo:

– São eles, vieram nos expulsar. Pelo amor do Cristo, não reaja com violência.

João abriu a porta e tanto o capataz da fazenda como mais três homens com latas nas mãos e armas na cintura, nos olharam com cinismo. O capataz disse sorrindo:

– E então, João, vai ou não sair desta casa?

– Não vou, e se tentarem entrar eu atiro.

João mostrou a espingarda e rapidamente dois homens desceram dos cavalos e foram se aproximando lentamente. João, nervoso, bradou:

– Não se aproximem mais ou eu atiro!

O coitado do meu marido mal teve tempo de terminar a frase e os homens avançaram sobre ele com uma fúria descomunal desarmando-o. João ainda tentou agredi-los com socos e pontapés, mas eles eram muito mais fortes e logo meu marido estava no chão caído. Meus filhos, assustados só faziam chorar. Quando a luta acabou, o capataz ordenou:

– Viemos com ordem do sr. Gustavo para tocar fogo na casa. Achamos que não

íamos mais encontrar ninguém aqui, por essa razão, saiam da frente, esta casa será destruída.

Não consegui mais me conter e gritei:

– Pelo amor de Deus, não façam isso. Prometemos sair ainda esta madrugada, mas não precisam destruir a casa. Tenham piedade.

– Nem mais um minuto, minha senhora. Se quiserem pegar suas trouxas entrem logo, pois daqui a pouco o fogo vai consumir tudo. O dr. Gustavo quer as terras, esta casa para ele não serve para nada.

Com esforço, João levantou-se e com voz que o sofrimento entrecortava tomou uma decisão:

– Pois botem fogo na casa, mas será comigo dentro. Daqui só saio morto.

Meus filhos também disseram:

– É isso mesmo, pai, estamos com o senhor. Se quiserem colocar fogo terão de nos matar e vão para a cadeia.

O capataz gargalhou:

– E você acha que um rapaz milionário como o sr. Gustavo vai para a cadeia? Cadeia é coisa de pobre. Andem, saiam daí.

Não adiantou. João e meus dois filhos entraram na casa sob meus gritos agudos e desesperados:

– Não faça isso, João, volte. Temos a Daniele para criar, não posso ficar sozinha no mundo. Eu o amo, vamos embora daqui e construir uma nova vida.

Ele simplesmente gritou lá de dentro:

– Vá embora com Daniele se quiser, mas daqui não saio nunca mais. Meu orgulho é mais forte. Se vou perder tudo, prefiro morrer.

– Não!!

Eu gritava desesperada enquanto os homens derramavam querosene por toda a

casa e arredores.

Logo o fogo foi consumindo tudo, e eu, parecendo enlouquecer, gritava feito louca com Daniele chorando também e chamando pelo pai e irmãos. Minha dor foi ainda maior quando pude ao longe, e em meio ao crepitar do fogo, ouvir os gemidos daqueles que mais amava no mundo morrendo queimados, inocentes, enganados e vítimas da ambição de um homem asqueroso e cruel.

Naquele momento um ódio surdo, imenso, descomunal, como eu nunca havia sentido na vida por nada nem ninguém, brotou em meu peito. Ali mesmo, na frente daqueles homens e da casa em chamas, jurei que viveria, eu e minha filha, para nos vingarmos de Gustavo e sua mulher onde quer que eles estivessem.

Os homens já estavam indo embora quando um deles me olhou e disse:

– Apesar da teimosia do seu marido tenho pena da senhora e dessa sua menina aí, que não tem culpa de nada. Tome isso para que possa viajar e encontrar sua irmã.

O homem me deu um pequeno maço de notas que, naquela situação, eu não poderia recusar. Assim, fiquei sozinha com minha filha. Olhei ainda as labaredas e jurei mais uma vez:

“Um dia vou matá-lo, seu monstro. Você e essa sua mulher ambiciosa que o ajuda em tudo. Juro por este céu que está sobre minha cabeça.”

Virando-me para Daniele, enxuguei ainda algumas lágrimas que escorriam de seu rostinho inocente por presenciar aquela cena horrível e disse:

– Vamos, filha. Tomaremos esta estrada, pediremos abrigo na casa da Alzira e amanhã vamos procurar sua tia.

– Papai e meus irmãos morreram queimados, mamãe. Que coisa triste.

– Tudo por causa de um homem mau. Um dia nos vingaremos dele e você vai me ajudar, está certo?

– Sim, mamãe. Quero que ele morra assim como papai morreu.

Pusemo-nos na estrada e logo encontramos a humilde casa onde Alzira morava

com o marido Pedro e sua pequena filha Gabriela. Pedimos abrigo e quando contamos o que aconteceu eles estancaram perplexos. Alzira contou:

– Nós vamos também vender nossas casas e terras para ele amanhã e por um preço que não é nem a metade. Não vamos enfrentá-lo para não termos o mesmo fim de vocês. Soubemos que ele quer comprar tudo por uma ninharia para depois vender por preço altíssimo e fazer sua carreira de advogado em São Paulo.

– Maldito! Onde quer que esteja, vou encontrá-lo.

– Acha mesmo que conseguirá se vingar?

– Tenho certeza!

– Fazendo isso estará se vingando por todos nós. Esse homem e sua mulher são dois monstros.

Pernoitamos lá e na manhã seguinte pegamos carona para a cidade. Ao chegar à casa de Soraia desabei num pranto sofrido, contei-lhe tudo e ela, ao final incentivou-me:

– Está certa em se vingar e eu vou ajudá-la. Meu marido juntou um bom dinheiro e está pensando em ir embora para São Paulo. Certamente saberei o paradeiro do Gustavo e de Rebeca e vou mantê-la informada.

– Faça isso por mim. Mas agora preciso de sua ajuda. Sei que seu marido tem dinheiro e eu também tenho dinheiro no banco numa conta conjunta com meu marido. Vou tirar tudo e se seu marido puder me emprestar mais, vou embora daqui, comprarei um pequeno sítio e viverei para minha vingança.

– Mas como pensa em se vingar?

– Esta noite não dormi pensando nisso. Meu ódio é tanto que nem consigo chorar pela morte dos meus filhos e do João. Sei que só serei feliz no dia em que matar Rebeca e Gustavo.

– Mas você pode contratar um jagunço, pagar bem e pedir que ele os mate. É mais fácil e mais barato.

– Não posso fazer isso. Não se pode confiar em jagunço. Não posso correr o

risco de ser presa e minha filha ficar sem mim.

– Tem razão. Mas não vejo outra forma de você matá-los sem contratar alguém.

– Primeiro preciso ir embora daqui, ter um lugar pra morar. Depois penso no que fazer.

Assim que o marido voltou do trabalho, Soraia o colocou a par de toda a situação e ele, enraivecido e nervoso, deu-me até mais do que eu precisava. Foi assim que vim para Parnamirim, comprei este sítio e me dediquei até hoje à vingança. Minha irmã muito ajudou, pois me manteve informada. Descobri que Gustavo se safou das mortes por alegar que não havia mandado matá-los, mas que eles ficaram lá por conta própria, o que foi facilmente provado. Abriram ainda um processo contra os capatazes de Gustavo, mas que, por influência dele não deu em nada e todos saíram livres. Poucos meses depois, ele vendeu tudo por preço exorbitante e foi para São Paulo, onde mandou construir aquela luxuosa mansão, montou um fino escritório de advocacia com o tio, que já era famoso, e em pouco tempo tornou-se um dos melhores e mais requisitados criminalistas do país. Mas estou vingada, certamente hoje os dois estão queimando nas chamas do inferno.

Confesso que se não fosse por Soraia, que foi morar no mesmo bairro que eles com o enriquecimento do marido, tudo seria mais difícil. Mas assim que ela chegou lá e conseguiu fazer amizade com eles, vi minha chance chegar. Preparei Daniele para que chegasse como uma desmemoriada na frente da casa de Gustavo, justamente no dia em que o filhinho deles ia para uma reunião espírita. Soraia me contava nas cartas que eles tinham mania de fazer caridade e até haviam acolhido outras pessoas estranhas dentro da casa só para ajudar. Disse-me que Conrado era uma pessoa boba, fazia tudo para ajudar os outros e assim foi fácil armar nosso plano, que deu certo. Imagina, Conrado, o bonzinho, chegando de um estudo religioso e vendo uma moça linda, chorando, roupas rasgadas, suja e sem memória na porta de sua casa! Era a armadilha mais que perfeita! Como as pessoas são ingênuas!

***

Raquel parou a narrativa e gargalhou alto. Quanto mais gargalhava, mais seu corpo tomava a forma de cobra. Quando passou a crise de riso, Marilda, que a tudo ouvia com caridade e atenção, falou:

– Bem, você já me contou sua história e quero lhe dar algumas opiniões, será que posso?

– Sim, já que me ouviu, pode sim.

– Será que foi mesmo certo você ter se vingado?

Raquel alterou a voz:

– Mesmo depois do que lhe contei você ainda acha que fui errada?

– Eu não acho nada, apenas fiz uma pergunta e quero fazer outra. Você está feliz, leve, serena e em paz depois de conseguir o que queria?

Raquel pareceu não querer responder àquela pergunta. Demorou um pouco e disse:

– Para ser sincera, não. Minha vida ficou vazia e sem objetivos. Já não vejo mais graça em acordar, alimentar-me, cuidar da roça. Estou pensando que é depressão.

– Não é depressão, Raquel. Essa é a sensação de todos os que se vingam. Quem comete vingança não consegue ser feliz, pois a felicidade está em perdoar e não em se vingar.

Os olhos de Raquel encheram-se de lágrimas. O que Marilda dizia talvez fosse certo. Ela não andava nada bem naqueles dias. Seu coração batia descompassado e dava uma pontada aguda de dor. Contudo, não cedeu:

– Por mais que você fale, nunca vou me arrepender do que fiz. Qualquer pessoa faria o que fiz e ponto final.

Marilda comentou com calma:

– Lembra-se do nosso trato? Você me contaria sua história e eu iria lhe contar outra? Quer ouvir agora?

– Sim, não sou mulher de fugir de tratos.

– Então, preste atenção.

Marilda fez sinal a Francisco, que continuava no ambiente, e ele, com gestos de mão, plasmou um grande monitor na parede. Raquel achou esquisito e perguntou:

– O que é isso?

– É que, enquanto eu for contando a história, as imagens serão passadas nesta tela. Preste atenção.

Raquel, intrigada, começou a olhar para a tela, que se iluminou ao mesmo tempo em que Marilda começou a contar...



A outra história

Tudo aconteceu em 1743, precisamente no Arraial Santa Rosa de Lima, época em que a mineração em Minas Gerais estava no auge e os contratadores precisavam ter mãos de ferro na contenção dos abusos dos escravos e no contrabando das pedras preciosas, que acabavam por escapar indo para outro destino que não Portugal.

O arraial era um dos grandes produtores de ouro, mas naquele momento a população estava preocupava com os diversos crimes que estavam acontecendo havia meses. Corpos nus apareciam mortos, jogados pelas vielas e ruas, sempre no início da manhã, cuja causa ninguém conseguia saber, por mais que tivessem tentado.

Os corpos apresentavam pequenas perfurações na garganta e quase nenhuma gota de sangue, o que levou o povo a suspeitar de bruxaria.

Naquela manhã, a pequena igreja de Santa Rosa de Lima estava agitada. Finalmente, o inquisidor, monsenhor Maurílio, havia chegado para investigar mais a fundo o caso e punir os culpados com todo o rigor que o Tribunal do Santo Ofício impingia àqueles que cometiam heresias e pecados contra a Igreja.

Naquele tempo, a comitiva da Inquisição estava de passagem pelo Brasil e assim que a beata Raquel ficou sabendo, juntou-se ao padre Lúcio e encaminhou um pedido aos superiores solicitando que enviassem um de seus representantes de imediato ao arraial.

Raquel era uma fanática religiosa, que vivia sempre com o padre, esmerando-se na arrumação da igreja, cuidando de tudo, principalmente do zelo à moral e aos bons costumes de quem vivia ali. Nada passava despercebido ao seu olhar de águia. Várias foram as denúncias feitas por ela de maridos que traíam a esposa, mulheres em adultério, moças que perdiam a virgindade antes do casamento, relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo e tudo o que em sua visão era pecado e imoralidade aos olhos de Deus.

Quase todos do arraial a odiavam, mas temiam fazer algo contra ela, pois como

mulher de João Cabral, o sargento-mor, comandante da milícia, tornava-se uma pessoa inatingível, pois ninguém queria se meter com o sargento.

O casal Raquel e João tinha três filhos: Jackson, Jair e Daniele. Os mais velhos já serviam à milícia local, enquanto Daniele, linda, educada e prendada, aguardava o momento certo para se casar com Conrado, o grande amor de sua vida e filho de uma família nobre chegada havia alguns anos ao arraial, vinda de Portugal em busca da saúde do genitor, que tinha problemas nos pulmões e buscara os ares do Brasil para se curar.

Contudo, de religiosa, Raquel tinha só a aparência. No íntimo, ela e o marido eram extremamente malévolos e sentiam prazer mórbido em ver o sofrimento alheio.

Assim que as pessoas pediram a bênção do inquisidor e foram saindo, ela teve a oportunidade de ficar sozinha com ele na sacristia e, olhando-o profundamente, comentou:

– Graças à virgem que o senhor chegou. Já não aguentamos mais esses acontecimentos aqui em nosso pequeno e santo arraial. O que o senhor pretende fazer para descobrir os culpados? A milícia até agora nada conseguiu.

Monsenhor Maurílio era um homem branco, de cabelos e olhos castanhos escuros, de rara beleza e, mesmo com todos os paramentos, podia-se notar que tinha um físico atlético e bonito. Contudo, a maldade que se via em seus olhos tirava-lhe toda a beleza. Ele respondeu à pergunta com maestria:

– O que um inquisidor não consegue? Vamos fazer uma lista de suspeitos e interrogaremos um a um. Temos métodos de tortura que fazem qualquer culpado confessar sua culpa. Será fácil saber quem são os feiticeiros que atormentam este lugar.

Raquel olhou para a mesa que estava à sua frente e viu inúmeros objetos de ferro que ela desconhecia. Pegou um, semelhante a um alicate, e perguntou:

– Para que serve isso?

Com sorriso diabólico, o monsenhor respondeu:

– É um instrumento que usamos para tortura. Esse serve para arrancar as unhas

dos culpados que estão resistindo à confissão.

Raquel se arrepiou. Já ouvira comentários sobre a Inquisição e sabia como eles eram cruéis. Impressionada, resolveu não perguntar para que serviam os outros apetrechos. Notando o ar assustado de Raquel, monsenhor Maurílio retorquiu:

– Não precisa se preocupar. Isso só é usado para os hereges, os pecadores renitentes que não querem mudar e se converter ao nosso senhor Jesus Cristo. A senhora me parece uma santa mulher, não deve ter pecados.

Raquel corou:

– Tento não ter, monsenhor. Por esse motivo, rezo muito e sou fiel à virgem.

Naquele momento, uma freira um pouco mais jovem que o monsenhor, rosto falsamente contrito, entrou no recinto.

– Desculpem interrompê-los, mas gostaria de avisar ao monsenhor que é hora de descansar. Amanhã teremos um longo dia pela frente e o senhor precisa estar bem.

– Oh! Desculpe, monsenhor – desculpou-se Raquel fingindo envergonhar-se. – Sei que necessita se alimentar e fazer a sesta. Amanhã retornarei com a lista de pessoas suspeitas. Com sua licença.

Assim que Raquel se retirou, irmã Verônica olhou para monsenhor Maurílio e disse:

– O padre Lúcio reservou os nossos aposentos aqui mesmo na igreja. Há dois quartos grandes anexos à sacristia preparados para nós. Já avisei que vamos descansar a tarde inteira e só começaremos nossos trabalhos amanhã pela manhã.

– Fez bem, irmã Verônica. A viagem me deixou exausto!

A freira aproximou-se do monsenhor dizendo com voz sensual:

– Sei muito bem como fazê-lo descansar...

– Aqui não! É perigoso. Vamos deixar para quando tivermos certeza de que estamos sozinhos.

– Dois dias de viagem, sem podermos ter um ao outro está sendo muito duro.

– Acalme-se. Em breve poderemos recuperar esse tempo.

Os dois saíram e foram procurar o padre Lúcio, que os convidou para o almoço. Algumas horas mais tarde, os dois religiosos já estavam sozinhos no quarto.

Não passou despercebido para Raquel um possível envolvimento entre o inquisidor e a jovem freira. Ela era muito observadora e percebera que os olhos de monsenhor Maurílio brilharam estranhos quando a religiosa apareceu. Tinha quase certeza de que eram amantes e isso poderia lhe render um bom lucro. Foi para casa, dispensou a mucama e assim que terminou o almoço e seus filhos foram fazer a sesta, ela chamou o marido dizendo:

– Senhor meu marido, tenho algo a dizer que pode mudar nossa situação para melhor.

– Como assim? Nossa situação é ótima.

– Não é o senhor que vive querendo possuir mais ouro, terras, casas e construir um castelo para mim, assim como o contratador João Fernandes construiu para a escrava Xica da Silva?

– Isso é sonho, mulher. Nunca conseguirei.

– Pois eu sei de uma maneira – segredou Raquel com ares de malícia.

– Qual? Pensa em furtar alguém?

– Nada disso. Deixe-me explicar. – Fez pequena pausa e continuou: – O inquisidor, monsenhor Maurílio, chegou e em breve descobrirá os culpados pelos atos de bruxaria acontecidos aqui. Você sabe que quando alguém é preso e morto pela inquisição todos os seus bens são confiscados e ficam para a igreja. Já imaginou que essas pessoas bruxas podem ser ricas e ter muito dinheiro?

– E daí, mulher? O que vamos ganhar com isso?

– É que o monsenhor trouxe consigo uma freira que lhe serve de ajudante e pelos olhares que ambos trocaram tenho certeza de que são amantes.

João corou:

– Você enlouqueceu?

– Não, eu sou muito esperta e sei o que digo. E se eu puder provar isso posso chantagear o inquisidor pelo crime da fornicação e de toda riqueza que ele conseguir metade poderá ser nossa.

– Não é à toa que é minha mulher. Isso seria o caminho para nossa riqueza. Mas e se os feiticeiros forem pessoas pobres?

Os olhos de Raquel brilharam ainda com mais malícia:

– Não é preciso que ele descubra as pessoas certas, podemos jogar a culpa em uma família milionária daqui e tudo estará resolvido.

– Que família? Todos são nossos amigos e vivem nas mesmas condições que nós.

– Esqueceu-se da família de Conrado, noivo de nossa filha? Eles são novos por estas bandas e muito ricos. Podemos dizer que fazem rituais de bruxaria.

– E como você conseguirá provar?

– Deixe comigo. Ainda hoje descubro se o inquisidor comete o pecado da luxúria e o resto será mais fácil.

João beijou a mulher e foi fazer sua sesta, deixando Raquel concentrada na sala planejando seus crimes sem saber que estava sendo ajudada por espíritos das trevas que a acompanhavam ao longo de muitas encarnações.



Chantagem e falso testemunho

Após pensar bastante, Raquel dirigiu-se à cozinha onde a escrava Adelita lavava a louça do almoço. Adelita era uma negra maneirosa, forte e confidente de sua patroa. Não foram poucas as vezes que a ajudara na delação dos pecaminosos do arraial. Raquel aproximou e chamou-a a um canto:

– Adelita, preciso de um novo favor.

– Sim, minha sinhá. O que quer desta vez?

– Deixe de me chamar de sinhá quando estamos sozinhas, somos amigas e cúmplices.

O sorriso de Adelita se abriu mostrando seus dentes alvos e bem enfileirados.

– Então, o que quer?

– Sei que você faz parte de uma seita que cultua os deuses do inferno, não é?

– Não são deuses do inferno, são os inkices.

– Seja como for, quero que roube algum objeto que vocês usam em seus rituais e o traga para mim.

– Para quê? – indagou a escrava curiosa.

– O inquisidor chegou hoje ao arraial e preciso incriminar uma pessoa como feiticeiro. Você pega o objeto e depois daremos um jeito de colocá-lo dentro da casa. Assim será fácil a condenação.

Adelina continuou curiosa.

– A senhora quer mais alguma coisa com essa pessoa, além de incriminá-la, não é?

– Isso mesmo, Adelita. Vamos incriminar uma família rica e tudo o que for deles

será nosso. Prometo que se tudo der certo saberei recompensá-la. Dar-lhe-ei a carta de alforria e muito dinheiro para que viva bem e longe daqui com o escravo Tonho.

Os olhos de Adelita brilharam de cobiça.

– Tudo bem, senhora. Hoje à noite, após o culto, trarei o que me pede.

Raquel saiu da cozinha e foi com ansiedade que esperou a noite chegar. Assim que o marido e os filhos chegaram a casa e jantaram, e ela disse:

– Preciso lhes falar. Já tenho todo o plano.

Nem Jackson, nem Jair sabiam de nada e ela teve de contar toda a história. Finalizou:

– Como zeladora da igreja, tenho uma cópia da chave do quarto que foi reservado para o inquisidor e a freira. Será fácil abrir a porta e flagrá-los. Mas você, meu marido, terá de vir comigo, e um dos nossos filhos também. É bom que tenhamos mais testemunhas. E é bom que estejam armados, de repente eles podem ter armas e atentarem contra nós.

Jackson sugeriu:

– Será bom irmos todos, assim temos mais garantias.

Raquel concordou:

– Muito bem. Vamos esperar a noite descer um pouco mais. É nessa hora que os pecadores se entregam a práticas abomináveis.

João, com os olhos brilhantes de orgulho e cobiça, cada vez mais admirava a inteligência da mulher.

As horas foram passando e quando chegou o momento os quatro saíram em direção à igreja. Havia um silêncio aterrador e Raquel foi abrindo as portas com extremo cuidado para que não fossem percebidos.

Mas ela nem precisava ter esse cuidado. Como havia imaginado, naquele momento monsenhor Maurílio e irmã Verônica se amavam. Fazia dias que eles

não tinham nenhum contato por conta da longa viagem e estavam desejosos de recuperar o tempo.

Raquel e o restante ouviram os ruídos vindo do quarto e, vagarosamente, ela girou a fechadura. Surpreendido e atônito, monsenhor Maurílio, pálido, só conseguiu balbuciar:

– O que está acontecendo aqui?

Raquel olhou-o com altivez e disse:

– O que está acontecendo? Vocês foram flagrados por nós em pleno ato de fornicação. Eu desconfiei e vim investigar. Não é que estava certa?

Completamente desorientado, monsenhor Maurílio não sabia o que dizer, apenas vestia as roupas mecanicamente enquanto irmã Verônica, já composta, tomou a palavra:

– O que a senhora quer para ficar calada?

Raquel vibrou de alegria. Estava tudo saindo como ela desejava. Resolveu jogar:

– Eu, meu marido e meus filhos não queremos nada. Vamos denunciá-los para o bispo e serão os próximos a morrer pelas torturas da Inquisição.

Monsenhor Maurílio, vendo que estava perdido visto o tanto de testemunhas que os flagraram, suplicou:

– Não faça isso. Faremos o que quiser, mas deixe-nos livres.

Raquel pareceu pensar, depois disse:

– Amanhã, como combinado, trarei o nome suspeito pelos crimes de bruxaria acontecidos aqui no arraial. Tenho provas de que é uma família bastante rica. Assim que forem condenados e mortos quero toda a fortuna que lhes pertence. Ou isso, ou os delato.

– Mas isso é impossível, senhora. O que vou dizer aos meus superiores?

– O senhor deve ter uma mente muito boa para inventar uma ótima desculpa.

Diga que resolveu doar tudo para a Igreja de Santa Rosa de Lima.

– Mas o padre Lúcio não vai concordar em repassar tudo para a senhora.

– Deixe o padre Lúcio comigo. Pensa que ele é santo também? É como o senhor e essa aí, e tem um romance com uma senhora viúva daqui do arraial. Falarei com ele e se não aceitar eu o delato também.

Maurílio percebeu que estava lidando com uma serpente extremamente perigosa. Resolveu ceder, pois seu último desejo era morrer na fogueira, punição aplicada a religiosos que tinham amantes naquela época. Por essa razão cedeu:

– Tudo bem, faça como achar melhor. Amanhã traga aqui os nomes dos criminosos.

Raquel e os demais saíram vitoriosos, deixando Maurílio e Verônica desolados.

– Eu falei para você se conter. Aqui não é o convento do Vêneto, onde ficamos totalmente à vontade sob a proteção do bispo Ricardo. Agora deu no que deu.

Irmã Verônica o tranquilizou:

– Não precisa se preocupar. Amanhã ou depois resolveremos a questão da bruxaria e vamos embora. Foi um erro ter vindo a este lugar.

Os dois voltaram a se deitar, mas ficaram em silêncio. Cada um imerso no próprio pensamento.

***

Ao chegar a casa, todos comemoraram o sucesso do plano, mas Jackson lembrou:

– Estaremos incriminando a família de Conrado, noivo de nossa irmã. Ela está apaixonada e só fala no dia do casamento.

João cortou-o com rispidez:

– Daniele é moça e ainda vai encontrar muitos pretendentes melhores que ele na vida. E entre uma ilusão boba de sua irmã e uma fortuna incalculável, o que você prefere?

Jackson, olhos brilhantes de cobiça, respondeu:

– A fortuna, claro!

Todos riram baixinho para não acordar Daniele, que dormia a sono solto. Quando os homens se recolheram, Raquel dirigiu-se ao pequeno quarto dos fundos onde Adelita dormia e bateu na porta. Ela abriu e foi logo dizendo:

– Já tenho o que a senhora pediu.

– O que conseguiu? Tem de ser algo que não deixe dúvidas.

– Olhe só isto aqui.

Adelita foi retirando uma grande ânfora de dentro de um saco e mostrou a Raquel. Ela se arrepiou. A ânfora era pintada em cor laranja e com dois desenhos de satanás, um de cada lado. Era mais do que suficiente. Curiosa perguntou:

– Como conseguiu isso? Por acaso em vez de inkices vocês cultuam o demônio?

– Não, senhora. É que em nosso grupo há um escravo que cultua seres das trevas e tem vários objetos que esconde muito bem dentro da mata. Pedi que fosse buscar um e ele trouxe este. Não é uma maravilha?

Raquel tinha medo daquelas coisas e estava arrepiada, mas tinha de concordar que não poderia ser coisa melhor.

– Agora peça ao Tonho para colocar isso na casa de Gustavo e Rebeca. De preferência no quarto. Por sorte esse seu amante é escravo deles.

– Pode deixar. Farei isso assim que o sol nascer, hora que o encontro à beira do rio.

Raquel foi para o seu quarto, certa de que seu plano daria certo. Em pouco tempo adormeceu, sem ver que entidades satânicas a observavam criando planos para seu futuro.

***

Pela manhã, Raquel foi à igreja e na frente de outras beatas e do padre Lúcio afirmou:

– Tenho de fazer uma denúncia ao monsenhor Maurílio. Esta noite descobri quem são os feiticeiros responsáveis pelas mortes no arraial.

– De quem se trata? – perguntou friamente Maurílio. – Precisamos puni-los.

– É a família Albuquerque. Mais precisamente Gustavo, Rebeca e seu filho Conrado. Tenho provas concretas de que eles cultuam satanás.

Padre Lúcio parecia incrédulo:

– Não pode ser, são pessoas de bem, honestas e tementes a Deus. O jovem Conrado acabou de entrar para a milícia e vai se casar com sua filha.

– Foi por isso mesmo que descobri, senhor padre. Pedi que um escravo investigasse e ele descobriu apetrechos na casa que só pode ser coisa de feitiçaria.

– E como a senhora confia na palavra de um escravo? – perguntou Maurílio para deixar ainda mais verídica a acusação.

– Como todos sabem, além de zelar pela moral e bons costumes daqui, minha filha está noiva de Conrado, eu tinha de investigar; afinal, era o futuro dela. Aproveitei que minha escrava de dentro tem um conluio com um escravo deles e pedi que averiguasse.

Monsenhor Maurílio, mesmo sabendo da farsa, disse:

– Precisamos ir imediatamente até essa casa. Agora.



O bem: a única verdade da vida

Foi fácil para monsenhor Maurílio achar a ânfora demoníaca escondida no quarto do casal Gustavo e Rebeca. Não adiantaram rogos, pedidos de clemência, afirmações de inocência, choros desesperados. Toda a família foi presa e forçada a confessar a mentira de que eram feiticeiros. Isso só aconteceu depois de muitas horas de interrogatório, quando Gustavo, Rebeca e Conrado, amarrados por fortes correntes e tendo as unhas dos pés e das mãos arrancadas com alicate, sem conseguir mais suportar tanto sofrimento, disseram o que eles queriam ouvir.

Os três foram amarrados a grandes toras de madeiras, colocados no centro da pequena e abafada praça do arraial e, na presença de todos, queimados vivos.

Assim que as labaredas começaram a subir e os três desmaiaram por conta da inalação da fumaça, o espírito deles foi retirado do corpo por entidades luminosas e os três foram levados a uma colônia de recuperação e paz no plano espiritual, onde permaneceram dormindo por largo período.

Felizes e ricos, após chantagearem também o padre Lúcio, Raquel, João e os dois filhos comemoraram bastante. Só Daniele, desiludida pelo fato de o noivo ser um feiticeiro e tê-lo perdido para sempre, ficou reclusa no quarto, até que mais tarde tomou a decisão de se encerrar nas frias paredes do Convento das Carmelitas.

Para Raquel e sua falsa beatice, foi motivo de honra ter uma filha freira e longe do mundo pecaminoso.

Logo o inquisidor e sua amante foram embora do arraial, mas os crimes continuaram. A cada semana um novo corpo nu e sem sangue aparecia pelas ruas, sem que ninguém tivesse explicação para o ocorrido. Raquel, contudo, criou a história de que certamente Gustavo e Rebeca teriam outros seguidores no arraial e a seu tempo seriam descobertos, presos e mortos, assim como eles.

O tempo passou e um a um dos envolvidos desencarnaram. Assim que deixaram o corpo, vítimas da peste negra, João, Raquel, Jackson e Jair foram atraídos para uma zona purgatorial do mundo espiritual, onde sofreram toda sorte de dores.

Eles julgavam estar atirados às penas eternas, sofrendo eternamente no fogo do inferno. Além de tudo, não se arrependiam, o que lhes dificultava o resgate pelas equipes socorristas do bem.

A situação ficou pior quando o chefe daquela zona descobriu o eles tinham feito e resolveu castigá-los. Passou-lhes no perispírito uma substância semelhante ao álcool e fez com que as labaredas subissem. Então eles passaram a correr pelo umbral com o corpo chamejante, sentindo queimar até os ossos, mas o corpo deles não se decompunha, e o suplício do fogo não os deixava em paz um instante sequer. Além de tudo, eram perseguidos por monstros em formas de dragões que os seguiam por toda parte.

Do plano maior, Rebeca, Gustavo e Conrado viam tudo com muita pena. Naquele momento, eles já haviam perdoado e sabiam que necessitariam de uma nova encarnação para poderem se harmonizar mutuamente. Mas não havia como ajudá-los.

Auxiliados pelo espírito luminoso de Sofia, alma abnegada e amorosa que os orientava no astral, conseguiram ter a paciência necessária para esperar quase dois séculos, tempo em que, finalmente, arrependidos e cansados de sofrer, os culpados pediram ajuda e oraram a Deus. Foram socorridos.

Antes do reencarne houve uma reunião em que João, Raquel e os dois filhos, apesar de terem se recuperado pela ação dos médicos daquela colônia, não estavam totamente lúcidos. Daniele também estava entre eles, mas lhes guardava muito rancor, culpando-os pela sua infelicidade amorosa e pelos sofrimentos passados no convento das carmelitas. Conrado vivia no mundo espiritual sua relação de amor com Daniele, coisa que não pôde viver na Terra. Ele dizia:

– Perdoe sua família, meu amor. Sabe que deverá renascer entre eles, e se renascer com ódio no coração será muito mais difícil a harmonização.

– Não consigo perdoá-los. Está além das minhas forças. Principalmente minha mãe, que foi a mentora de tudo.

Conrado se calava e orientado por Sofia orava muito para que aquele ódio se dissipasse. Quando chegou a hora, tudo lhes foi explicado:

– Gustavo e Rebeca dizem ter perdoado Raquel e sua família. Mas isso aconteceu aqui onde a vibração é de amor e paz facilitando o entendimento.

Terão de voltar à Terra e é lá que vão provar se perdoaram verdadeiramente. A vibração terrestre é pesada e densa, favorecendo que nossos pontos negativos voltem à tona. Mas isso é necessário, pois só vencendo a tentação do mal é que podemos dizer com certeza que evoluímos. Rogaremos ao pai para que de fato tenham perdoado, pois serão colocados à prova e nessa hora o livre-arbítrio vai lhes ditar as ações.

Sofia parou um pouco, olhou para a família de Raquel, e disse:

– Foi a mente pobre de Raquel e de seus familiares que os levaram a cometer tantos crimes para obter riqueza. A prosperidade é um estado mental e quem a tem jamais vai usar de crimes para consegui-la. A pobreza mental que ainda mantêm vai levá-los a renascer em ambiente pobre e, sofrendo dificuldades, poderão até prosperar um pouco levando uma vida digna, mas jamais conseguirão a riqueza, pois com a mente que têm fatalmente cairiam em abismos ainda mais profundos.

“As leis do destino farão com que todos se reúnam no mesmo lugar para que possam, esquecidos do passado, se entender e se perdoar. Gustavo terá a chance de escolher se vingar pelo mal que recebeu ou perdoar e passar adiante. Já Raquel, com a vida pobre e dificultosa, aprenderá a dar o verdadeiro valor às coisas materiais que são muito boas, mas que só proporcionam felicidade ao homem quando ele as consegue de maneira justa e pelo próprio suor.

“Sabem que correm o risco de serem mortos por Gustavo e Rebeca e se isso acontecer, aprenderão a lição do perdão e darão um passo a mais na senda evolutiva. Vou com vocês para dar suporte a Conrado e Daniele, que deverá aprender a gostar da mãe perdoando-lhes os erros. Para Daniele haverá também uma possível prova em que deverá escolher o próprio destino: tornar-se novamente uma assassina como na vida em que matou o padre Rafael, envenenado no convento, ou se libertar dos sentimentos negativos e evoluir.

“Como podem ver, o destino não existe, mas sim programações. De acordo com a nossa reação a cada desafio que a vida nos manda, estaremos escolhendo como poderá ser nosso futuro. A felicidade ou o sofrimento está inteiramente em nossas mãos. Pena que os homens na Terra não saibam disso e cometam tantas barbaridades, pois na verdade ninguém na Terra nasceu para sofrer, mas para aprender com os desafios por meio da inteligência e do amor.”

Sofia fez singela prece ao Criador e a reunião foi encerrada. Todos foram encaminhados para concluírem seus cursos pré-reencarnatórios e depois um a um voltaram à Terra.

***

Marilda terminou sua história e percebeu que Raquel soluçava sem parar dizendo:

– Deus do céu! Como pude ser tão má, tão tola e infeliz? Perdi minha vida, perdi minha encarnação, tudo por uma vingança totalmente injusta, quando na verdade eu fui a culpada.

Francisco aproximou-se dizendo:

– Toda vingança é injusta, pois não temos condição alguma de julgar o próximo e sempre somos nós, invariavelmente, pelas nossas necessidades de evolução que atraímos todos os fatos de nossa vida. Quem se vinga de uma ofensa não sabe o que está fazendo nem imagina o quanto sofrerá depois pelo remorso ao saber que nunca foi vítima, mas algoz de si mesmo.

Raquel continuava soluçando:

– Por esse motivo me transformei numa cobra, é isso mesmo que sou.

– Não, Raquel – confortou Marilda com sensibilidade e ternura. – Você não é cobra nem nenhum outro animal, você é um espírito lindo criado por Deus. Deixe-me lhe mostrar.

Marilda colocou a mão direita sobre a testa de Raquel, pediu que ela fechasse os olhos e disse:

– Repita comigo: eu sou filha de Deus, meu corpo é perfeito e humano como Ele me fez. Deus me ama e me perdoa sempre, não importa o quanto eu erre. Sou perfeita dentro de meu nível de evolução e me permito ser feliz reparando todo o mal que fiz.

Raquel foi repetindo com tamanha força e emoção que logo seu perispírito voltou ao normal e ela estava com seu corpo humano de sempre, agora mais leve e bonito. Ela abraçou Marilda, emocionada:

– Você foi a solução de minha vida. Eu estava errada e a partir de agora não vou mais me vingar de ninguém. Voltarei ao corpo, ajudarei minha filha a ter o bebê e nos entregaremos à polícia. Essa será a única forma de me sentir bem com minha consciência.

– Esse será o primeiro passo, Raquel. Mas ainda terá de dar muitos outros até reparar tudo, mesmo que seja pelo amor. Aliás, torceremos para que tudo aconteça de forma positiva.

Raquel apertou um pouco mais os olhos e gritou assustada:

– Francisco? Marilda? Vocês foram os pais de Gustavo que morreram misteriosamente. Como não os reconheci?

– Você estava imersa em seus pensamentos destrutivos, por essa razão não nos reconheceu. Mas somos nós, sim. Contudo, nossa morte só foi misteriosa para quem ficou na Terra. Quem nos matou foi nosso próprio filho e sua esposa Rebeca.

Raquel abriu a boca e voltou a fechá-la novamente tamanho o espanto.

Vendo que ela ia comentar, ele fez um sinal para que se calasse e disse:

– Já passou. Jesus morreu não apenas pela mão de um filho, mas de quase todos, e ainda assim perdoou. Quem somos nós para não perdoar também?

Raquel ficou tocada com tudo aquilo e perguntou:

– Por que não mostram essa história ao João e a meus outros dois filhos? Tenho certeza de que se eles conhecerem o passado, assim como eu, esquecerão a vingança.

– Não podemos, Raquel. Seu marido e seus filhos estão totalmente loucos pelo ódio e não estão em condições de saber nada. Eles nem chegariam a compreender, tão cegos estão pela vingança. Um dia, contudo, eles se cansarão do mal e irão voltar-se ao bem. Nessa hora estaremos de braços abertos para

recebê-los.

– Como vocês são bons! Será que um dia serei assim?

– Você já é. Apenas se deixou levar pelas ilusões mundanas. Mas não existe nenhum ser humano ruim de verdade. Deus nos criou simples e bons por natureza. O homem se ilude pela ignorância temporária e cria o mal, mas o bem, que é a única verdade da vida, está dentro dele e um dia vai despertá-lo proporcionando-lhe paz, harmonia e luz!

Raquel tinha ainda algumas perguntas, mas o dia já estava amanhecendo e ela precisava retornar ao corpo. Agradeceu mais uma vez e, encaixando-se no veículo carnal, adormeceu.

Marilda e Francisco, que continuaram mais um pouco ali, iniciaram uma conversa:

– Infelizmente, apesar do planejado, quase ninguém cumpriu os bons propósitos. Gustavo e Rebeca inconscientemente se vingaram de Raquel e sua família e na ânsia de recuperarem a riqueza que perderam na vida passada até nos mataram também.

“Raquel não morreu porque, naquele momento, seu espírito entendeu que ficar na Terra lhe seria o melhor, por essa razão não se entregou ao fogo como João, Jackson e Jair, que fizeram isso levados pela culpa guardada no espírito. Mas, mesmo tendo ficado, Raquel retomou a personalidade má do passado e planejou a vingança, envolvendo Daniele, que mais uma vez sucumbiu à sua tendência assassina.

“Monsenhor Maurílio retornou com Verônica. Assim como foi viciado em sexo na última existência, Maurílio pediu para renascer novamente perto de Verônica pensando agora se disciplinar sexualmente. Foi-lhe concedida a chance, principalmente após sofrer muito e evoluir grandiosamente deste lado. Verônica veio para ajudá-lo e viver o amor que os unia. O sentimento de vazio que ela sentia vinha do passado, quando, como freira, deixou-se usar e abusar por Maurílio, perdendo a própria dignidade e identidade.

“Conrado e Daniele mais uma vez não conseguiram se entender, o que poderá acontecer em breve. Vamos vibrar para que ele a perdoe e possam viver o amor verdadeiro que os une.

“Sofia é um espírito iluminado, seguirá sua vida sempre feliz, como fez até agora.

“Adelita, a escrava que ajudou Raquel na última encarnação, destruindo Gustavo e Rebeca, decidiu que voltaria como Adelina a, empregada deles, para ajudá-los em tudo, assim sanando sua dívida com a própria consciência. Seu empenho foi tanto que pediu aos superiores para não se casar, queria viver apenas se dedicando àquela família. Por essa razão nunca encontrou um pretendente. Após desencarnar, ela vai se reencontrar com o escravo Tonho, que, arrependido e voltado ao bem, aguarda-a.

“Soraia e todos os outros não fizeram parte da vida passada, mas foram atraídos uns aos outros pela necessidade de aprendizagem.”

Marilda parou um pouco, olhou para o homem amado e juntos fizeram uma prece por todos. A partir daquele momento, tudo de fato iria mudar.



Mudança de comportamento

Raquel acordou sentindo-se melancólica. Abriu a janela tosca de seu quarto, olhou a paisagem e pensou: “Que vida sem sentido! Que adiantou ter me vingando, levado a vida inteira planejando um crime se não me sinto feliz nem realizada?”.

Abanou a cabeça para livrar-se daqueles pensamentos, mas não adiantou, continuou pensando: “Pobre Daniele, levou uma vida escondida feito um bicho, nunca foi feliz. Agora que espera o filho com tanta alegria, resolvi vendê-lo. Será mesmo que isso é certo?”.

Naquela hora, parecia que um véu fora-lhe arrancado da mente e ela pensou: “Meu Deus! Vou cometer mais uma loucura. Sei que muito errei e não estou arrependida, mas não posso mais fazer minha filha sofrer. Sempre a amei e ela é tudo o que me resta. Não posso nem vou mais vender meu neto. Chamarei Ernestina para conversar e dizer que desisti de tudo. Não quero mais fazer essa barbaridade”.

Pensando assim, dirigiu-se à cozinha, onde encontrou a filha coando o café. O cheiro estava delicioso e, ao vê-la tão bonita, com a barriga bastante grande, Raquel emocionou-se pela primeira vez. Vendo-a parada na soleira, olhos rasos d’água, Daniele estranhou:

– Mãe, o que faz aí parada? Está sentindo alguma coisa? Acordou doente?

– Não, minha filha. Estava admirando sua barriga. Como você está linda! Até parece eu quando a estava esperando. Lembro-me de que tive uma barriga tão grande que nos últimos meses nem conseguia ver meus pés. – Fez pequena pausa, aproximou-se de Daniele e disse: – Deixe-me passar a mão nela, vamos ver se esse moleque está pulando direitinho aí dentro.

Daniele, instintivamente recuou, lembrando-se do dia em que a mãe havia ferido sua barriga com brasas quentes. Raquel, percebendo o que se passava na cabeça da filha disse:

– Não precisa se preocupar. Não vou lhe fazer mal nenhum. Aliás, nem sei como tive coragem de fazer aquilo. Você me perdoa?

Daniele não estava acreditando naquela mudança súbita de comportamento de sua mãe. O que ela estaria tramando? Contudo, resolveu deixá-la se aproximar. Visivelmente emocionada, acariciava o ventre da filha enquanto dizia:

– Vai ser um lindo bebê. Que Deus o abençoe.

Sem resistir mais, Daniele indagou:

– Mãe, o que deu na senhora? Por que está se comportando de maneira tão estranha? Essa não é você!

– Nem eu mesma sei o que se passa comigo. Só sei que sonhei muito durante a noite, embora não me lembre exatamente do sonho, acordei melancólica, sem estímulo para nada. Comecei a pensar na vida inútil que levei e na injustiça que fiz condenando-a a tornar-se uma assassina. Para quê? O que temos na vida e como será sua vida agora?

Daniele percebeu que a mãe estava sendo sincera. Vendo que ela estava arrependida, sentiu uma emoção muito forte e quando percebeu as duas estavam se abraçando e chorando. Quando a emoção serenou, Daniele disse:

– Vamos tomar nosso café. Acordei cedo, fiz bolo, torradas e...

Antes que a filha continuasse, Raquel cortou-a abrupta:

– Não, não posso comer nada antes de contar a você uma monstruosidade que estava prestes a cometer e que desisti. Você precisa saber.

Daniele ficou nervosa. O que seria?

Raquel contou toda a história da venda do bebê sob o rosto contraído da filha ao ouvir cada palavra. Finalizou:

– Não posso nem quero mais fazer isso. Daqui a pouco irei à casa de Ernestina dizer que desisti de tudo. O que quero mesmo é que meu neto nasça com saúde e viva bem.

Daniele, ainda perplexa, indagou:

– Como a senhora teve a coragem de armar tudo isso nas minhas costas?

– Eu estava movida por um ódio tão absurdo que não raciocinava direito. Perdoe-me, filha. O que importa agora é que ainda dá tempo de consertar. Vou à casa de Ernestina e a farei desistir.

Deixando a filha sem palavras, Raquel selou a sua égua e pôs-se a caminho. Quando chegou à casa da amiga, encontrou com Fátima, toda feliz, exibindo sua barriga falsa e mostrando à mãe mais roupinhas que havia comprado para completar o enxoval do bebê.

Ao ver Raquel em sua sala, Ernestina estranhou e pediu que fossem conversar no escritório. Lá chegando, Ernestina disparou:

– O que aconteceu com Daniele e o bebê? Não vá me dizer que foi uma desgraça!

– Acalme-se, Ernestina, ela e a criança estão bem. Vim aqui por outro motivo.

– Pois diga. Para sair de sua roça e vir até aqui é por algo muito sério.

Raquel não sabia como começar, nem como Ernestina reagiria à sua desistência. Pelo visto, Fátima havia mesmo incorporado o papel de grávida. Uma notícia dessas naquele momento seria terrível. Ao vê-la calada e torcendo as mãos, Ernestina alterou a voz com nervosismo:

– Ande logo, Raquel. O que veio me dizer? Está me deixando nervosa.

– Eu vim dizer que não vou mais lhe vender meu neto. Desisti porque descobri a barbaridade que ia fazer com minha filha, que é tudo o que me resta. O que mais quero é viver feliz ao lado dela e do meu neto. Infelizmente, não posso continuar com esse plano.

Ernestina ficou pálida e calada durante alguns minutos parecendo não acreditar no que acabara de ouvir.

– Você tem certeza do que está me dizendo?

– Tenho. Sei que sempre foi uma boa amiga para mim, e com o sr. Aristóteles ajudou-me em meus momentos de penúria. Mas não posso cometer mais um erro em minha vida. Minha filha não merece esse sofrimento.

– E você acha que a minha filha merece? – esbravejou Ernestina com raiva. – Ela está vivendo um momento único na vida dela. Sem esse bebê tenho certeza de que não vai resistir. Você terá de cumprir o trato.

Raquel levantou-se resoluta:

– Já disse que desisti. Invente uma história, diga a todos que o seu neto morreu no parto, sei lá. Mas infelizmente já contei todo o nosso plano a minha filha e prometi que não mais faria isso.

– Pois terá de me entregar a criança por bem ou por mal.

Raquel se assustou. Nunca vira a amiga falar daquele jeito nem naquele tom.

Ernestina abriu uma das gavetas do escritório, retirou um jornal e pediu:

– Olhe só para este jornal. Reconhece esta moça que está aí na foto?

Raquel empalideceu. Era uma manchete com o caso de Daniele, mostrando-a como a principal suspeita pelo assassinato do casal Gustavo e Rebeca. A reportagem terminava afirmando que ela era uma foragida da Justiça e que certamente ao ser encontrada seria presa, julgada e condenada. Havia uma foto de Daniele, diferente de como estava, mas facilmente reconhecível para quem tivesse convivido com ela.

Ernestina, com ar de vitória, ameaçou:

– Pensa que eu não sabia a verdade? Vocês estão em minhas mãos. Ou me entregam o bebê ou as denunciarei e serão presas. E agora, o que me diz?

Raquel, mesmo pálida e nervosa, apelou:

– Sei que você é boa e jamais teria coragem de fazer isso com a gente.

– Não teria mesmo, se o problema não envolvesse a felicidade de minha filha. Agora é você quem escolhe.

Raquel pensou rápido e teve uma ideia. Para ganhar tempo fingiu se render:

– Tudo bem. A criança será de vocês. Melhor isso do que a prisão. Contudo, nunca pensei que você, amiga de tantos anos, pudesse fazer isso comigo.

– Eu também não. Mas minha filha já sofreu muito e foi você mesma quem sugeriu o plano.

Raquel não ia mais falar nada, já estava saindo, quando Ernestina comentou:

– Sei que a criança está prestes a nascer. Para garantir que você não fuja, a partir de hoje ficarei em sua casa. Claro que não irei sozinha, meu segurança Josemar vai me acompanhar. Pelas contas deve nascer ainda esta semana. Não me custa fazer o sacrifício e ficar lá. Só voltarei com a criança em minhas mãos. Vá seguindo que em poucos minutos estarei chegando.

Raquel saiu da casa e, apressada, esporando a égua para que corresse mais, logo estava em casa. Nervosa, contou tudo à filha, falou de seu plano e finalizou:

– Se quisermos ter felicidade e sossego precisamos fazer isso.

Daniele estava nervosa e tremia muito quando disse:

– Não podemos!

– E temos outra saída?

– Não. Sou obrigada a concordar. Pelo meu filho aceito seu plano.

Meia hora depois, Ernestina e Josemar chegaram.

– O Josemar dormirá no carro e eu quero uma cama decente para dormir, embora eu vá dormir muito pouco, pois preciso estar atenta a qualquer gracinha de vocês.

Raquel e Daniele fingiram concordar com tudo e Raquel cedeu sua cama para Ernestina descansar.

– Avisei a todos lá de casa o que estava acontecendo e afirmei que só chegaria com o bebê nos braços.

A partir daquele momento, Daniele e Raquel precisaram ter todo o controle emocional para que o plano pudesse dar certo. Mas o que Raquel sabia com toda certeza era que Ernestina jamais sairia dali levando a criança.



Mais crimes

Anoiteceu e Raquel convidou Ernestina para tomarem café. Notava-se a repugnância daquela mulher em estar naquele ambiente pobre e desprovido de qualquer luxo, mas como era necessário ela tudo fez para parecer normal, embora não tirasse do semblante a expressão séria e inquisidora, como que a dizer que estava atenta a qualquer reação estranha de Raquel e Daniele.

Ninguém percebeu, mas na xícara de café de Ernestina, Raquel havia colocado um pó e misturado ao líquido. Enquanto Ernestina o ingeria, Raquel disse:

– Vou levar o café do Josemar até o carro. Por que não o convidou para entrar e tomar café conosco?

– Não quero empregados metidos nisso. Já basta ter de revelar a ele o que vim fazer aqui. Se entrar e ficar conosco poderá descobrir que comprei o bebê e não que será doado como lhe disse.

Raquel saiu com a garrafa térmica e um copo onde colocou o mesmo líquido com veneno de rato para Josemar beber. Ficou conversando com ele para se certificar de que beberia tudo, quando Daniele se aproximou:

– Mamãe, a senhora Ernestina a está chamado. Quer acertar alguns detalhes.

Pelos olhos de Raquel passou um brilho estranho de prazer. Aquele era o sinal de que Ernestina havia morrido. O veneno era de ação rápida e em pouco tempo também ambas viram Josemar agonizar e dar o último suspiro.

Rapidamente, Raquel entrou no veículo procurando a mala com o dinheiro que Ernestina trouxera e logo a encontrou. Entraram na casa e, mesmo com o corpo da senhora com a cabeça deitada sobre a mesa, as duas abriram a mala e notaram alegres o volume de notas que havia ali. Não teriam tempo para contar, mas sabiam que era muito dinheiro. Raquel olhou para Daniele e disse:

– Vamos tirar esse dinheiro daqui e colocar dentro de uma sacola. Não podemos viajar com uma mala suspeita como essa.

Rapidamente, ambas pegaram uma grande sacola de tecido sujo e jogaram os maços de dinheiro dentro. Com igual pressa, pegaram todas as roupas e objetos de que poderiam necessitar, fizeram as malas e, quando estava tudo pronto, Raquel ordenou:

– Agora vamos sumir daqui. Ninguém vai nos achar, e quando encontrarem os corpos estaremos longe.

– Mas para onde vamos?

– Vamos para o sul do país. Com o dinheiro que temos será fácil encontrar uma boa casa, documentos falsos, mudança de aparência e tudo o mais que precisarmos para viver em paz para o resto de nossos dias.

Daniele sentiu tristeza. Apesar de saber que tudo aquilo era necessário, só em pensar que estava se afastando cada vez mais de Conrado, seu coração doía imensamente. Raquel, percebendo o que ia do coração da filha, disse:

– É preciso, Daniele. Sei que está sofrendo, mas não temos outra saída. Ou isso, ou a prisão. E vamos andar rápido. O ônibus passa às nove e se não nos apressarmos poderemos perdê-lo.

As duas se vestiram com trajes não usuais e seguiram pela estrada. Passaram pela cidade que estava pouco movimentada e logo chegaram à BR. Às nove em ponto o ônibus passou e as duas entraram. Como estava quase lotado, Daniele ficou em uma poltrona mais à frente e Raquel em outra, mais atrás, com a sacola de dinheiro. Elas iriam para a capital, onde de lá comprariam passagens direto para Porto Alegre.

***

Assim que ingeriu o veneno, Ernestina sofreu um desmaio e, após seu corpo morrer, seu espírito foi se desprendendo vagarosamente e, confusa, não entendeu o que havia acontecido.

O mesmo aconteceu com Josemar que, achando-se ainda encarnado, saiu do

carro e entrou na casa onde encontrou uma cena estranha: o corpo de Ernestina caído sobre a mesa e ela em pé ao lado dele. Pensou estar tendo uma alucinação e gritou:

– O que está acontecendo aqui? Estarei ficando louco?

Ernestina, também confusa, retorquiu:

– Também não sei o que se passa, só sei que tomei o café, caí num sono profundo e estou aqui e ali na mesa ao mesmo tempo. Estaremos loucos?

Eles se dirigiram a Daniele e Raquel chamando-as, mas elas não ouviam de jeito algum. Desesperada, Ernestina gritou:

– O que está acontecendo, meu Deus? Que loucura é essa?

De repente, viram um espírito de capa preta entrar na casa e aproximar-se deles:

– Eu posso lhe explicar, senhora.

Ernestina sentiu um arrepio de horror. Que homem sinistro era aquele? Teve medo e foi recuando, mas o espírito com falsa amabilidade e explicou:

– Não precisa ter medo. Chamo-me Dermival e vim aqui porque senti que precisam muito de ajuda.

– No que pode nos ajudar? – perguntou Josemar desconfiado, pois tinha certeza de que estava lidando com uma pessoa barra-pesada.

– Vocês não sabem o que aconteceu aqui e eu como justiceiro vim ajudar.

– Justiceiro? – perguntou Ernestina assustada.

– Sim. Sou chefe de uma cidade onde vivemos para fazer justiça. As pessoas da Terra constantemente são vítimas de outras, que são desumanas e cruéis. Por essa razão juntei meu povo e sempre que posso ajudo as pessoas a fazerem justiça.

Ernestina continuava sem entender:

– Nunca ouvi falar dessa cidade e não entendo o que quer conosco.

– É que minha cidade fica um pouco longe daqui. Mas antes devo dizer uma coisa que talvez não vai lhes agradar muito. A senhora e Josemar morreram.

Aquela frase soou estranha aos ouvidos dos dois.

– Como morri? – perguntou Ernestina zangada. – Estou mais viva que nunca, deixe de brincadeiras.

– Não está achando estranho ver seu corpo estendido sobre a mesa enquanto a senhora fala aqui comigo e com outro corpo?

Ela não soube responder. Ele virou para Josemar e continuou:

– Siga-me e veja também algo interessante.

Ernestina também o seguiu e quando todos chegaram ao carro depararam com o corpo de Josemar estirado sobre o banco, com um líquido vermelho escorrendo pelo canto da boca. Dermival olhou para ele com vigor.

– Você também morreu, Josemar. Eis a prova.

De repente, parecia que um véu fora arrancado da visão de ambos e, constatando a realidade, eles entraram em desespero. Ernestina questionou:

– Mas como pudemos morrer com tamanha rapidez? Minha saúde estava ótima.

– Vocês foram envenenados por Raquel.

– Envenenados?

– Sim. Vamos voltar para a casa e poderão comprovar.

Eles entraram e observaram Daniele e Raquel aprontando-se para fugir, vestindo roupas diferentes e por fim colocando a pequena fortuna dentro da velha sacola. Dermival explicou que Raquel colocara veneno de rato no café deles, deixando-os enfurecidos.

Ernestina e Josemar iam partir para cima dela quando foram detidos por Dermival.

– Acalmem-se. Por essa razão eu disse que vim aqui para ajudar. O que ela fez

com vocês foi uma injustiça. A senhora é uma boa mulher que só queria o bem da sua filha. Se a chantageou foi porque não queria vê-la sofrer. Mas Raquel é má e perversa. Matou-os sem piedade e ainda a roubou. Imagina agora o que acontecerá com sua família? Um sofrimento sem fim.

Ernestina começou a chorar descontroladamente, imaginando a filha sem o bebê e ainda tendo de suportar sua falta. Josemar também estava desesperado, pois tinha esposa, filhos pequenos e era ele quem os sustentava. Como ficariam a partir de agora?

Captando-lhes os pensamentos, Dermival disse com voz melíflua:

– Se quiserem, podemos fazer com que ela sofra também e não usufrua do dinheiro que lhe roubou. Nada mais justo.

Limpando os olhos com as costas das mãos, Ernestina perguntou:

– E como vamos fazer para nos vingar?

– Eu sei como, mas para isso é preciso que vocês se filiem à nossa cidade. Basta me darem a palavra e faremos um trato. Eu os ajudo e vocês colaboram com nossos trabalhos de justiça. Tudo bem?

Josemar foi o primeiro a dizer:

– Aceito. Tudo o que mais quero é ver essa mulher sofrer. Mas só faço isso se o senhor prometer me ajudar para que minha esposa e filhos não passem necessidade.

– Prometo, sim.

– Eu também aceito e lhe peço que ajude minha família neste momento tão difícil.

– Tudo bem – concordou Dermival sorridente. – O trato está feito. Agora vocês poderão escolher como vão fazer a justiça. Como podem ver, se não fizermos nada, Raquel e Daniele vão viver bem para o resto da vida, gozando do dinheiro que era da senhora.

– Jamais vou permitir – ralhou Ernestina trincando os dentes. – Como podemos

escolher a melhor vingança?

Dermival demorou para responder. Por fim disse:

– Raquel é visada pela nossa comunidade faz muito tempo. É perversa, sem sentimentos, orgulhosa, má. Onde vivemos, procuramos ver quem age assim para que possamos fazer justiça. Não é justo que as pessoas boas da Terra passem por tantos problemas e sofrimentos nas mãos dos ruins. Por esse motivo vocês podem escolher agora. Temos duas opções: ou matamos Raquel e a levamos para ser nossa escrava, sofrendo todas as dores da escravidão, ou plantamos nela uma doença incurável que a faça sofrer muito até que morra.

Ernestina estava admirada.

– Você tem poder para tudo isso?

– E para muito mais. E então, o que escolhem?

– Quero que fique doente e sofra muito – escolheu Josemar.

– Eu também – concordou Ernestina.

– Tudo bem. Podemos plantar nela um câncer agressivo que a devorará em poucos meses. Mas isso pode nos dar problemas e a justiça não sair como o esperado.

– Não entendi. Quer coisa pior que sofrer de um câncer? – admirou-se Ernestina.

– Mas é que existem espíritos que se propõe a ajudar essas pessoas ruins. Durante uma doença, a pessoa costuma pensar muito na vida, rever seus atos e se arrepender do que fez. Se isso acontecer, ela pode se curar, ou quando morrer ser levada por esses outros espíritos a lugares onde não podemos entrar. Então o sofrimento será pouco perto do que ela lhes fez.

Josemar e Ernestina pensaram um pouco e perguntaram:

– Por que esses espíritos fazem isso? Onde já se viu ajudar pessoas ruins?

– É que eles dizem que a justiça pertence a Deus e que não devemos fazê-la com as próprias mãos. Mas isso é conversa fiada. Deus não está nem aí e se não

fizermos nada a pessoa passará impune.

Ernestina e Josemar se deixaram levar pelas palavras enganosas daquele espírito, sem perceber que estavam entrando em um caminho de dor e sofrimento, do qual teriam imensa dificuldade para sair. Totalmente envolvida, Ernestina disse:

– Então preferimos que ela morra e venha logo para cá. Assim a faremos sofrer mais.

– E pela eternidade – salientou Dermival vitorioso.

– Mas como você vai matá-la?

– Deixe comigo. Elas vão viajar, poderia mexer no mecanismo do ônibus ou distrair o motorista fazendo com que o veículo vire e ela morra no acidente, mas tem muitas pessoas viajando que estão protegidas por esses outros espíritos que não me facilitariam a ação. Contudo, tenho um plano infalível. Deixemos que elas entrem no ônibus e na hora certa saberei agir.

– Por que não a mata agora?

– É que para a tarefa que vou fazer preciso concentrar energias, o que demora um pouco. Mas ainda hoje ela também estará morta. Agora, vamos segui-las.

Os três espíritos seguiram Daniele e Raquel por todo o caminho até que entraram no ônibus. Ernestina notou que Dermival fazia alguns gestos com as mãos manipulando uma massa escura com muita concentração. Não ousou interromper e com Josemar aguardou ansiosa o momento da vingança.



Decisão certa

O ônibus seguia seu trajeto calmamente, mas Daniele e Raquel continuavam ansiosas e temerosas. Mesmo sabendo que ninguém iria procurar Ernestina tão cedo em sua casa, pensavam que alguma coisa pudesse acontecer e elas serem pegas.

As horas passaram e quase ao amanhecer chegaram a Natal. Rapidamente compraram as passagens para Porto Alegre e com desespero souberam que ainda teriam de esperar mais duas horas para embarcarem. Procuraram fazer um pequeno lanche e pouco conversaram para não levantar nenhuma surpresa.

Finalmente, depois de passadas as horas, estavam a caminho do Rio Grande do Sul. Mãe e filha conversavam pouco. Daniele queria acabar com tudo aquilo, voltar a São Paulo e entregar-se à polícia. Mas vendo sua mãe ali, ao seu lado, sabendo o que sofrera e como havia mudado de comportamento perante ela e o filho, sabia não ser possível. Também não saberia dizer se aguentaria viver numa prisão.

Sem perceber, as duas estavam sendo seguidas o tempo inteiro pelos espíritos de Josemar, Ernestina e Dermival, que durante todo aquele tempo continuava concentrado remexendo nas mãos a substância escura.

Em dado momento ele disse:

– Prestem atenção! Chegou a hora.

Ernestina e Josemar ficaram observando atentos enquanto Dermival aproximava-se de Raquel e com extrema rapidez plantava a massa escura que tinha nas mãos sobre o seu coração. A operação não durou nem três minutos e ao fim ele pediu:

– Observem. Veja o que vai acontecer com essa mulher maldosa e cruel.

Raquel, que por instantes havia cochilado, acordou sobressaltada sentindo o coração bater descompassado. Começou a suar frio, ficar pálida e querer desmaiar. Chamou a filha:

– Daniele, não estou me sentindo bem, abra a janela.

Ela obedeceu e perguntou:

– O que tem? Nunca a vi tão pálida!

– Estou com taquicardia. Meu coração está acelerado e bate de maneira que parece querer sair pela boca.

– Deve ser porque a senhora está nervosa com a viagem.

– É... Deve ser...

Raquel aspirou um pouco de ar fresco e começou a melhorar, mas segundos depois deu um grito agudo e tombou a cabeça sobre o ombro de Daniele. Um infarto fulminante a fez desencarnar. Percebendo o que havia acontecido, Daniele começou a gritar e chorar feito louca. Logo, todo o ônibus estava agitado e o motorista teve de parar, indo ver o que acontecia.

– Minha mãe passou mal e morreu, moço, ela está morta! – disse Daniele em desespero.

– Como aconteceu? Ela estava doente?

– Não, minha mãe tinha saúde de ferro. Foi o coração!

O motorista não sabia como agir. Por fim decidiu:

– Não podemos seguir viagem com uma pessoa morta dentro do ônibus. Ainda bem que não avançamos muitos quilômetros! Serenos obrigados a voltar. De onde vocês são?

Daniele queria mentir, mas naquele momento, vendo que a mãe havia morrido, decidiu contar a verdade:

– Somos de Parnamirim, interior do Rio Grande do Norte. Precisamos voltar a Natal, pois quero me entregar à polícia.

Gritos abafados se fizeram ouvir por todo o veículo. O motorista, nervoso e incrédulo, perguntou:

– Entregar-se à polícia? Explique-se direito.

– Somos, eu e minha mãe, foragidas da justiça. É tudo o que posso dizer. O resto só direi ao delegado, em Natal.

Sem ter mais o que conversar, ele seguiu com o ônibus até uma autoestrada, manobrou e logo estava de volta a caminho de Natal.

Foi difícil conter a indignação e o medo das pessoas. Assim que chegaram à cidade todos respiraram aliviados. A polícia já havia sido avisada e estava à espera de Daniele. Fez algumas interrogações, vistoriou as bagagens e ao ver tanto dinheiro o delegado questionou:

– Onde acharam isso aqui?

– Direi toda a verdade em depoimento na delegacia.

O corpo de Raquel foi retirado e levado ao IML, enquanto Daniele seguiu para a delegacia. Lá chegando, de maneira formal contou tudo o que tinha feito até a hora em que a mãe havia morrido no ônibus. O delegado estava surpreso:

– Seu caso foi muito famoso. Quem diria que ia se resolver logo aqui?

Ela apenas balbuciou:

– Estou arrependida, mas sei que agora é tarde. Quando vou para São Paulo?

– Já estamos em comunicação com a polícia de lá. Logo estará a caminho. – Olhando-a com desdém falou: – Deve pegar uns 50 anos de cadeia, quando sair vai estar velha e esse seu filho aí estará um homem. Além dos crimes de falsidade ideológica e assassinato em São Paulo, acabou sendo cúmplice de mais dois crimes em Parnamirim. Nunca vi uma jovem tão bonita, bem cuidada, envolvida numa coisa dessas. Costumo lidar com criminosos da pesada, mas nunca com uma cara de anjo feito a sua. Agora deixemos de conversa. Seguirá para uma cela especial porque está grávida, não sei se terá a mesma sorte em São Paulo.

Daniele seguiu de cabeça erguida para a cela e, mesmo sabendo que seu destino seria mesmo a prisão, sentia-se bem, como se estivesse em paz com a própria consciência. Sabia que seria muito difícil voltar e encarar Conrado e seu ódio,

mas era o melhor a fazer.

***

Foi o próprio Dermival que desligou os fios energéticos que ligavam o espírito de Raquel ao corpo. Não era tarefa fácil, pois em mortes repentinas, quando o corpo ainda tem todo o vigor físico e saúde o desligamento demora bastante, muitas vezes ocorrendo dias depois de o corpo haver sido sepultado. Mas ele tinha bastante técnica e pôde acelerar o processo, técnica essa aprendida com um mago do astral inferior.

Raquel despertou num lugar escuro e esfumaçado tendo Ernestina, Josemar e Dermival olhando-a com olhares inquisidores. Não estava compreendendo bem o que se passava e, aos poucos, viu melhor o ambiente. Estava deitava em uma estrada de terra cercada por árvores de troncos retorcidos e secos. Assustada ao ver Ernestina e Josemar, pensou que não conseguira matá-los e que fora pega por eles. Por essa razão disse:

– O que vocês fazem aqui comigo? Não era para estarmos em minha casa esperando a hora de Daniele dar à luz?

Ernestina avançou sobre ela e a esbofeteou com gosto. Sem poder revidar devido à extrema fraqueza, Raquel perguntou:

– Por que me bate? O que lhe fiz?

– Você é cínica, Raquel! Cínica, cruel, perversa e assassina. Você matou Josemar e eu. Quer motivo maior para eu lhe dar essas bofetadas?

Raquel, confusa, disse:

– Deixe de brincadeira, sabe que não gosto. Não matei ninguém, e mesmo que você tivesse morrido não estaria aqui para me dizer isso.

Dermival riu com gosto:

– A senhora é uma tola que não sabe ainda sua real situação. Pois a deixarei a par. Você conseguiu matar Josemar e Ernestina, sim. Mas nós fizemos justiça e a matamos também. Esqueceu que passou mal no ônibus e depois sentiu uma forte dor no peito? Eu provoquei um infarto fulminante e você morreu. Agora é nossa escrava e sofrerá tudo o que fez os outros sofrerem.

Raquel parecia estar dentro de um pesadelo, mas sentiu que o que aquele homem horroroso dizia era verdade. Pela quantidade de veneno que colocara nos cafés de Ernestina e Josemar não tinha como eles estarem vivos. De repente, lembrou-se de tudo, da falta de ar, do coração acelerado e finalmente da dor. Sentiu medo, muito medo, como nunca havia sentido na vida.

– Por favor, não me façam mal. Eu sei que errei, errei muito, mas foi por amor à minha filha. Não poderia aceitar que nos entregasse à polícia e ela fosse condenada a viver numa prisão, sem bons advogados, sem a chance de se livrar da pena.

– E achou que a solução seria nos matar? – bradou Ernestina colérica. – Não pensa no sonho destruído da minha filha? Não pensa que sentirão minha falta? E o Josemar? Ele era jovem, com tudo pela frente, mulher e filhos para sustentar. Você é uma monstra! Por essa razão vai para a cidade de Dermival e lá sofrerá o que merece. Aliás, nem sei por que ainda não fomos para lá.

Dermival, contrariado, disse:

– É que temos um empecilho.

– Qual? – perguntaram Josemar e Ernestina em uníssono.

– Olhem só. Apontou para a esquerda da estrada. Um casal de espíritos de meia-idade os observava.

– Quem são eles? Por que não os vimos antes? – questionou Josemar confuso.

– Vocês estavam tão concentrados em Raquel que não os viram chegar. Eles têm o direito de conversar com ela antes que a levemos.

Marilda e Francisco se aproximaram. Raquel, ao vê-los, levantou-se com dificuldade e os abraçou. Eles irradiavam uma luz prateada que aos poucos ficou mais forte e iluminou todo o lugar.

– Você precisa tomar uma decisão agora, Raquel. Viemos aqui para conversar e só depois que fizer sua escolha, é que poderemos agir – disse Francisco com bondade.

– Que decisão?

– O Plano Maior analisou toda a situação e principalmente suas intenções. Você terá a chance de ser socorrida se quiser.

Raquel continuava sem entender.

– Eu não tenho perdão. Como posso ser socorrida?

Foi a vez de Marilda falar:

– O que você fez ao longo da vida foi muito errado. Baseada em valores falsos corrompeu, mentiu, matou e roubou. Aumentou assim os seus pesados compromissos com as leis universais e com a própria consciência. Mas sua mudança de atitude nos últimos instantes da vida, arrependida, fazendo de tudo para ajudar Daniele, fez com que o Plano Superior atuasse a seu favor. É claro que não irá para uma colônia, nem para planos mais elevados, mas ficará num posto de socorro organizado aqui mesmo no umbral, onde poderá rever toda a sua vida e recomeçar.

– E o que preciso para alcançar tamanha graça?

– Precisa estar ciente de todos os erros que cometeu, arrepender-se agora e rogar a Jesus amparo e proteção.

– Mas eu não mereço. Creio mesmo que o melhor é ser escrava deles.

– Só você poderá escolher. Deus não deseja o sofrimento de seus filhos por pior que sejam os seus atos. Você vai se livrar dos tormentos que Dermival, Ernestina e Josemar querem lhe impingir, mas viverá dia após dia com sua consciência mostrando-lhe seus erros. Não para que se sinta culpada, mas para se sentir responsável e se preparar para a reparação. Escolha agora, é sua vez!

Raquel se ajoelhou na estrada de terra e orou para Deus com fervor:

“Deus, sei que nem mereço ser ouvida, mas não me deixe sofrer os horrores de

uma vida infernal. Em nome do seu filho Jesus, permita que eu prossiga minha vida com as dores de minha consciência, que será minha pior juíza, para que um dia eu possa me recuperar dessa doença chamada maldade e voltar ao Seu caminho.”

A prece de Raquel havia sido ouvida, e um halo de luz branca ainda mais forte os envolveu. Os três desapareceram dali.

Assim que a luz se apagou, tanto Ernestina quanto Josemar passaram a ter ainda mais ódio no coração.

– Como ela pôde ser ajudada e nós não? Afinal, as vítimas somos eu e Josemar.

– Mas vocês estão com desejo de vingança e muito ódio no peito, longe de se arrependerem. Por tudo isso, os iluminados nem lhes dirigiram a palavra.

Dermival sorria de modo maquiavélico, e Ernestina, sem entender, perguntou:

– Por que olha para nós e ri? Está rindo de nossa desgraça?

– Estou rindo porque consegui mais dois escravos para minha cidade. De agora em diante, terão de viver comigo e fazer tudo o que eu mandar.

Ernestina assustou-se:

– Mas Raquel não sofreu nada, você não cumpriu o que prometeu.

– Eu prometi matá-la, e fiz muito bem. Agora o que aconteceu depois, não é culpa minha. O que importa é que firmaram um trato comigo e não poderão escapar.

Josemar e Ernestina, percebendo que haviam sido enganados, tentaram correr, mas seus pés estavam paralisados. Dermival ria a valer e logo os puxou com forças magnéticas que os fizeram andar em direção à sua fortaleza.

Agora, Ernestina e Josemar iriam experimentar por um bom tempo o resultado de sentir um dos piores sentimentos que o ser humano pode ter: o da vingança. Mas como Deus jamais abandona seus filhos, assim que eles estiverem preparados e voltados ao arrependimento, serão socorridos e preparados para recomeçar.



Frente a frente

Conrado acabara de desligar o celular e, sentindo-se tonto, sentou-se em um dos bancos do imenso pátio da faculdade de Medicina. O que Adelina lhe dissera havia pouco o tinha deixado confuso. Daniele finalmente havia sido encontrada e presa. Por um lado, sua razão deixava-o feliz por sentir que finalmente a morte de seus pais seria justiçada, mas por outro, seu coração dizia que ainda amava aquela mulher com todas as forças de seu coração. Temia reencontrá-la e num ímpeto apaixonado dizer que lhe perdoava e que tudo faria para ficarem juntos. Que amor era aquele capaz de passar por cima de um assassinato e ainda continuar resistindo? Conrado não sabia dizer.

Por outro lado, havia Sofia. Tinham se casado havia seis meses e ele gostava muito dela; contudo, não era amor. Agora mais do que nunca sabia que nunca amara Sofia. Só em saber que Daniele estava por perto, que ele poderia vê-la, seu coração acelerava e sua vontade era de abraçá-la, beijá-la, acariciá-la. Mas não, ele jamais poderia perdoar aquela mulher mentirosa e assassina que destruiu sua família.

Decidido pela razão, foi para sua casa, onde encontrou todos reunidos na sala. Verônica se adiantou:

– O delegado ligou dizendo que em breve tomará o depoimento da criminosa. Disse que vai liberá-lo para duas pessoas da família. Vamos eu e você.

Conrado preferia não ir, mas não podia deixar outra pessoa ir em seu lugar.

– Iremos, sim. Finalmente saberemos por que ela fez tamanha maldade conosco.

Havia certa brandura no tom de voz de Conrado que não passou despercebido pela irmã:

– É impressão minha ou seu ódio diminuiu?

– Não, meu ódio permanecerá para sempre.

– Pois não parece. Por favor, não nos decepcione perdoando aquela infeliz.

Maurílio interveio:

– Já vi que de nada adiantaram os cursos que fizemos juntos, os nossos estudos sobre a espiritualidade. Se vocês são mesmo incapazes de perdoar, são incapazes de qualquer outra coisa boa na vida.

– Sempre você com essa onda de perdão – vociferou Verônica com raiva. – Diz isso porque não foi enganado nem teve seus pais assassinados pelas mãos dessa monstra. Queria ver se fosse você. Tudo é muito fácil quando acontece com os outros.

– Sei que não é fácil, amor. Mas vocês não fazem nenhum esforço para sequer abrandar um pouco a mágoa que sentem pela moça. Devo dizer que o perdão faz mais bem àquele que perdoa do que a quem é perdoado. Quem perdoa se liberta do mal, adquire evolução, ganha imunidade espiritual e física, vive feliz; enquanto o que recebe perdão continua com a culpa na consciência, sofre horrores até decidir pelo autoperdão, que é o perdão mais difícil que existe.

Verônica se calou. Sentia que o que o marido dizia era verdade, contudo ela não era falsa e não iria perdoar por perdoar. Seu coração estava endurecido pelo ódio e ela não iria fingir o que não sentia. Já Conrado estava tentado a perdoar Daniele; contudo, sua razão materialista dizia que jamais se devia perdoar um crime como aquele. Em sua ilusão e desconhecimento das Leis Divinas achava que se perdoasse estaria traindo os pais.

Quanta ilusão! Na Terra ninguém deve perdão a ninguém, pois todos são espíritos comprometidos entre si e com a própria consciência, devendo dar graças a Deus quando uma mão os faz sofrer para aprenderem um pouco mais. Isso não justifica a ação de quem faz o mal, mas mostra que ninguém na Terra está em condições de se ofender ou se magoar com as atitudes do semelhante, visto que o nível de evolução de todos é muito semelhante e ninguém pode dizer com segurança que nunca tomaria essa ou aquela atitude sem antes ter passado pela prova. Iludidos são aqueles que abrem a boca e dizem “dessa água não beberei”. Ninguém se conhece tanto a ponto de dizer essa frase, portanto devem ignorar sempre e incondicionalmente toda espécie de mal que venha a receber, tirando dele todo o proveito.

Sem dizer mais palavras, Conrado abraçou Adelina, e com Verônica, Sofia e

Maurílio rumaram para a delegacia. Na porta, uma multidão de repórteres foram ao encontro do carro de modo que com muita dificuldade conseguiram entrar no recinto.

Maurílio e Sofia ficaram do lado de fora, enquanto Conrado e a irmã aguardavam Daniele aparecer. Quando ela entrou na sala, seus olhos se encontraram com os de Conrado e não eram necessárias palavras, estava claro que se amavam como no primeiro instante. A surpresa de Conrado ao vê-la grávida foi tanta, que ele sentiu uma leve tontura, mas logo se recuperou quando ouviu os gritos de Verônica:

– Assassina! Bandida! Miserável!

O delegado Honório pediu:

– Se a senhora não contiver as emoções pedirei que saia do recinto, do contrário atrapalhará o depoimento.

Verônica calou-se e apenas se ouviu a voz de Conrado dirigindo-se a Daniele:

– Responda-me uma coisa: por quê?

Honório interrompeu novamente:

– O senhor saberá a resposta agora. Tenha paciência.

Daniele começou a narrar tudo em detalhes e à medida que ouviam, Conrado e Daniele se espantavam com uma história tão sórdida como aquela.

Ao término, quando ela assinava o depoimento, eles choravam muito sem saber o que fazer ou pensar. Daniele e a mãe se vingaram de um crime hediondo cometido por seus pais tempos atrás. Será que poderiam julgá-la tão severamente? Mesmo depois que ela foi levada de volta à cela Conrado não conseguiu levantar-se, pensando que a mulher que matara seus pais agora esperava um filho dele.

Maurílio veio ao seu encontro.

– Vamos sair daqui, amigo. Pode não lhe fazer bem.

Conrado saiu e foram para casa. Ao chegarem, participaram toda a história para Adelina, que ficou estupefata.

– Ela tem de apodrecer na cadeia.

– Eu não seria tão rigoroso assim – comentou Maurílio. – Ela errou sim, e muito, mas em minha opinião foi mais vítima da mãe do que propriamente a culpada.

Adelina continuava indignada:

– O que o dr. Gustavo e dona Rebeca fizeram faz parte do passado, eles já haviam se arrependido, não mereciam isso.

Conrado assustou-se:

– Você sabia dos crimes dos nossos pais, Adelina?

– Sempre soube. Quando vim trabalhar aqui com eles fiquei amiga deles e acompanhei todo o processo de culpa e remorso que eles vivenciaram, o que começou a acontecer quando vocês nasceram. Um dia eles me contaram tudo e eu jurei que manteria segredo para o resto de meus dias.

Verônica a interrompeu e, chamando Maurílio, pediu:

– Vamos subir, eu não sei o que pensar, nem sei o que sinto. Estou confusa e com dor de cabeça.

Adelina foi para a cozinha e Conrado ficou sozinho com Sofia.

– O que você vai fazer quando o bebê de Daniele nascer?

– Nós vamos criá-lo. Eu e você. Sei que sua alma é suficientemente nobre para aceitar isso.

– Claro que sim, e não esperava outra atitude de sua parte. Essa criança não tem nada a ver com essa situação e não merece ser entregue para adoção.

– Eu jamais deixaria um filho meu e de Daniele ser adotado!

Aquela frase revelou a Sofia o que ela já sabia havia muito tempo. Com carinho, ela olhou para Conrado e disse:

– Ainda a ama, não é?

Ele corou e reagiu:

– Não, claro que não! Como poderia amar aquela mulher?

– Não precisa mentir para mim. Sempre soube que nunca deixou de amá-la nem por um minuto sequer.

– Eu amo você.

– Também sei que me ama do seu modo, mas falo do amor verdadeiro, daquele que mexe com o coração, toca a alma e transborda pelos olhos. É isso que estou vendo, o seu amor por ela transborda por seus olhos.

Conrado chorou muito abraçado a Sofia, que alisava seus cabelos com carinho. Quando serenou, perguntou:

– Como você pode aceitar isso? Como pode ficar ao meu lado sabendo que amo outra mulher?

– Estou ao seu lado porque o amo e sei que não é o amor dos outros que nos alimenta, mas sim o amor que sentimos. Sinto-me feliz ao seu lado e também sei que sente uma espécie de amor por mim, o que nos facilita uma convivência harmoniosa, feliz, amorosa. Como não posso aceitar? Estou muito feliz assim.

– Não teme que um dia eu a deixe para ficar com Daniele?

– Não penso nisso. Você é livre e seu coração é independente. Se um dia isso acontecer, sentirei muito, mas o mundo não terminará e eu seguirei feliz, pois não dependo de nada para a felicidade, só ser eu mesma, me amar, fazer o que gosto, o que me dá prazer, ter fé na vida e em Deus. E depois eu posso amar outra pessoa também. Pensa que se me deixar ficarei sozinha chorando pelos cantos? – ela riu. – Logo estarei amando novamente e sendo amada também. Nosso coração é imenso, Conrado, nele cabe muita gente.

– Só você, com sua alma pura, para pensar dessa forma. Não tenho como agradecer a Deus sua presença em minha vida. Se não tivesse casado comigo não sei se teria aguentado tanto sofrimento.

Ela passou a mão delicada sobre seu rosto e finalizou:

– Agora vamos mudar de assunto e fazer uma prece por Daniele, ela está precisando muito de amparo.

Ele relutou, mas ao final, de mãos dadas com a esposa, orou por aquela que um dia assassinou seus pais.



Jonathan chega

Era alta madrugada e uma chuva torrencial caía por toda a capital paulista. Conrado acordou no meio da noite sobressaltado. Parecia que, em vez de Sofia, quem dormia ao seu lado era Daniele. Desde que ela reaparecera, confessara o crime e fora presa, ele nunca mais tinha sido o mesmo. Andava alheio, desinteressado pelos estudos, sentindo um grande vazio interior.

Sofia percebia, mas como era de seu caráter, respeitava o marido e apenas tentava ajudá-lo nos momentos mais difíceis em que ele se entregava à angústia e chorava por horas.

Conrado foi informado que Daniele e a mãe haviam assassinado duas pessoas no interior do Rio Grande do Norte e com mais esses crimes certamente ela pegaria o dobro dos anos de prisão que já estaria condenada pela morte de seus pais. Ele não via uma maneira de um dia ser feliz novamente com Daniele e isso o torturava. No fundo de seu coração já a havia perdoado, mas sua razão dizia não ser possível voltarem a conviver.

Maurílio, contrariando a tudo e a todos, ia visitar Daniele na prisão aos domingos, e entre eles nasceu uma forte amizade. Ele sempre falava que ela havia se transformado e que jamais cometeria outros crimes novamente. Quase sempre esses comentários faziam com que a família discutisse, e Verônica até tentou se afastar dele, mas, percebendo que ninguém conseguia controlá-lo, resolveu ceder. Já havia perdido os pais para aquela assassina e não iria se permitir perder o marido também.

Passava da uma da manhã quando o telefone da mansão tocou. Como estava acordado, Conrado atendeu em seu quarto. Uma voz pausada de mulher dizia:

– Preciso falar com o sr. Conrado. Ele se encontra?

– Sou eu. Quem gostaria?

– Aqui é Ana, recepcionista do Hospital das Clínicas. Uma detenta chamada Daniele acabou de chegar sentindo as dores do parto. A polícia pediu que o

informasse e que viesse imediatamente para cá.

Conrado gelou:

– Imediatamente? O que está acontecendo?

– Não tenho mais informações, senhor. Eles só pedem que venha o mais depressa que puder.

Sofia, que acordara e escutara parte da ligação, vendo o marido aprontar-se para sair, questionou:

– Daniele vai dar à luz? Entendi bem?

– Sim, e parece que está acontecendo algum problema, pois me chamaram com urgência.

Sofia sentiu um arrepio, contudo tentou disfarçar:

– Pode ser alguma coisa relacionada a despesas; afinal, você é o pai da criança.

– Não é, sinto que tem algo grave acontecendo.

Conrado beijou a esposa levemente e sob recomendações para que orasse, ele desceu as escadas. Assustou-se quando viu Maurílio todo arrumado e também pronto para sair.

– Para onde vai?

– Para o mesmo lugar que você. Não posso deixar Daniele sozinha em uma hora dessas.

– Como você soube? Sabe o que está acontecendo?

– Não posso nem devo enganar você, meu amigo. Daniele há dias vem tendo crises de pressão alta e tem estado com pés e mãos inchados. Foi levada aos médicos que disseram se tratar de pré-eclampsia e pediram todo cuidado. Queriam fazer cesariana, mas estavam esperando um pouco mais. Acontece que ela sentiu as dores antes do tempo previsto e agora só temos de rezar e pedir a Deus que tudo corra bem.

Conrado empalideceu.

– Mas como você soube?

– Daniele tem o número de meu celular. O delegado me ligou porque ela pediu, insistiu muito.

– Então vamos, não temos tempo a perder.

Os dois seguiram para o hospital e lá chegando souberam que Daniele havia acabado de entrar para o centro cirúrgico e estava sendo submetida a uma cesariana. Tentaram entrar, mas por mais que insistissem a direção do hospital não permitiu.

Começou para eles o angustioso tempo de espera. Os minutos iam passando lentos e nenhuma notícia. Até que um choro forte de criança os surpreendeu. Conrado, não suportando a emoção chorou sentidamente acompanhado por Maurílio. Alguns minutos depois, uma enfermeira saiu com a criança no colo. Olhando para os dois, disse:

– É um belo menino. Quem é o pai?

Conrado, orgulhoso pela linda criança que via, respondeu:

– Sou eu, dê-me aqui.

Ao pegar a criança nos braços, Conrado sentiu uma emoção que jamais experimentara em toda a sua vida. Chorou mais uma vez, deixando que as lágrimas caíssem pelo rostinho lindo do bebê. Após a emoção, que a enfermeira pacientemente esperou serenar, ela sorriu e disse:

– Preciso prepará-lo e levá-lo ao berçário. Tenha calma, papai, terá muito tempo para estar com ele.

Maurílio também pediu para segurá-lo. Enquanto isso, Conrado perguntou à enfermeira:

– E a mãe, como está?

O rosto de Marta se contraiu, tinha de dizer a verdade:

– A mãe não passa muito bem. A pressão está bastante alta e os médicos estão tentando de tudo para salvá-la.

– Salvá-la? – perguntaram Maurílio e Conrado em uníssono.

– Sim. Ela teve pré-eclampsia, chegou a ter uma pequena convulsão antes da cirurgia e o perigo não passa até 24 horas depois do parto. Agora os médicos estão tentando baixar a pressão com medicamentos e terminando de dar os pontos da cesariana.

Conrado e Maurílio sentiram um arrepio de medo. Daniele não poderia morrer. Apesar de tudo era amada e tinha o direito de um dia ficar livre e poder conviver com o filho. Em desespero, começaram a orar. Horas depois, os médicos saíram e, olhando para Conrado, disseram:

– A custo conseguimos baixar a pressão, mas além disso Daniele perdeu muito sangue e precisou ir para a Unidade de Terapia Intensiva. Vou deixar que entrem rapidamente porque ela insiste em vê-los, mas não posso permitir mais do que cinco minutos.

Após se vestirem adequadamente, ambos entraram na UTI com o coração aos saltos. Daniele, olhos semicerrados, pálida, demonstrava muito sofrimento no olhar. Conrado se aproximou e ela disse fracamente:

– Conrado, meu amor, perdoe-me. Não posso deixar este mundo sem o perdão da pessoa que mais amo.

Sua voz era ofegante e, naquele momento, Conrado deixou toda a razão de lado e, beijando-lhe o rosto e as mãos, falava emocionado:

– Eu também a amo, Daniele, desde a primeira vez que a vi, e sei que vou amá-la eternamente. Mas você não vai morrer, vai se recuperar e eu vou lutar para que saia da prisão o quanto antes, aí seremos felizes, eu você e nosso filhinho. Por favor, viva! Viva pelo nosso amor!

Ela deixava que lágrimas grossas descessem espontâneas sobre seu rosto. Com a voz cada vez mais fraca falou:

– Que alegria saber que me perdoa, mas sei que não poderei ser feliz ao seu lado, pelo menos nesta vida. Cuide bem do nosso filho e peça a Sofia que o ame assim

como eu o amo. E... e... – sua voz sumia cada vez mais. – E coloque nele o nome que desejo, o nome que vi um dia numa revista e achei lindo, chame-o de Jonathan.

– Sim, meu amor, ele será o nosso Jonathan.

– Maurílio – dirigiu-se ela ao amigo, esforçando-se para falar –, você foi o anjo que Deus colocou em meu caminho para me orientar no arrependimento e no desejo de recomeçar uma nova vida. Quando todos me abandonaram, quando me sentia extremamente só e triste só você se importou comigo e, com sua bondade, foi me ver para conversar sobre Deus e sua infinita bondade. Um dia, no futuro, numa próxima existência, hei de retribuir tudo o que me fez. Com você aprendi o que é a verdadeira vida. Deus o abençoe, eu o amo...

Dizendo essas palavras, Daniele entrou em uma crise de severa convulsão e enquanto Maurílio corria para chamar os médicos, ela exalou o último suspiro, apertando fortemente a mão de Conrado.

Não havia mais nada a fazer...



Epílogo

Daniele foi recebida com muito carinho no plano espiritual, onde procurou se adaptar e seguir as normas. Não pôde ficar perto de Raquel, cuja perturbação era enorme e necessitava por vezes ser adormecida e levada às câmaras de hibernação.

Cada vez mais arrependida, procurou rever o passado e, ao descobrir tudo, chorou muito, mas ajudada por espíritos amigos conseguiu se recuperar. Descobriu que Jonathan fora o padre Rafael, que ela amou intensamente quando esteve no convento, mas que o assassinou quando descobriu que era traída por uma das suas amigas noviças. Agora, dera sua vida em troca da dele, vendo-se livre totalmente das amarras da culpa.

Seu espírito, inconscientemente, escolheu desencarnar a ter de viver numa prisão terrena sem nenhuma necessidade, uma vez que já havia aprendido a lição maior do valor da vida. Dali em diante nunca mais assassinaria alguém.

Foi com felicidade que pôde visitar Gustavo e Rebeca, que, resgatados da gelatina onde se consumiam, agora se recuperavam num posto de socorro. Perdoaram-se mutuamente e estavam dispostos a um dia se reunirem novamente para seguirem no caminho do bem, na reparação dos delitos cometidos.

João e os filhos continuavam loucos no umbral, à procura da mulher e da filha. O estado mental perturbado deles era tão grande que os mentores resolveram adormecê-los para depois submetê-los a reencarnações compulsórias, quando restaurariam o equilíbrio do perispírito e da mente. Quando fosse oportuno, também se reuniriam com os demais para se harmonizarem.

Na Terra, a felicidade era grande. Recuperado da morte de sua amada, Conrado seguia com Sofia educando com muito amor o pequeno Jonathan, que crescia cada dia mais belo e inteligente.

Verônica e Adelina, por sua vez, também perdoaram Daniele e com Maurílio, Conrado e Sofia sempre lhe enviavam boas vibrações para que estivesse feliz onde quer que fosse.

Soraia, assim que soube da prisão da sobrinha, arrumou as malas e fugiu sem que ninguém percebesse, tornando-se assim uma foragida da justiça.

***

Era noite de Natal e a família estava reunida para a ceia. À meia-noite, todos fizeram uma prece e se lembraram de Daniele, rogando a Jesus muita luz para seu espírito.

A mansão estava linda, cheia de luzes coloridas adornando as árvores. Após orarem, todos foram cear. A um canto da sala, Daniele chorava emocionada, abraçada a sua sempre amiga Flávia, mentora que sempre a auxiliou em todos os momentos. Enxugou discreta lágrima e, olhando para eles, disse:

– Bem que eu poderia estar lá usufruindo de toda essa felicidade.

Flávia falou amável:

– No momento sabe que não é possível, você não fez boas escolhas, mas um dia sim, será totalmente feliz como sempre sonhou. Ter paciência e saber esperar é uma virtude que todos devemos aprender em favor de nossa paz.

– Por que erramos tanto? Se soubéssemos o que iríamos passar, tenho certeza de que não faríamos nenhum mal a ninguém.

– Concordo. Mas o homem entra tanto nas ilusões da matéria que ignora sua essência divina e todo o bem que é capaz de fazer. Só pratica o mal aquele que está longe dos anseios mais profundos de sua alma, que só quer o bem, só quer ser feliz. Mas tenho esperanças e sei que um dia todos os homens na Terra esquecerão essa grande ilusão, que é o mal, e nunca mais veremos uma só lágrima ser derramada. Só haverá luz, paz, amor e alegria.

Flávia, vendo que Daniele meditava sobre suas palavras, concluiu:

– Não fique triste e lembre-se sempre das palavras do nosso querido Chico Xavier: “Embora não possamos voltar atrás e fazer um novo começo, podemos

começar agora e fazer um novo fim”. Essa é senha para todos aqueles que querem refazer sua vida e encontrar a felicidade.

Nesse instante, ambas perceberam que algo inusitado acontecia. O pequeno Jonathan, nos braços de Conrado, via Daniele, agitava os bracinhos e dizia sua primeira palavra: “Mamãe”.

FIM